

Céu de MENTA

CAMILA MARTINS



HOPE



Céu de Menta

Camila Martins
2018

Copyright© 2018 Editorial Hope
Copyright© 2018 Camila Martins

Editora responsável: Jéssica Milato
Direção editorial: Jéssica Milato
Capa: Marcio Zanini
Revisão: Luísa Aranha e Mari Monni
Diagramação Digital: Denilia Carneiro

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa.
Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora e editora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sumário

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

Sinopse

"Ana e João são vizinhos. E o que separa suas casas é apenas um jardim.

Mas, na concepção de João, a diferença dentro de cada lar era tão grande, que foi capaz de criar um universo que os separa além do gramado, gerando o seu planeta, verde e gelado e o de Ana, colorido e repleto de amor.

Ana é espectro autista, gosta de tudo lento para se adaptar. João, apesar de todos os seus pesares familiares, é dono de um coração de ouro.

Cada um com seu dom, seu jeito especial de enxergar o mundo e de reagir a ele.

Aos dozes anos eles se conheceram, aproximando seus planetas tão opostos.

Aos dezesseis eles já haviam construído um sentimento lindo e verdadeiro, além do imaginável.

A presença de João torna-se confortável para Ana. Ele é tranquilo como um céu matutino.

A presença de Ana torna-se emocionante para João. Ela é surpreendente como um céu crepuscular.

O amanhecer e o anoitecer... Tão opostos.

Qual cor o céu deveria ter para uni-los?"

Capítulo 1



Era uma manhã de julho.

Mas não estava frio como deveria estar; o inverno daquele ano parecia uma primavera. Ana estava contente com isso, afinal, ela não gostava de frio muito frio, como também não gostava de calor muito calor. Às vezes, ela não se importava com essa questão do clima. Tendo as roupas certas para a temperatura bem guardadas na gaveta, então não haveria problemas. O que causava desespero em Ana era abrir suas gavetas e não encontrar a peça certa para a ocasião. Isso gerava um estresse enorme que somente sua mãe, Carolina, dava conta de resolver, ou não. Tinha vezes que nada resolvia. Só o tempo.

Ana se arrumava para a escola com o passo a passo já demarcado, numa rotina perfeita. Ela não gostava de ir para a escola porque não se sentia confortável em meio a tantas crianças barulhentas, mas como era parte do dia a dia de Ana, então ela ia. Bastava pensar que era algo simples e reto, com começo, meio e fim. O fim era bom, sinal de que voltaria pra casa. A casa era boa e segura, com todos os objetos e acontecimentos bem organizados, na maioria das oportunidades, já que imprevistos acontecem. Porém, era seu lar, com as mesmas cores, os cheiros característicos, os móveis confortáveis e sempre aptos para ela. Com a mãe Carolina, o pai Roberto, o irmãozinho de dois anos Davi e o cachorro Bolota. E Ana! Claro, o lar também tinha Ana. Ana Maria que na época estava com doze anos. Juntos formavam a família Salles. Família essa que morava na Rua das Cerejeiras, número 327.

E naquela manhã atípica de julho Ana, descobriu uma pessoa. Um vizinho. Que morava na casa ao lado. Ele apareceu em sua janela, dando em Ana um susto danado que a fez soltar um gritinho abafado. Ela não o viu chegar, estava ocupada em sua mesa anotando as tarefas da semana na agenda colorida de marcadores e clipes de plástico. A menina gostava de fazer as anotações na agenda pela manhã justamente por causa da janela: os raios de sol matutinos eram suaves e Ana leu em algum lugar que era bom pegar sol para a absorção da vitamina D. Vitaminas são sempre importantes. Ana fechava os olhos e imaginava letrinhas D sorridentes tocando em sua pele e sendo absorvidas para que sua saúde fosse perfeita.

No meio de uma passada de página, Ana virou a cabeça para observar a rua e se deparou com aquele menino de cara redonda, grandes bochechas e olhos pretos a olhando e acenando sorridente. Claro que Ana deu um pulo da cadeira, o que assustou o menino também, que se desculpou, envergonhado.

—Ei, menina, me desculpe! Eu não quis te assustar. Uau!Você quase me fez cair pra trás bem aqui no seu jardim.

Ana virou o rosto e ergueu a mão para cobrir a sua visão do menino. Ela queria se esconder dele, estava envergonhada, tímida, não queria conversar com ninguém. Sem olhar, puxou as cortinas, a fechando na cara do garoto de bochechas levemente rosadas.

— Meu nome é João! — ele falou alto para que ela o escutasse e ignorando os modos estranhos da menina. — João Paulo. E o seu?!

— Vai embora! — a menina gritou de dentro do seu quarto.

— Por quê?

— Porque sim.

— Estamos de férias, são poucos dias e está calor, achei que poderíamos brincar aqui fora um

pouco. Meus amigos da rua viajaram. Quer ser minha amiga? — Ana não resistiu à curiosidade e abriu uma frestinha na cortina.

— Não gosto de amigos.

— Mas por quê? — João perguntou, intrigado.

— Não consigo entendê-los. São rápidos e falam rápido e correm e mudam de ideia o tempo todo.

— Sério?

— Muito sério. Eu não consigo acompanhar isso, me deixa nervosa e quando fico nervosa, eu sinto infelicidade.

— E se eu disser pra você que sou lento igual uma tartaruga idosa?

— Você é lento?

— Muito lento. Ta vendo aqui? — João apertou sua barriga com ambas as mãos. — O nome disso é banha! Sou gordo. Gordos são lentos. Eu gosto disso. Mas tem quem não goste, que ache engraçado, que ri de mim e me apelida de baleia e saco de areia. Eu não ligo pra isso mais. Aprendi a deixar pra lá. Eu amo comer. — Deu de ombros.

— Você tem bochechas fofas.

— Obrigado. Se isso tiver sido elogio.

— Não sei se foi elogio. Eu só falo o que vejo. Posso ser indelicada às vezes, mas não é por mal, é só que escapa...

— Tudo bem, não tem problema. Quer brincar?

— Não gosto de brincar.

— Nossa! E o que você faz, então?

— Eu leio, estudo, ouço música, faço lição de casa e anoto coisas. E ah! Faço parte da minha família, então mamãe me chama pra interagir.

— Lá em casa, eu não preciso interagir. Se eu sumir, acho que eles não dariam falta.

— Como assim? Você vai sumir? Tipo desaparecer no ar?! — Ana questionou e sua mente viajou imaginando João simplesmente evaporando no meio da sala de estar.

— Não, boba. Eu só dei um exemplo.

— Ah, tá. Tudo bem, então.

— Não tenho nada pra fazer, posso entrar aí pra fazer o que você gosta de fazer?

— Não! Nem pensar!

— Eu juro que me comporto.

— Não é isso. É que eu não sei entender esse tipo de coisa. Pelo menos foi isso que a minha terapeuta disse.

— Então vem aqui fora.

— Não posso!

— Aqui no jardim.

— Isso é estranho. Eu não vou mais ao jardim, não estou mais acostumada com isso.

— Mas sempre se pode recomeçar.

— Eu preciso me acostumar com essa ideia. Você poderia me dizer como está aí fora?

— Dizer?

— É! Me diz como está o clima, a rua, a calçada, as flores, as nuvens, o céu. Eu vou anotar.

— Você quer que eu diga exatamente tudo isso?

— Por favor. — Ana esperou com a caneta azul já posicionada na folha da agenda. João revirou os olhos brevemente e olhou em sua volta, então começou a narrar:

— O clima está quente, mas não chega a queimar e arder. A rua está vazia, excelente pra andar de bicicleta ou patins. A calçada tem folhas velhas da grande árvore. As flores estão roxas nas arvorezinhas dos pátios das vizinhas. — João inclinou a cabeça pra cima e cobriu os olhos com uma mão. Ana anotava tudo o que ele falava e imaginava cada cena. — Há poucas nuvens e elas são compridas e finas, minha avó diz que é sinal de que vai chover. O céu está azul.

— Que tipo de azul?

— Sei lá! Azul celeste? — ele tentou um palpite.

— Azul celeste é bom.

— Podemos brincar agora?

— Volta daqui uns vinte minutos.

— Pra quê?!

— Eu preciso ler isso e assimilar. Depois vou falar com a minha mãe. É assim ou nada.

— Você é complicada, menina. Mas eu volto em vinte minutos.

— Seja pontual e meu nome é Ana Maria Anchieta Salles. Ana.

— Até logo, Ana.

Ana voltou a fechar as cortinas e ficou um tempo lendo e relendo sobre o que tinha acabado de escrever. Quando achou que já tinha lido e assimilado, saiu do seu quarto caminhando até a cozinha, onde Carol, sua mãe, começava a separar os legumes para o almoço enquanto seu irmãozinho sacudia chocalhos e carrinhos no tapete da sala. A televisão estava ligada e passava um programa sobre saúde e culinária.

— Mãe! — chamou e esperou que ela a olhasse, para assim dizer o que queria. Carol ouviu a filha chamar e olhou para ela, aguardando que a menina falasse o que queria.

— Mãe! — repetiu Ana. Carol esquecia por vezes de que Ana só falava depois que ouvia que a pessoa estava atenta.

— Estou ouvindo, filha. Fale. — Secou as mãos em um pano de prato com a pintura de uma galinha d'Angola e deu mais uma espiada breve em Davi, que se entretinha com seus brinquedos barulhentos.

— Um menino chamado João quer que eu seja sua amiga e me convidou para brincar. Mas eu disse pra ele que eu não gosto de brincar e nem de amigos, então ele me disse que poderíamos só fazer as coisas que eu gosto de fazer ali no nosso jardim. Depois eu pedi que ele me falasse como estava o clima, a rua, o céu e eu achei tudo bem favorável. O que a senhora acha? — falou rápida e sem intervalos, do jeito que ela sempre fazia e sua mãe já estava acostumada. Porém, isso não impediu Carol de ficar levemente preocupada.

— Que João? O vizinho? — A mãe lembrava vagamente de um menino filho da vizinha. O pai gritava o nome dele quando estava na hora de entrar. E eram verdadeiros gritos: roucos, graves, sem gentileza. Causavam sustos. O menino parecia uma boa criança, obediente. Também, como não ser se só os gritos geravam pavor?

— Sim. Ele tem um rosto redondo e é gordo. Mas foi ele quem disse! Juro! Sei que é feio — correu em corrigir a gafe. Desde sempre, seus pais diziam que ela deveria ser respeitosa com as pessoas e de que era feio rotular. Eram apenas pessoas: nem gordas, nem magras, nem isso ou aquilo. Só pessoas.

— Certo, certo. E você quer ir ao jardim conversar com ele?

— Na verdade, eu não tenho certeza, mas acho que não seria tão ruim. Ele me pareceu legal e disse que é lento. Qualquer coisa, eu saio correndo e entro em casa. Parece bom?

— Acho que você está certa. Fazer coisas diferentes é legal. Pode ir, filha, eu estarei bem aqui caso você precise — sorriu, amorosa.

— Tudo bem. Vou ao jardim. — Ana aproximou-se e inclinou o rosto, esperando o beijo de sempre que sua mãe dava. Ao recebê-lo, ergueu seus lábios para também beijar o rosto de sua mãe. Ana não gostava de muito contato carinhoso, mas com seus pais ela estava acostumada, principalmente com sua mãe, a quem ela recorria sempre que precisava de colo e afeto.

— Te chamo em uma hora para o almoço. Se quiser entrar antes, tudo bem.

— Ta bom.

Ana deixou a cozinha e passou na sala para ver seu irmão. Davi lhe mostrou os brinquedos e também mostrou que sabia usá-los. Ana riu das travessuras do maninho de cabelos pretos e curiosos. Beijou Davi, que sorriu banguelo, e atravessou a sala indo até a porta da frente deixando a casa.

Carol sentiu felicidade e angustia. Felicidade por ver sua filha interagindo com outras crianças da mesma idade e angustia porque temia que alguém machucasse sua pequena joia. Sua menina especial. Orou rapidamente a Deus, pedindo proteção, suspirou e voltou para seus legumes e para Davi, que resolveu revirar os porta-retratos da estante.

Na calçada do jardim, Ana esperou. Faltavam dois minutos para o combinado. E então, ela avistou João correndo esbaforido em sua direção. Mas não era uma corrida rápida, era a corrida mais lenta que Ana tinha visto e então ela sorriu.

— Cheguei. Quase atrasei, mas tô aqui — disse, respirando ofegante e apoiando as mãos nos joelhos que continham arranhões e roxos.

— Que bom que está aqui.

— Podemos sentar?

— Acho que podemos.

João caminhou até a beirada da calçada da casa da família Salles e sentou-se no meio fio. O bairro era muito tranquilo, a cidade toda era, o que proporcionava aos moradores não se preocuparem com grades e portões. Não havia muros rodeando as casas. Eram apenas cercadas pelos pátios, plantas e árvores.

Roberto e Carol se mudaram para ali assim que Ana completou três anos e eles tinham o diagnóstico em mãos. Não pensaram duas vezes ao abandonarem o apartamento bem localizado no centro da cidade, perto de tudo, das escolas, centros comerciais, shoppings, a empresa em que Roberto trabalhava, e se mudarem para a casa numa cidade que ficava a uma hora de distância do centro, mas que era tão segura, bonita e perfeita para a filha deles. Mais cara também. Todavia, isso não poderia ser um empecilho. A saúde dos filhos era prioridade e eles dariam um jeitinho.

— Senta também. — João apontou o espaço onde ela poderia sentar. Ana analisou a proposta e decidiu que tudo bem. — Você não sai de casa nunca?

— Saio pra ir pra escola e para passeios em família ou idas ao médico, terapias.

— Por que você faz terapia? — João quis saber e então descobriria sobre Ana e sobre tudo o que era o mundo de Ana e o que sempre seria. A amizade verdadeira começaria bem ali.

— Sou portadora de TEA e...

— Transportadora de quê?! — interrompeu, curioso.

— Não é transportadora!! Não! É portadora!

— Ah, eu jurei que você era caminhoneira como meu pai. Transportadora! — começou a rir da sua imaginação.

— Já falei que é portadora! PORTADORA! Para de rir. Para. Para! — Cobriu seus ouvidos.

— Tudo bem. Desculpe. Eu sou meio bobo. Não vou rir mais. Você não vai embora, né?

— Se ficar rindo, eu vou.

— Juro que não rio mais. Juradinho — prometeu, sério.

— Está bem. Vou ficar.

— O que é portadora de TEA?

— TEA é o transtorno do espectro autista. Sou autista, João. Num grau leve, mas sou.

— Ah... já ouvi falar disso. Minha mãe uma vez disse que tinha um primo autista que só se balançava. Ele nunca falava nada. Teve um dia que fomos visitar essa prima da minha mãe e eu vi ele. Na sala, perto da parede. Eu quis me aproximar e falar com ele, mas minha mãe quase arrancou minha orelha. Senti pena dele, ali sozinho. Faz tempo que não vejo ele mais.

— Ele tem um grau mais severo, mas existem bons tratamentos. Eu faço os meus e estou bem.

— Minha mãe faz terapia. Antes, ela vivia chorando pelos cantos da casa. Agora, toma tantos remédios que ela basicamente só dorme.

— Isso não é bom.

— Pelo menos ela não chora mais. Não todos os dias, como era antes.

— Entendo.

— Meu pai trabalha numa transportadora e quando chega em casa ele grita. Parece um trovão. Acho que ele poderia fazer terapia também. Minha mãe sugeriu uma vez, o que gerou mais gritos e xingamentos. Meu pai parece um homem das cavernas. Tenho duas irmãs mais velhas que só comem, dormem e saem e uma avó que lê livros e assiste novelas enquanto tricota casacos de bebês que não irão para bebê nenhum — falou enquanto desenhava traços bagunçados com um pedaço de graveto na terra que se acumulou naquele canto do asfalto. Então virou-se para Ana e perguntou: — Como é a sua família?

— Minha mãe é amorosa e cantarola canções antigas. Meu pai trabalha fora numa empresa que fabrica carros, ele é legal. Meu irmãozinho chora, ri, faz xixi, cocô, brinca, come e dorme.

— Parecem ser bacanas.

— É.

— Ana! Vamos entrar? Está pronto o almoço — chamou Carol na porta, segurando Davi apoiado em seu quadril. Seu coração batia feliz e preocupado vendo sua menina ali, conversando e crescendo. Ela estava crescendo e isso era assustador para Carol. Quando foi que o tempo resolveu passar tão depressa?

— Estou indo! — disse, voltando para sua mãe e depois dirigiu-se a João. — Preciso entrar. Tchau. — E levantou-se.

— Podemos conversar no jardim outra hora? — perguntou, olhando pra cima. Ele ainda estava sentado e Ana em pé cobrindo o sol do meio dia.

— Acho que eu posso fazer isso amanhã.

— Somente amanhã?

— Um passo de cada vez. E não se esqueça de me dizer o clima e a cor do céu amanhã.

Ana deu as costas e correu brevemente até alcançar sua porta, entrando e a fechando. João pensou que estaria enrascado se tivesse que ficar descrevendo o clima e as cores das coisas ao redor toda a vez que eles se encontrassem para brincar e conversar.

O que ele não sabia é que ele faria isso, por muitas vezes seguidas, porque os anos passaram e o que não passou foi a amizade que surgiu.

Capítulo 2



João sai do banho e se lembra que dia é hoje.

Vinte e dois de junho. Seu aniversário. Ele está completando dezessete anos. Parece uma boa idade: nem adolescente e nem adulto. Está no meio termo.

Depois de se vestir, ele sai do banheiro, ainda enxugando os fios molhados com a toalha. Passa pela cozinha e vê sua irmã dois anos mais velha, Paula, comendo uma enorme fatia de pizza que havia sobrado do jantar do dia anterior ou de dois dias atrás. O relógio indicava sete horas da manhã. Ele já está acostumado com o comportamento estranho de Paula, que troca o dia pela noite.

— Que tá olhando, idiota? — pergunta Paula, com a boca suja de molho de tomate e com aquele mau humor eterno. Os olhos borrados de rímel e lápis preto e o batom vermelho se misturam ao molho. A cara tão branca como um fantasma.

— Nada — responde e dá de ombros. Passa por ela, que permanece mastigando e bebendo longos goles de Coca Cola.

Na sala, ele encontra sua outra irmã mais velha, Bianca, dormindo atirada no sofá maior. Pelas roupas que trajava, no mínimo caiu dormindo ali depois de encher a cara em uma festa qualquer. Resolveu nem falar nada. Acordar Bianca é quase tão catastrófico quanto tirar a comida da Paula.

Chega à varanda e os sons específicos alcançam seus ouvidos: o rangido suave da cadeira de balanço da sua avó, Clara. Decide cumprimentá-la, dar bom dia. Vóvó adora prostrar-se. Ela é a pessoa mais sociável de toda a família, seu gosto pela leitura a faz ter sempre bons assuntos e ótimas histórias passadas, mas a memória vinha falhando para coisas cotidianas.

— Bom dia, vó! Dormiu bem? — pergunta João, depois de beijar a testa de sua avó.

— Bom dia, filho. Dormi bem, e você?

— Bem também. O que a senhora acha do tempo hoje? Será que vai chover?

— Meu tendão não está inchado. Não chove, não. Pode estender as roupas na rua.

— Ótimo! Vou pendurar essa toalha agora mesmo.

— Vai sair filho? Tá perfumado.

— Tenho aula, vó. Estudo de manhã, lembra?

— Claro que lembro! Como lembro também de outra coisa... — João acha, por um instante, que um milagre aconteceu e que sua avó tinha se lembrado do seu aniversário.

— Que outra coisa?! — indaga, ansioso.

— Que sua irmã acabou de chegar não faz meia hora. Tem que fazer ela ir se deitar na cama dela, tá esparramada no sofá!

— Ah, sim. Pois é! Bom, a senhora sabe se meu pai já saiu?

— Saiu. Antes de amanhecer. Ele é trabalhador. Ele é.

— É. E a mãe? — Na verdade, ele sabia todas as respostas, mas queria aproveitar a companhia de alguém ali naquela casa tão cheia e tão vazia.

— Deitada. Acho que desde ontem. Ai, ai, Sílvia... — a avó lamenta.

— Tá certo, vó. Vou entrar e tomar café. Quer alguma coisa?

— Nada não, meu filho. E não se preocupe em levar guarda chuvas, não vai chover hoje. Me dê aqui a toalha, vou estender pra você.

— Não precisa, vó. Eu estendo.

— Ah, então me traz o jornal, o menino já colocou no correio.

João assente e desce os dois degraus da varanda, indo buscar o jornal. A avó é leitora compulsiva, lê tudo o tempo todo. E quando acabam as leituras novas, ela relê as velhas. Ele abre a portinha da caixa do correio: uma caixinha em formato de casa de dois andares branca com janelas e porta vermelhas. É uma réplica perfeita de uma mansão bela e feliz, onde habitariam pessoas belas e felizes. O que não acontecia na casa verdadeira. Não custava fingir que era igual, não é?

Sua mãe comprou a caixa em uma feira de artesanato local, que havia custado caríssimo, mas para Sílvia custou quase nada.

João pega o jornal, que não cabe por inteiro, e fecha a portinha para que não estrague. Sua mãe ficaria louca se visse um arranhão ali. Ao virar-se para retornar, seus olhos instintivamente olham para a casa vizinha. Não é uma casa enorme como a sua, não tem a suntuosidade que a sua quer passar, mas um jeito de lar que a sua nunca terá.

E lá na janela estava Ana, em pé, sorrindo. Ana e seus cabelos vastos, pretos e com ondas bonitas; suas sobrancelhas grossas e bem desenhadas, arqueadas pelo riso; a pele, que mantém o eterno tom bronzeado, cor de canela, que herdou da parte índia da mãe e negra do pai, reluzindo pelo reflexo do sol tímido daquela manhã de inverno.

Ela abana rapidamente. Se João tivesse piscado, nem teria visto. Ele abana de volta e sorri, sentindo o que sempre sente ao ver Ana: alegria e nervosismo. Nem sempre Ana sorri quando o vê. Às vezes, ela nem o olha no rosto. Mas hoje, Ana está sorrindo e João sente-se presenteado. Pra quê melhor presente do que aquele? Um sorriso espontâneo logo cedo! É bom demais!

Ele faz um gesto de espera com a mão e Ana olha intrigada até entender que ele está pedindo que ela aguarde ele retornar. João sai apressado, deixando o jornal com a avó e dando nela mais um beijo na testa. Ela agradece e diz para ele o que diz todo o santo dia quando ele está prestes a sair de casa.

Na sala, Bianca segue dormindo. Na cozinha, Paula não está mais. João corre para preparar um leite com bolachas e pega sua mochila no quarto com a cama por fazer. Mais tarde ele arruma, agora não há necessidade. E Ana está sorrindo, não pode perder isso!

Engole em grandes goles o leite esai, alcançando apressado o jardim e o atravessando para encontrar com Ana na janela.

— Bom dia, Ana! — cumprimenta, ofegando de leve. Ana acha engraçado o jeito que ele corre. Parece que nunca vai chegar.

— Bom dia, João.

— Está pronta? Podemos ir?

— Estou pronta! Eu te vi pegando o jornal.

— Eu vi que você me viu. Você sorriu.

— Eu sorri porque você tem um jeito diferente.

— Eu sei que tenho um jeito engraçado. Você já me falou isso tantas vezes. Mas eu nunca tinha visto você na janela a essa hora e sorrindo!

— Hoje eu quis ser, como dizem? Radical. Você gostou?

— Da Ana radical? Eu gostei. Quer vir aqui fora agora? Já podemos ir?

— Ainda não. Ta faltando uma coisa.

— Ah sim! Bem, hoje está fresquinho e...

— O que seria fresquinho mesmo? — Ana para antes de anotar na agenda.

— Nem muito frio, nem muito calor. Acho que está *dezessete* graus — fala, sugestivo. Ana não percebe nada.

— Bom. O que mais?

— Flores roxas. Sol entre nuvens. Céu azul anil.

— Só isso por hoje?

— Só isso por hoje. Podemos ir agora? — soa impaciente. Chateado? Provavelmente não.

Ana só balança a cabeça e pega a mochila deixando o quarto. Na cozinha, a mãe está secando xícaras quando ela passa. Davi ainda dorme. A aula dele é no período da tarde.

— Já vai, filha?

— Sim.

— Boa aula, querida. — Carolina beija o rosto da filha mais velha e sorri ao ver a linda mulher que ela está se tornando. Consegue até se ver nela.

— Até logo.

— Não esquece que eu te amo.

— Não esqueço. Você me fala todo o dia. Amo você também, mãe. — Ana volta, abraça sua mãe rapidamente e sai correndo para o jardim, onde um João ansioso a espera.

Um João ansioso e segurando uma toalha molhada!

— O que está fazendo com essa toalha?

— Ah, eu sou um cabeça oca mesmo! — João exclama e logo Ana imagina a cabeça de João do lado de dentro totalmente vazia. Não! Ele não tinha uma cabeça vazia!

— Você tem um cérebro dentro da sua cabeça. Ela não pode ser oca! — O garoto sorri de leve porque Ana leva tudo ao pé da letra, sempre.

— Você está certa. Eu tenho um cérebro, mas hoje ele está preguiçoso. Digo, estou pensando mais devagar. Espera, vou largar a toalha no varal e já volto. — Ana assente e ele sai correndo de novo, deixando a toalha de qualquer jeito pendurada no varal vazio. Quando retorna, em menos de um minuto, reencontra Ana no mesmo lugar.

— Vamos lá?

— Sim.

Lado a lado, eles deixam o pátio da família de Ana e seguem na rua asfaltada e pouco movimentada do bairro. Enormes plátanos fazem companhia durante toda a trajetória. Folhas secas se espalham aqui e ali e é divertido pisar nelas e ouvir o barulho seco e crocante. Quando as folhas ficam secas, eles podem competir pra ver quem consegue a mais seca de todas. João deixa Ana ganhar. Ele escolhe as mais molengas só pra ver o sorriso triunfante de vitória da sua amiga.

— Você venceu de novo! Não sei porque eu ainda insisto em querer jogar esse jogo com você!

— Mais sorte da próxima vez. — fala séria, mas seu semblante transparece um ar de satisfação muito seu. João adora a forma como as sobrancelhas dela ficam levemente erguidas e como seus olhos brilham. A boca não sorri amplamente, mas os cantinhos sobem sutilmente e ela quase chega a ofegar pela sensação de vitória. Ana fica elétrica a partir de então e sacode suas mãos ao lado do corpo para conter o sentimento de alegria. Antigamente, ela balançaria as mãos na altura da sua cabeça pra poder vê-las. Hoje, depois de tantas terapias, ela consegue controlar o ímpeto de sacudi-las vibrantemente. João

nunca se importou com os movimentos de Ana. Sejam os voluntários ou os involuntários. Ele percebe todos, até esses que ela tenta esconder. E sabia pelas mãos se ela estava muito contente ou triste. Ela está muito contente hoje e, assim, ele também ficará e irá sorrir o quanto puder. — Você viu aquela que eu pisei? Enorme!

— Vi, sim. Acho que precisamos encontrar um jogo em que eu seja bom. — Seguem andando num ritmo lento. O horário deles na escola é às oito e eles costumam sair com sobra de tempo para poderem aproveitar bastante do caminho e serem lentos. Ana não gosta de nada rápido, a não ser ela. Só ela pode ser rápida. A mais rápida em falar tudo, a mais rápida na corrida das folhas secas, a mais rápida em se arrumar e estar pronta. Mas para Ana, seu ritmo é normal; nos outros é que a velocidade incomoda.

— Podemos fazer isso. O que sugere?

— Encontrar a flor mais bonita.

— Mas aí entra o que é ser bonito ou não.

— Então quem encontrar e trazer a flor primeiro!

— Tenho dó de arrancar as flores.

— Bem, então quem encontrar e trazer uma pedra primeiro.

— Qualquer pedra?

— Qualquer uma.

— Quando começa a valer?

— Agora!

Ambos se olham e saem correndo para encontrar uma pedra. Terão que procurar no meio da grama dos terrenos vazios ou dos canteiros da estrada. João tem uma ideia e, ao achar a pedra, ao invés de sair correndo para entregar, ele abre a mochila, retira do estojo uma caneta, rasga um pedaço da folha do seu caderno, escreve algumas palavras com a letra o mais miúda que consegue e prende na pedra com fita adesiva. Lógico que nesse tempo Ana já está na rua aguardando com a sua pedra vitoriosa, mas isso é o de menos, não importa. João corre de volta para demonstrar que estava na caçada e Ana, ao vê-lo, ergue sua pedra triunfante e com os olhos ainda mais brilhantes. Na boca, um sorriso genuíno de quem está feliz, muito feliz. Ah, os sorrisos de Ana! João poderia pagar só para apreciá-los. São raros, acontecem só vez ou outra enquanto estão juntos, mas quando acontecem, o garoto pode jurar que seu peito vai explodir em mil pedacinhos coloridos, tamanho era o sentimento que brotava.

— Perdi de novo?

— Perdeu... Poxa, o certo seria eu ter te deixado vencer dessa vez?

— Não, não. Ganha o que merece ganhar. Você mereceu. Posso ver sua pedra?

— Pode. — Ana entrega e pede a dele.

— Posso ver a sua?

— Claro!

João entrega a pedra e olha para Ana, aguardando a reação dela. Ela sente a textura diferente e nota a fita adesiva. Roda a pedra entre os dedos e vê o papel colado, questionando a surpresa.

— Você viu isso aqui?!

— O que é?

— Tem um bilhete nessa pedra!

— E o que diz nele?! — simula a curiosidade.

— Espera, vou ver. — Ana se concentra no bilhete. — *Faz de conta que é uma flor*— lê Ana e depois olha direto para João, que não está mais ali. Está mais a frente, andando rápido até a escola que

fica na esquina. Ele ficou envergonhado e não quis esperar para ver a reação dela. — João! — Ana chama alto e corre pra alcançá-lo, quando o alcança, diz:

— João, fazer de conta é imaginar que uma coisa é o que ela não é?

— É. — Com a resposta, ela volta a olhar para pedra e com muito esforço consegue imaginar ali, em suas mãos, uma margarida plantada em um vasinho tão pequeno quanto a própria flor.

— João, eu gostei. Gostei da flor.

— Que bom — responde tímido e com as mãos nos bolsos, evitando olhá-la para não corar.

— Você também gosta de flores?

— Prefiro estrelas.

— Ah, puxa...

— O que foi?

— Estão longe demais.

— Não, não estão. Até mais, Ana. Nos vemos no fim da aula! — João se despede. Eles estudam em escolas diferentes, mas próximas. A da Ana é aquela, a dele está a duas quadras mais adiante.

— Até mais. Nos vemos. — Vê João seguir reto pelo caminho e depois que ela não consegue mais vê-lo, entra na sua escola.

Ana fica sem entender bem o que aconteceu, mas precisa pensar nesse negócio de estrelas próximas.

Capítulo 3



Ana passa a aula toda pensando numa boa alternativa para seu problema recente: as estrelas. É complicado para ela ultrapassar o lógico, mas estando há tanto tempo convivendo com João e sua mania sonhadora, ela aprendeu a desenvolver esse lado mais lúdico e poético.

— O que você tanto faz nesse caderno? — pergunta Sofia, sua colega nova. Ana tem uma outra amiga, Marina, ambas se conhecem desde a pré escola, mas Marina teve que se mudar no começo do ano, deixando Ana sem sua companheira da vida toda.

Carol e Roberto ficaram preocupados com Ana sem uma pessoa a qual estava tão ligada e acostumada. Ana sofreu nos primeiros dias sem a companhia da amiga que a conhecia tão bem, porém seguiu sua vida, afinal, ficar chorando não traria sua amiga de volta, só lhe incharia os olhos.

Sofia entrou na escola nesse mesmo ano e, por ser novata e tímida, resolveu aproximar-se de Ana, que parecia ser uma garota tranquila e que não lhe faria muitas perguntas ou debocharia do seu jeito.

— Estou desenvolvendo uma coisa. Um projeto.

— Isso parece interessante. Posso ver?

— Pode. — Ana inclina o caderno e Sofia vê estrelas desenhadas num céu noturno.

— Hum. Você pretende virar astronauta?

— Não. Eu estou tentando pensar em algo menos lógico. Como pedras que viram flores, entende?

— Absolutamente não, mas você que sabe. Você viu que tem trabalho pra fazer? — A professora passa alguns slides sobre filósofos da antiguidade. Aquela aula boa para prestar atenção em nada.

— Vi. — Ana segue desenhando.

— Você viu que precisa apresentar lá na frente?

— Vi também.

— E tudo bem pra você?

— Vou pensar nisso mais tarde. Um problema por vez.

— Então tá. — Dá de ombros. — E como vai seu amigo João Paulo?

— Vai? — É difícil pra Ana entender certos termos. Para os amigos e familiares, só bastava ter paciência de sempre explicar. Logo após questionar, ela se dá conta de que foi apenas uma pergunta corriqueira sobre o bem estar do seu amigo.

— Quero saber se ele está bem.

— Ele me pareceu saudável essa manhã.

— Eu acho ele uma gracinha, sabia?

— Que tipo de gracinha?

— Do tipo fofo.

— Ah, ele é fofo. — Ana se refere às bochechas, hoje não mais tão volumosas como há cinco anos, e à barriga saliente, que se percebia pelas marcas na camiseta. Mesmo João tendo emagrecido muito desde os doze anos, ele ainda mantinha as características da sua quase obesidade infantil.

Sofia se referia a outra coisa...

— Você acha ele fofo também?

— Sim. — Vez dela de dar de ombros. Todos o acham fofo, isso é óbvio.

— Ele te traz e te leva todos os dias. Eu acho isso um gesto adorável. É tão raro ver garotos assim..

— Os outros garotos não fazem isso com suas amigas?

— Pouquíssimos Ana. Você é uma garota de sorte.

— Você gostaria que um garoto te levasse e buscasse na escola?

— Se ele fosse legal como João é, eu gostaria sim. Muito!

— Você já perguntou aos seus vizinhos se eles gostariam de te fazer companhia?

— Meus vizinhos são velhos — Sofia bufa ao lembrar.

— E o que tem isso? A avó do João é uma senhora muito legal.

— Mas eu queria um garoto e não um velho.

— Então, eu não sei. João que me encontrou e não o contrário. Eu não conheço outra realidade desde os meus doze anos. Não vou poder te ajudar por enquanto.

— Você poderia falar sobre mim para o João?

— Falar o quê? — Ana segue rabiscando e sombreando no papel. Ao redor, a turma conversa, nem ligando para os slides infinitos que correm pelo quadro. A professora pontua o que acha interessante e parece estar vivendo em outra dimensão, sem se importar com a bagunça da sala de aula.

— Sei lá, falar que eu sou legal...

— Tudo bem!

— Eba! Fico te devendo essa.

Ana não se importa com a frase dita, está imersa em planejar algo legal sobre as estrelas que João gosta.

João se sente, de certa forma, arrependido da atitude.

Será que tinha sido precipitado? Ousado demais? Qual o sentido de presentear Ana com uma pedra que deveria ser uma flor? Ele se imagina com a maior cara de bocó esperando Ana retribuir o presente com um sorriso brilhante. Um sorriso só dele. Não por ele ser engraçado, diferente, e sim por ela ter gostado do presente. Gostado tanto a ponto de sorrir. O que João não daria para ter um sorriso assim só para ele?

Ao entrar e sentar em sua cadeira, sua colega Janaína senta-se ao seu lado:

— Feliz aniversário! Eu te trouxe um presentinho... — diz, usando de todo o seu charme, e estende uma caixinha azul.

— Obrigado — responde, surpreendido e tímido. Janaína gosta dele desde o começo do ano, assim como Patrícia e Kelly. Elas disputavam a atenção do garoto. Só que o garoto em questão é na dele demais para notar qualquer coisa relacionada ao sentimento das garotas. João Paulo não é o mais bonito da escola, não é nem mesmo o mais bonito da sala, mas ele é gentil e prestativo. E não dá a mínima para as investidas delas, não por maldade, mas sim porque não entende que elas, tão bonitas, estão interessadas nele.

Ao abrir a caixinha, ele vê um *pen drive* em formato de um dos cogumelos do vídeo game do *Mario Bros*.

— Nossa! Que legal! Legal mesmo! Eu nem sei se devo aceitar isso...

— Claro que deve! E não é só isso, mas eu deixo o resto da surpresa pra quando você instalar o *pen drive* no seu *notebook* — diz e pisca insinuante para o garoto, que fica com uma expressão de quem não

entendeu nada. — Mas isso é um segredinho nosso então shhhh... — dizendo isso, se levanta e deixa João pensativo. Ele guarda o presente na mochila e passa a manhã toda de aula apático. Quando perguntam o que está acontecendo, ele responde que é sono.

Antes do final da aula, Kelly o arrasta até a frente da turma e puxa um *parabéns pra você* para ele, que tem vontade de cavar um buraco e se enfiar dentro de tanta vergonha.

Mas, bem, não era isso o que ele queria? Ser parabenizado por seu aniversário? Tenta se sentir satisfeito.

Após segundos sem fim, o sinal bate e ele se apressa em sair da sala e da escola para ir se encontrar com Ana.

Correndo com a mochila a chacoalhar nas costas, ele chega ao portão da escola de Ana e a espera. Ela é sempre a última a sair porque não se sente confortável no meio de tantas pessoas. Como sempre faz, ele começa a esticar o pescoço para ver se a enxerga. Então. Lá está ela, descendo os degraus lentamente e segurando com força o corrimão. Um garoto desce correndo e esbarra em Ana, que derruba o caderno que carregava colado ao corpo. O distraído irresponsável nem se desculpa ou ajuda Ana a recolher os papéis.

O sangue de João ferve e seu rosto fica rubro pela raiva. Desviando dos alunos passantes, ele corre o mais rápido que suas pernas permitem e alcança Ana na escada.

— Você tá bem? — pergunta, recolhendo as folhas soltas.

Ela não responde. Não até ver que quem está ali, perguntando. É o João.

— Sou eu Ana, João. Você se machucou? — Ela ergueu-se com o caderno já recomposto. João também levanta. E então, ela o vê. Até o momento, sua mente estava tentando se esconder do mundo.

— João! — exclama e o abraça instintivamente. Ele arregala os olhos ao perceber os braços de Ana envolvendo suas costas de forma afoita. A lateral do rosto dela pressionando levemente seu peito largo. Ele nem tem tempo de reagir e permanece estaqueado com os braços abertos. Então, Ana o solta ao se dar conta do que fez. — Só me assustei. Já estou bem. Desculpe. — João se arrepende por não tê-la abraçado de volta.

— Não precisa se desculpar. Aquele babaca poderia ter te derrubado da escada!

— Isso seria realmente horrível, mas estou bem.

— Bem mesmo? — pergunta enquanto olha diretamente nos olhos dela. Ela mantém o olhar por alguns segundos e depois desvia.

— Sim. Já passou.

— Ok. Vamos pra casa?

— Uhum.

De volta à estrada num ritmo vagaroso e em silêncio, eles andam, como de costume, lado a lado. João pensando em conversar sobre o dia, sobre a aula, as matérias, sobre a pedra. Ana pensando sobre as estrelas desenhadas em seu caderno, que por pouco João não viu.

— Sua aula foi boa hoje? — questiona, finalmente, e começa a chutar um pedaço de cascalho que está no chão.

— Normal, eu acho. — Ana permanece agarrada ao caderno e decide acompanhar o trajeto do cascalho que João começou a chutar.

— Faltam três meses pra acabar o ano. Como se sente sobre isso?

— Bem, com expectativas. E você?

— Ansioso. Você ainda quer ser veterinária?

— Quero. Desde que Bolota morreu e nós nem tínhamos notado que ele estava doente, eu decidi que quero entender isso e ajudar os animais. E você ainda continua com dúvidas sobre o que quer fazer?

— Continuo. Vamos estudar na mesma universidade?

— Seria legal. Continuaríamos indo juntos, só que de ônibus.

— Sim. Provavelmente eu farei Direito. Advocacia.

— Você quer ser advogado?

— Não, mas meu pai diz que é uma profissão decente. Se eu não fizer, ou ele vai arrancar meu rim ou eu farei outra coisa e mentirei pra ele até o final do curso, quando eu puder me mudar e ele não vai ter como me pegar e esfolar minha cara no asfalto.

Ana imagina no mesmo instante o pai do João, enorme como um armário, o pegando pela nuca e esfregando a cara redonda e bonita de João no asfalto quente. Ela sente dor por ele, mas lembra-se que provavelmente ele está exagerando e resolve não falar sobre isso.

— Mas você não gosta de fazer nada?

— Eu gosto de fazer muitas coisas. — *E a maioria envolve você.* Ele pensa, mas não fala.

— Diga alguma, posso te ajudar a descobrir um curso pra sua futura profissão.

— Bem eu... Ân... gosto de conversar com a minha avó. — Lembra-se, finalmente, de algo que não envolva Ana.

— Podia trabalhar com idosos.

— É uma ideia legal. Vou pensar sobre isso. Obrigado.

— De nada.

— Aquele garoto costuma incomodar você? Aquele da escada.

— Não. Acredito que tenha sido sem querer.

— E os outros garotos?

— O que tem?

— Não incomodam você?

— Você já me fez essa pergunta um montão de vezes.

— Eu me preocupo, só isso. Se não quiser responder, eu vou entender.

— Obrigada por se preocupar comigo e me ajudar quando preciso. Você é especial... Pra mim — Ana elogia e se sente envergonhada na mesma hora. Resolve desviar sua atenção por alguns minutos, olhando para o lado das casas. João não consegue controlar um sorriso enorme que surge em seu rosto.

— Não precisa agradecer. Eu... Eu... Você também é especial pra mim. — Ele a olha, mas ela continua ocupada tentando não olhá-lo.

— Sofia, minha colega desse ano, é bem legal e ela te acha fofo — Ana comenta, após se lembrar do pedido da amiga. Mas é estranho falar de sua amiga para ele. E se ele fizesse amizade com ela e resolvesse acompanhar Sofia e não acompanhá-la mais?

— Ah... — João abre e fecha a boca, sem saber bem o que responder. O comentário de Ana o pega de surpresa. — Diga que eu agradeço. Eu acho.

— Está bem. — Ana suspira após a resposta. Talvez garotos não gostem de serem chamados de fofos.

O caminho esgota e ambos param em frente à casa de Ana. O cascalho foi esquecido.

— Quer vir jantar na minha casa hoje à noite? — pergunta enquanto olha seus tênis. Ainda não se sente à vontade para olhar no rosto do amigo.

— Nossa... Eu não sei se devo. Tenho vergonha dos seus pais. Do seu pai...

Apesar de terem uma amizade de cinco anos, eram raras as vezes em que eles dividiam uma refeição. Já haviam lanchado no jardim ou almoçado. Agora jantar, seria a primeira vez.

— Eles são legais e vão gostar muito de ter você jantando conosco hoje. — Então, o encara, com o semblante suave e insiste com aquele tom doce e, ao mesmo tempo, temeroso que só ela consegue exprimir. — Vem, por favor?

Como dizer não para aqueles olhos? Para aquele semblante doce? Para aquele pedido?

Capítulo 4



Ele diz que sim.

Ela sorri agradecida e contente porque poderá pôr seu plano em prática com mais facilidade. Agora, ela só precisa avisar sua mãe que terão visita para o jantar e ele só precisa... bem, ele não precisa fazer nada porque ninguém daria bola para sua ausência. Somente sua avó, talvez.

A família de João não janta junto. Cada qual se vira com sua refeição a hora que a fome bate. Porém, João é preocupado com a saúde de sua avó e prepara para ela, com antecedência, todas as refeições da semana. Depois é só descongelar. Ele faz questão de comer junto com ela para tentar manter uma relação saudável familiar em sua casa e tentar convencer os outros.

Como sempre, ele chega em sua casa e se livra da mochila no seu quarto. A avó está na sala, tricotando e assistindo o jornal do meio dia, ele a cumprimenta na passada. Vai ao banheiro e lava as mãos, abre o freezer da enorme geladeira prateada de alta tecnologia — que serve gelo, água e suco pela porta. Totalmente inútil, porque ninguém toma nem água ou suco por ali e nem usam gelo nas bebidas. Eles compram geladas. — Pega o pote com a comida do dia e leva ao microondas, acionando os botões para descongelar na temperatura certa.

Passa pelo quarto da mãe e entra sem fazer muito barulho para não assustá-la. O quarto está escuro e sua mãe perdida entre cobertas enormes e travesseiros de pena de ganso e aqueles que eram da NASA.

— Mãe? Tudo bem? — Aproxima-se, cauteloso. Sílvia se mexe brevemente e limpa o canto da boca com o antebraço.

— O que foi? Quem é? — Resmunga com a voz rouca pelas horas dormidas.

— João. Cheguei da aula. A senhora quer almoçar?

— Oi, filho. — Senta-se e tenta ajeitar os fios curtos e revoltos tingidos de loiro platinado. A cor já está amarelando a olhos vistos, fazem semanas que Sílvia não retoca no salão. Devia ver isso urgentemente, porque o que as vizinhas pensariam dela? — Almoçar? Mas não é cedo demais? Que horas são? — Olha para janela, constatando que não tem a mínima noção se é dia ou noite por estar fechada e bloqueada pelas cortinas *blackout*.

— Deve ser quase uma hora da tarde. — João se senta na beirada da cama, buscando proximidade com a mãe. Tão distante mãe.

— Meu Deus! Estou dormindo desde quando? Eu pensei que estava só tirando um cochilo!

— Acho que a senhora deitou ontem depois do almoço, não tenho certeza se a senhora se levantou depois disso.

— Ah... Levantei sim, claro que sim. Dobrei minhas roupas novas — mente. A verdade é que ela estava apagada fazia quase vinte e quatro horas. Mas como admitir isso?

— Quer vir almoçar? Estou esquentando um picadinho com espaguete. A senhora adora!

— Eu... hum... você me dá alguns minutos? Vou dar um jeitinho aqui no quarto e já desço pra almoçar com você, está bem, meu amado?

— Vovó também vai almoçar. Seremos nós três como nos velhos tempos! Que tal? — soa animado ao comentar.

— Vai ser maravilhoso, filho. Mamãe já vai descer. — João vê o semblante abatido de sua mãe e pega as mãos dela entre as suas para demonstrar compaixão e tentar passar forças para que ela saiba que ele está ali para ela, para qualquer coisa. Ele sabe que dificilmente ela vai sair do quarto hoje ou essa semana. Os remédios fortes não estão ajudando na depressão, ainda pioram a memória dela e roubam seu ânimo de viver. João até sente saudades da época em que ela saía com seu *Volvo S60* vermelho rua a fora para fazer compras nos shoppings do centro. Ele só não sente falta de vê-la chorando compulsivamente ou de notar seus olhos inchados como duas bolas de *pingpong*.

— Está bem, vou aguardar a senhora. Ó! O microondas está apitando, está pronto o almoço. Vou descer e servir a vovó.

— Faça isso, querido.

João levanta-se e recorda de algo. Não é muito importante, mas precisa avisar sua mãe, já que ela está acordada.

— Mãe, eu não vou estar em casa para o jantar. Então vou servir o jantar da vovó mais cedo.

— Tudo bem, querido. Espero que se divirta aonde quer que você vá e se comporte! Não siga os maus exemplos das suas irmãs.

— Vou estar na casa da vizinha, fui convidado pra jantar e... — interrompe ao notar que sua mãe não está mais prestando atenção. Fica alheia, olhando um ponto qualquer na parede oposta. Tudo bem. Pelo menos, conversamos um pouco, ele pensa.

Desce até a cozinha e desliga o microondas, que ainda apita. A avó já está à mesa, esperando a refeição, pois já está acostumada com a rotina. Cuidadosamente, João retira o pote fumegante do aparelho e despeja o conteúdo numa travessa bonita. Com as mãos ardendo pelo calor, ele a coloca rapidamente na mesa, enorme com tampo de granito, que serve basicamente para ocupar espaço, já que uma mesa infinitamente menor daria conta do recado.

João Paulo pega dois pratos do conjunto caríssimo de porcelana e dispõe para ele e a avó, juntamente com os talheres de prata e duas taças de cristal. É seu aniversário, pode se dar a esse luxo. Mesmo sabendo que a mãe não vem, ele separa um conjunto para ela também.

Abre a geladeira e encontra um fardo de garrafas de água mineral *Perrier* e decide que aquela água caríssima, que seus pais fazem questão de ostentar em sua geladeira, é ideal para acompanhar o almoço de aniversário.

— Madame. — João despeja o conteúdo da garrafinha na taça da sua avó com delicadeza, como se estivesse servindo a realeza. Repete o mesmo na sua e experimenta, decepcionando-se porque tinha só gosto de água! Não entendia o porquê do valor exagerado.

Após servir o picadinho com espaguete para ambos, ele se senta e suspira, finalmente relaxando para almoçar.

— E aí, vó, tá bom esse almoço?

— Quê? — pergunta a avó por não ter escutado direito pelo som da própria mastigação e por ter tirado e esquecido de recolocar seu aparelho de audição.

— O almoço, vó! Está bom?! — repete, mais alto.

— Tá bem bom, filho. Bem bom!

— Ótimo! Vó, a senhora sabia que hoje é meu aniversário?

— Aniversário? Seu? Não é!

— É sim, vó! — diz e ri.

— Claro que não é! Eu não esqueceria o aniversário do meu neto!

— É hoje, vó. Vinte e dois de junho. Vê o calendário? — Aponta para a geladeira onde está preso o calendário com imãs dourados.

— Eu não esqueceria o aniversário do meu neto preferido. Não, não!

— A senhora não esqueceu meu aniversário, vó. Só não sabia qual dia era hoje!

— É isso! É! Ah, filho! Feliz aniversário! — Abraça o neto com carinho. — Vou acabar seu presente e te entrego o mais depressa.

— Vou adorar, vó. Obrigado. Eu vou sair hoje à noite, mas vou deixar seu jantar pronto e servido.

— Que bom que vai sair um pouco e se divertir. Você precisa. Está sempre trancado em casa. Vai aonde?

— Jantar na casa da Ana. Ela me convidou — responde e segura o sorriso que insiste em aparecer quando se lembra do fato.

— Olha! Isso me soa bem! — conspira, sorridente.

— Vou precisar da sua ajuda, como sempre.

— Sabe que eu ajudo, mas não vai dar pra ser assim...

— Só por enquanto, depois eu conto. Juro!

— É bom.

Depois de almoçarem, João recolhe os pratos e os lava com água quente da torneira elétrica importada. Eles têm máquina de lavar louças, mas os pratos são delicados, assim como as taças, e ele teme estragarem. A mãe surtaria!

João vai para seu quarto onde passa a tarde arrumando seus livros, estudando e pensando como seria o jantar. O que vestiria, o que diria para os pais de Ana, o que diria para Ana? Da janela do seu quarto, ele espia a casa da família Salles e imagina o que Ana estaria fazendo e se eles não poderiam passar a tarde juntos para que as horas fossem melhor aproveitadas.

Ana, quando chega em sua casa depois da aula, cumprimenta a mãe e o irmão que estão na cozinha e informa:

— João vem jantar conosco hoje.

— Ah, vem?

— Vem. O que teremos? Quero que seja especial!

— Especial, é? — Carol gosta da amizade deles. João é um bom rapaz e cuida de Ana com esmero. Sempre disposto e solícito, a calma dentro da casa da família Pires de Alencar. A filha nunca demonstrou um sentimento diferente pelo rapazinho, mas Ana não demonstra muito nem por eles da própria família, então não dá para tirar conclusões precipitadas. Porém, Carol e Roberto veem de longe que João nutre algo a mais pela filha deles. Algo realmente bonito e puro. Se eles pudessem escolher um genro, João era a escolha do casal sem nem pestanejar.

— Sim!

— O que você sugere, filha?

— Lasanha?

— Lasanha é uma boa — concorda Carol.

— Eu gosto de lasanha! — Davi completa.

— Então é lasanha, mãe. Lasanha estelar! Digna da mais bela constelação!

— Que responsabilidade, hein! Espero que eu dê conta.

— Confio em você.

— Então, tudo bem. Depois do almoço, vou ao mercado comprar as coisas que faltam. Quer uma sobremesa?

— Pavê! Pavê com carambolas!

— Parece interessante. Agora largue suas coisas e venha almoçar. Fiz panquecas de queijo!

— Vem logo! Tô com fome! Mãe, quero refrigerante! — Davi pede enquanto junta as mãos como se estivesse implorando. — Por favor, por favor, por favooooor!

— Filho, tem suco de laranja que é bom pra saúde — diz e completa o copo do menino até a metade com o líquido alaranjado e fresco.

Ana segue o que a mãe ordena e, em poucos minutos, está à mesa para almoçar panquecas de queijo.

À tarde, Ana usa a internet e procura sites sobre astronomia. É lindo o universo e suas cores. Mas ela se sente chateada por não poder trazê-las para João. Assim, ela fará algo diferente. Mas torce para que ele goste das que ela fará, afinal, a ideia também foi dele.

Então, quando acha que já estudou demais sobre os astros, debruça-se na janela e olha para a casa dele, imaginando o que ele estaria fazendo e até aguardando que ele aparecesse e a convidasse para conversar no jardim. Desde que João surgiu em sua vida, Ana não se recorda o que fazia sem ele durante os dias. Ele sempre está lá, para tudo, o tempo todo e isso é bom e a deixa feliz.

João, lá do topo da sua janela, vê quando Ana se escora no parapeito da janela dela lá embaixo. Eles se viram há poucas horas, mas o coração de João palpita forte sempre que a vê. É involuntário e incontrolável.

Pensa em descer e ir vê-la, conversar, passar o tempo, chamar para dar uma volta, mas não quer ser pedante, insistente, chato. Precisa aprender a dar espaço e esperar o tempo dela. Ana tinha seu tempo e seu mundo é diferente do dele. É como se habitassem em planetas distintos e, realmente habitam.

O planeta de João é verde escuro e frio, com moradores verdes e esquisitos que falavam cada qual um idioma. Ninguém se entende e ninguém se esforça para mudar isso.

Ana, na concepção de João, mora em um planeta colorido, quente e meigo, com habitantes também coloridos e meigos que falam e se entendem, muitas das vezes apenas com um olhar.

João não sabe como foi parar num planeta tão frio e distante, mas procura aprender todos os idiomas para se comunicar com os seus e, depois de muito estudo e esforço, aprendeu, também, a se comunicar com a Ana do planetinha colorido do outro sistema solar.

E lá do alto do seu planeta pomposo, vazio, gelado e enlameado, ele observa a bela Ana. Princesa do seu orbe, que sonha acordada com as estrelas tão longínquas.

Mal sabe ela que era observada por um habitante interestelar e que ele não quer ter as estrelas mais brilhantes do céu. Ele só quer a luz do sorriso dela.

Capítulo 5



Finalmente, o relógio marca 18h.

João acompanhou a trajetória do ponteiro a tarde inteira. Quando foi que as horas resolveram se arrastar assim?

Levanta-se do marasmo de onde observa o relógio de parede em formato de Homem Aranha e vai arrumar uma roupa para vestir depois do banho.

Parado em frente ao guarda-roupa, simples de solteiro com figurinhas coladas, ele observa as peças e não sabe o que vestir para a ocasião. Separa algumas que acha que podem ser as certas e as espalha sobre a cama. Para, pensativo, e as observa: camisa de abotoar azul claro com uma calça de sarja bege escuro e um par de sapatênis preto que ganhou da mãe e nunca usou; uma camisa polo azul marinho *Ralph Lauren* com calças jeans azul e o mesmo par de sapatos; um conjunto de calça social, terno e gravata com sapato social preto que usou no casamento da prima Sabrina.

João não faz a menor ideia do que escolher. É apenas um jantar na casa da vizinha e eles provavelmente jantarão comida caseira da mãe da Ana, mas não quer parecer desleixado, quer passar a impressão de que se importa com eles e, de fato, isso é verdade. Precisa de ajuda, ele não pode pecar nisso, de jeito nenhum. A quem recorrer?

Sai, apressado e deslizando apenas de meias pelo corredor e espia o quarto dos pais — que é, no momento, quarto da mãe, já que o pai está dormindo no quarto de hóspedes há uns bons anos. Sabe que é tempo perdido, porque Sílvia estará afogada em comprimidos, mas precisa tentar. Tenta a porta; está trancada. A mãe tranca a porta quando vai tomar banho, isso até que é um bom sinal, já que não se lembra da última vez em que a porta esteve fechada.

Passa adiante, rumo aos quartos das irmãs: zona perigosíssima para qualquer ser que habita aquele mundo e, até, o universo inteiro.

A primeira porta é da Paula, uma placa colada avisava para se afastarem com enormes figuras de bombas e armas letais. Teve uma época em que ela cercou a porta com arame farpado de verdade, durou pouco porque o pai mandou tirar. Agora João está prestes a bater e ele sente medo da reação dela, que provavelmente dorme.

Uma batida. Duas. Três, quatro, cinco.

— O que é, demônio?! — berra Paula, com a cara amassada e borrada de maquiagem e metade dos cabelos pretos cobrindo o rosto de forma bagunçada, ao ver João estaqueado na porta. Ele se assusta e dá um passo para trás quase derrubando um vaso chinês, de alguma dinastia antiga, caríssimo de sua mãe.

— Eu, eu só precisava de uma ajuda... — balbucia, amedrontado. Paula parece um cão *Rottweiler*.

— Matou alguém e quer esconder o corpo?!

— Não, Paula, é outra coisa e...

— Então morra, imbecil!!! — Grita e bate a porta na cara do irmão, que treme pelo susto.

— Está bem — responde ele para o nada.

Bom, depois dessa, querer encarar Bianca é quase sentença de morte. Apesar de Paula ser inacessível a maior parte do tempo, houve uma época em que eles tiveram contato, mas faz tantos anos

que parece que nem existiu. Já com Bianca, nunca houve contato algum. Por ser cinco anos mais velha, o mundo dela sempre foi outro. João não tem recordação alguma de nada com Bianca e ele envolvidos. Nem mesmo em aniversários ela nunca estava presente.

Ele decide que a avó é território seguro.

Desce os degraus correndo, segurando firme no corrimão para não resvalar na escada, e procura pela avó na cozinha, sala e, por último, na varanda onde a encontra.

— Vó, preciso de ajuda!

— O que foi, menino? Ta com dor de barriga? Vou fazer um chá — diz, fazendo menção de se levantar.

— Não, não. Eu não sei qual roupa escolher para usar e vou me atrasar!

— Ah, isso?! Bem, eu posso ajudar. O que você escolheu? — Ele explica pausadamente e repete três vezes as opções para a avó, que se esquece de algum dos itens citados.

— Nenhum desses parece bom.

— Ah, nossa... E o que seria bom?

— Sabe, seu falecido avô ficava lindo com aquela calça de camurça verde, a camisa marrom e aqueles suspensórios. Espere aí, eu tenho tudo guardado na gaveta, vou buscar... deve estar fedendo a naftalina, mas nada que um perfume não resolva! Vai servir direitinho, tenho certeza! — diz ela, levantando-se alegremente. João arregala os olhos, erguendo as sobrancelhas.

— Vó, espera! Acho que é elegante demais! Eu só estou indo jantar na casa da Ana!

— Isso é verdade! Tem razão — reflete. — Bem, filho, eu acho que você vai ter que vestir tudo pra eu ver. — Isso irá render muito tempo, não tem como. Então, ele percebe que terá de decidir tudo sozinho.

— Eu vou ver o que fazer. Obrigado, vó.

— De nada, filho, de nada.

Sobe as escadas, dessa vez num ritmo lento pelo desânimo de estar tão sozinho no meio de tanta gente. Entra em seu quarto e volta a encarar as peças de roupa. Ele nunca teve que se preocupar com isso, com vestimentas, mas dessa vez há um nervosismo extra no ar.

O relógio diz que meia hora já se passou. João está frustrado, muito. Pensa em cancelar o jantar, dizer que não está muito disposto. Só que Ana ficará chateada. Não é possível que uma roupa cause tanto problema!

— Ei — uma voz o chama e ele vira, não reconhecendo.

— Bianca? Te acordei? Desculpa eu...

— Não, eu estava acordada. Tô vendo que você tá precisando de uma força. O que tá pegando? — A irmã tão distante está ali, em sua porta, querendo ajudar. Isso é espantoso. João não sabe o que fazer direito. Sente-se envergonhado, como que recebendo uma celebridade em sua casa simples.

— É, bom... Eu não sei o que vestir — responde, tímido.

— Certo e você vai aonde?

— Só jantar na casa da Ana, sabe?

— Não sei, mas isso não importa. — Faz uma pausa e pergunta — Posso entrar? Pra ver as roupas que você tem?

— Claro! Só não repara na bagunça.

— Não reparo. Licença. — Bianca entra e para pensativa, analisando o que ele tinha separado.

— O que você acha?

— Nesse jantar você vai pedir a tal Ana em casamento? — Ele cora instantaneamente.

— Não, eu... não. É, somos amigos.

— Tá, então pra que esse terno?

— Não sei... — A pergunta de Bianca é retórica, mas ele responde de qualquer forma. A irmã pega as peças e retira de cima da cama, guardando-as novamente no guarda-roupa.

— Camisa polo, calça bege, camisa social... nada disso. A não ser que você queira pedi-la em namoro. É o caso? Vocês estão indo comemorar algo?

— Não, a principio é apenas um jantar, mas tem o pai dela e eu tenho receio, sei lá.

— Cara, assim, veste aquilo que você se sente bem. Aquilo que torna você quem você é! Tá ligado? Pega seu jeans de sempre, com sua camiseta de sempre e seu moletom de sempre e bora. Não tem mistério. Você tá nervoso e um cara só fica assim quando tem algo a mais no lance. Então, relaxa. E se essa Ana te convidou pra jantar é porque gosta de você independente do que você veste. Entendeu?

— Acho que sim. Então eu não preciso passar uma boa impressão me vestindo melhor?

— As pessoas passam impressão pelo que são e não pelo que vestem. E não precisa ter medo de mim. Só da Paula — completa com humor, mas sem rir — porque aquela menina tem o capiroto no corpo. Mas eu não.

— Obrigado. Ajudou muito.

— Eu sei. Ouvi quando a vó queria te vestir com calça de camurça. — Ri de leve.

— Foi por pouco.

— Então, é isso. Bom jantar. — Na porta, ela vira e acrescenta — e feliz aniversário.

— Obrigado! — responde ele, surpreso.

Com a decisão tomada, João Paulo pega uma camiseta limpa e seu moletom preferido do Mestre Yoda e voa para tomar banho.

Em sua casa, Ana acaba de se pentear. Os cabelos volumosos e revoltos são difíceis de serem controlados, e paciência não é o forte da garota.

— Oi, princesa, posso entrar? — pergunta Roberto, após dar leves batidinhas na porta já aberta.

— Oi, pai. Pode. Teve um bom dia no trabalho? — Ana questiona, ainda concentrada na tarefa de ajeitar os fios de frente ao espelho.

— Tive sim, e você? Como foi na escola? — Roberto a observa pentear-se e sorri porque sua filha está tão madura. Ele recorda do dia em que Carol e ele descobriram que teriam uma menina e de quando ela era bem pequena e não se preocupava com penteados ou cor do batom.

— Foi legal.

— Que bom! Teremos visita para o jantar hoje? Sua mãe me contou.

— O João vem. Eu convidei, quero fazer uma surpresa.

— Surpresa? Que tipo? — indaga curioso.

— Do tipo surpresa, não posso falar!

— Entendi. Bom, eu acho ele um ótimo rapaz, você não acha?

— Acho.

— Então só temos que esperar pela surpresa do João, que é o motivo do jantar, certo?

— E também porque eu gosto da companhia dele. Ele é calmo — ela diz.

Ana finaliza o penteado aplicando uma presilha em sua longa franja para prendê-la na lateral e

depois cobre os lábios bem desenhados com um gloss.

— Você tá linda, querida. — fala sincero e embevecido.

— Obrigada, pai.

— Dê aqui um beijo no seu velho. Acho que minha garotinha está crescendo e esquecendo do papai.

— Crescendo, sim. Esquecendo, ainda não. — Ana beija o rosto barbeado do pai e sorri.

— Vou ajudar sua mãe com o jantar.

— Está bem.

Às 19h15, João toca a campainha. O dedo, suado pelo nervosismo, quase escorrega no botão.

— Oi! Boa noite! Entre, João.

— Boa noite, seu Roberto. Obrigado. — João se surpreende ao ver o pai de Ana abrindo a porta.

— Sente-se, rapaz. Ana está no quarto e já vem.

— Tá bom. — Ele senta no sofá e olha ao redor, constrangido e sem saber onde pôr as mãos. Ana surge no corredor e João engole em seco, admirado ao vê-la. Ela está tão bonita. Não que ela não seja, mas está ainda mais. Usa um vestido de mangas longas, meia calça de lã e um par de sapatilhas. Mas o sorriso de Ana é o toque especial. Um sorriso rápido como um relâmpago, mas João viu.

Levanta-se para recebê-la e diz:

— Oi.

— Oi! Que bom que veio.

João cora e volta a sentar, após ver que Ana sentou-se. A timidez parece que toma conta do garoto, porque ele não consegue se lembrar de nada para dizer e um silêncio se instala. Ambos ficam lado a lado revezando o olhar das mãos para a TV.

— Você está muito bonita, Ana — as palavras finalmente saem. João sente as bochechas ardendo e tenta cobri-las com as mangas do moletom.

— Você acha mesmo? Porque eu sei que meus pais falam apenas porque são pais.

— Acho mesmo. Acho muito.

— Obrigada. Eu acho que você está bonito também — diz, envergonhada, porém sincera, os olhos evitando o contato com os do garoto.

— Obrigado. Espero que seus pais não se importem com minha presença no jantar.

— Eles adoram você.

— Menos mal. Eu tô com bastante vergonha, pra ser sincero.

— Não precisa ficar. Eu tô aqui e somos amigos.

— Eu sei, mas não tenho muito contato com seus pais e tenho medo de fazer ou agir errado.

— Eu acho que você não tem como errar, é só comer a comida e responder as coisas amenas que eles comentarem. Eu faço isso todos os dias. Na sua casa é diferente?

— Digamos que sim.

— Meninos? A janta está pronta. Ana, mostre ao João o banheiro para lavarem as mãos, sim? — Carol chama, aparecendo na sala e se retira sorridente.

— Sim. Vem! — Ana puxa João pela mão para guiá-lo ao banheiro. João gosta da sensação das mãos deles juntas, mesmo que a dele esteja suada e fria e a dela quente e confortável. Poderia segurar a mão de Ana para sempre, mas ela solta assim que eles alcançam a pia.

Os dois, depois de lavarem as mãos, chegam juntos à cozinha, onde a mesa está posta e farta com lasanha, arroz branco e salada verde. Para beber, uma jarra imensa de suco de laranja.

O jantar transcorre naturalmente. João repete o prato, depois de muitos pedidos de Carol. Ele queria mesmo repetir, mas estava envergonhado. E se eles o achassem comilão demais? E ele era, só não queria que todos soubessem.

Carol traz a sobremesa e pergunta:

— Como vai sua mãe, João? Soube que esteve doente.

— Está de cama há uns dias, acho que ainda não melhorou por completo.

— Uma pena mesmo. Queria convidá-la para um chá um dia desses.

— Pois é. Espero que melhore logo.

— Tomara mesmo.

— E seu pai, João, como vai? Trabalhando muito? — Roberto entra no assunto também.

— Muito. A transportadora está crescendo e ele não para um dia sequer. Hoje, por exemplo, ele nem voltou pra casa ainda. — João sabe que nas sextas o pai sai pra beber com os amigos, mas como a semana toda ele não chegou antes das 21h, talvez hoje também tenha sido um dia puxado no serviço.

— O trabalho quando prospera é bom, mas também é importante ter tempo para a família.

— É verdade, senhor.

— Mãe, quero mais desse bolo! Sem a carambola. — Davi pede depois de lamber seu prato.

— Modos filho! Vou servir só mais uma fatia, viu?

— Tá bem! Com sorvete. Sorvete! De creme, creme, creme, mãe!

— Já ouvi, menino!

Carol e Roberto recolhem o restante dos pratos quando todos estão satisfeitos. João quer ajudar lavando ou enxugando, mas os pais de Ana são incisivos, ele é visita.

Davi vai jogar vídeo game no quarto e Ana leva João para o jardim.

— Gostou do jantar?

— Gostei muito. Sua mãe cozinha bem demais. E a sobremesa tinha estrelas de carambola!

— Sim! — Ana sorri por dentro, porque ele tinha notado as estrelas de carambola que ela pediu.

— Acho que nunca tive uma noite tão boa e legal. Não que eu me recorde.

— Ainda não acabou! — Sorri em conspiração.

— Não?

— Eu já volto, espera aí!

João assente e Ana levanta da calçada do jardim, indo buscar uma caixa de sapato que ela tinha encapado com papel cheio de estrelinhas. Ela volta trazendo a caixa e João vê que ela tem dificuldade de carregar.

— Quer ajuda? — indaga levantando-se e limpando as mãos na calça.

— Não, não. Eu não esqueci que dia é hoje. Sei que é seu aniversário. Queria que você tivesse um dia especial porque na sua casa sei que você não tem. Sei que tá tudo um pouco difícil por lá. Não se preocupe por eu saber disso, não é uma vergonha.

— Ana... — balbucia, emocionado.

— Tudo bem. Olha! — Ela olha para o céu estrelado sobre as cabeças de ambos. João segue o olhar dela. — O céu está lindo hoje, todo estrelado. Você gosta das estrelas, não é?

— Gosto sim, Ana, eu...

— Sei que não é nada demais, que pode ser bem uma bobagem, mas eu fiz esse presente pra você. Foi difícil pra eu conseguir imaginar isso, mas é sincero, João. — Entrega a caixa. João sente o peso. —

Abre.

Eles sentam na calçada novamente. João deposita a caixa entre eles no chão e abre a tampa, deparando-se com uma porção de pequenas pedras arredondadas e todas elas com papel colorido colados com fita adesiva. O garoto olha para Ana que o incentiva a pegar uma das pedras e ele se surpreende ao ler uma delas e ver que todas têm escrito a mesma coisa: *Faz de conta que é uma estrela*.

— Ana, esse é o presente mais bonito que eu poderia receber. Você me trouxe as estrelas do céu. Cada uma com o desenho diferente! Ana isso é lindo! — Ele levanta, ela o acompanha. João quer abraçá-la, mas não o faz. Ficam frente a frente, separados apenas pela caixa de papelão enfeitada.

— Ufa! — Respira. Suas mãos balançam agitadas ao lado do corpo. Ana sorri. Um sorriso enorme, aliviado, feliz e só do João. O segundo presente, tão bom e ainda mais bonito que o primeiro que não se guardaria em uma caixa, mas que João guardaria no coração.

Capítulo 6



João também sorri e, dessa vez, sem querer esconder seu contentamento. O que mais ele poderia desejar depois desses presentes? Na verdade, ele até chorou, mas contidamente. Aquele choro emotivo que se camufla no escuro da noite.

— Ana, eu não sei nem como agradecer por ter se lembrado do meu aniversário e por ter me presenteado com as estrelas. Eu nunca vou me esquecer disso.

— Eu nunca esqueceria seu aniversário, João. Você é importante pra mim.

— É que você participou da última festinha que tive, de treze anos, e depois não comemoramos mais em casa. Lá, ninguém lembra. Antes, minha vó lembrava, mas está ficando esquecida. Esse ano foi bastante diferente, eu poderia dizer, porque Bianca falou comigo e me parabenizou! E agora você e as estrelas... Foi, sem dúvidas, meu melhor aniversário. Dezesete será meu número preferido!

— Eu não consigo entender como eles são capazes de esquecer-se de você. Logo de você! Pra mim é impossível...

— Impossível do tipo bom ou ruim? — João questiona porque Ana é sempre uma caixinha de surpresas.

— Do tipo único! Eu não me esqueço de você nem um segundo sequer. Você está sempre comigo, na minha cabeça. Às vezes é ruim porque quero me concentrar em outras coisas e não consigo! Então, nem que eu quisesse eu conseguiria te esquecer.

— Uau, isso foi forte. — João sente uma confusão no peito e uma vontade louca de desvendar todos os segredos de Ana. Ana, por sua vez, carrega no coração um sentimento bom de estar fazendo seu amigo feliz, mas, ao mesmo tempo, queria beliscá-lo porque ele a perturbava por estar sempre e sempre ali, no pensamento dela.

— É a verdade. Bom, eu acho que vou entrar agora — diz, de forma mais séria e com movimentos dos braços controlados, olhando para baixo.

— Eu vou indo também. Vou esperar você entrar.

— Está bem. É... — Ana fica sem jeito, indo para frente e para trás sem saber como realizar o que planejava.

— Ana, não precisa me abraçar. Já me abraçou hoje, mais cedo, na escola. Tá tudo bem, eu já me sinto parabenizado. Estou feliz, de verdade!

— Não, não. Não! Você estragou tudo! — se zanga e cobre os ouvidos, repetindo baixinho a palavra “não”. É seu modo de fugir às frustrações, confusões, agitações e barulhos. Tudo o que vai além da sua rotina.

— Ana, desculpe. Desculpe! O que eu faço? Quer que eu vá embora? Quer que eu deixe você sozinha? Quer que... — Apesar de já ter visto Ana daquele jeito algumas vezes, ele nunca sabe bem o que fazer. Normalmente, ela grita mandando ele ir embora. E ele vai.

— Me abraça! Rápido! Rápido, rápido, rápido. — Repete mais para si do que para ele. E João a abraça assim que ouve o pedido. Rápido e sem pensar. Dobra os joelhos brevemente para ficar numa boa altura e seus braços cobrem os ombros dela, como que prendendo. É um abraço afoito, que a urgência pede e que, aos poucos, vai se ajeitando. Agora, os braços de Ana estão livres e circulam a cintura do

garoto, que é um pouco mais alto. Os dele abraçam a cabeça dela, que se acomoda em seu peito afogado pelo moletom.

Ana ouve as batidas do coração de João e João alisa os cabelos perfumados de Ana e fecha os olhos, pedindo que ela se acalme e que seu abraço seja benéfico. Ana apenas se concentra nas batidas tranquilizantes que vêm do peito do João e respira o cheiro bom de amaciante.

Ah, como Ana ama abraços. Ah, como é difícil para Ana entender os abraços. Como conciliar essa vontade absurda de ser abraçada com a incerteza dos sentimentos humanos?

Engana-se quem pensa que ela não gosta de receber carinhos. Muito pelo contrário! Eles são vitais, necessários como o ar aos pulmões. O que acontece é que Ana não entende as pessoas. Como se deixar envolver por algo que não se conhece? As pessoas são tão complexas!

E ali eles ficaram por um tempo que, enquanto durou, foi eterno.

Assim que acabou, pareceu ter durado uma fração ínfima de segundos.

A garota esboça um sorriso confuso, que sai mais como um suspiro e diz:

— Feliz aniversário de dezessete anos, João.

E sai correndo para casa, deixando um João completamente embaralhado para trás.

O que foi aquilo? Tanta coisa, tanta coisa... pensa o garoto, sorridente e melancólico ao mesmo tempo. Recolhe seu presente do chão e vai para sua casa pensando sem parar no que tinha acabado de acontecer. *Será que aconteceu mesmo?* Indagava-se. Ana pedindo um abraço! Ana e ele abraçados! Uma troca tão boa de contatos, de toques, de sensações, de apreciações.

Será ele bobo demais por amar um simples abraço? Bobo é quem não entende o quanto eles são salvadores e poderosos. A junção de dois mundos num encaixe perfeito: o tamanho mínimo do máximo do amor.

Ele nem sente o chão sob seus pés. Entra em casa flutuando entre as constelações que Ana preparou para ele, unicamente para ele. Um universo lindo onde Ana é a estrela mais brilhante.

Quando volta a si, sobe os lances de escada e está em seu quarto, depositando a amada caixa em um local seguro. Cabe tanta coisa em uma caixa de sapatos. Cabe o infinito deles dois.

— Filho? — Ele desperta do transe e olha para a mãe, que o chama na porta.

— Oi.

— Eu estou esperando você para o jantar. Sei que disse que almoçaríamos juntos, mas eu acabei me envolvendo num trabalho novo e perdi a hora.

— Ah, mãe, lembra-se? Eu disse que jantaria fora, acabei de voltar!

— Ah! Claro! Sim, sim! Que cabeça a minha! Não me dê importância, acho que estou ficando velha e caduca.

— Não, não. A senhora ainda é muito jovem e cheia de vida! E não tem problema algum, vamos descer e jantar juntos!

— Sério querido?

— Seríssimo! O que a senhora quer jantar? — pergunta, alcançando a mãe e enlaçando o braço dela no dele, como um cavalheiro faz com uma dama.

— Qualquer coisa, filho. O que você me sugerir, eu aceito!

O relógio indica 21h32 quando João serve sua mãe com ravióli ao molho bechamel. Ainda é relativamente cedo para os costumes da casa. Na verdade, não há costumes naquela casa. É cada um por si e Deus por todos.

João aprecia a companhia da mãe como há muito não acontece. Ela come a comida com gosto e

elogia o filho por seu dote culinário que ela não sabe de quem ele herdou.

— Por falar nisso, onde está Joice que não apareceu hoje? Ou apareceu? Tenho camisas novas para passar e aposto que o cesto está lotado de roupa pra lavar — questiona Sílvia, preparando mais uma garfada.

— Ela pediu folga, lembra? Só volta segunda. Foi visitar a mãe dela que mora no interior.

— Eu dei a folga?

— Sim, ela pediu no começo da semana quando chegou bem cedo e a senhora estava bebendo café.

— Ah, sim! — finge lembrar-se, mas, na verdade, ela não faz ideia do que aconteceu segunda feira.

— Quanto à roupa pra lavar, não se preocupe, eu lavo. Não tem muita coisa.

— Não se incomode, querido, você já faz bastante. Eu me sinto envergonhada por estar ausente, por tanta coisa, eu estou sendo péssima... — Sílvia solta o garfo, esconde o rosto com as mãos e vira-se de costas para o filho. O choro vem, João já sabia que isso aconteceria, ele conhece as crises da sua mãe. E não sente falta delas.

— Mãe, não precisa ficar triste. Eu entendo e está tudo bem! Quer uma novidade? Hum? — O filho prestativo toca o ombro da mãe.

— Novidade? — pergunta, ainda de costas e limpando os olhos.

— Sim! Bianca veio falar comigo hoje e me ajudou com a roupa. Ela foi muito bacana.

— Não acredito! Bianca? Falou com alguém nesta casa?

— Falou! Nem eu acreditei.

— Nossa!

— Viu? Estamos bem. As coisas vão melhorar! E quero que a senhora fique bem também.

— Me sinto envergonhada por ter chorado na sua frente. Eu odeio fazer esses escândalos — funga, afastando as lágrimas com o dedo. — Não quero que me veja chorar filho, não quero que estrague sua noite comigo.

— Mãe, vira pra cá. Eu não vou reparar nas suas lágrimas, juro! Vamos continuar a jantar e deixar o resto pra lá. — Sílvia vira-se lentamente e olha para o prato com o jantar quase findado.

— Você é um bom menino, querido, um bom menino. — Pega na mão de João, ainda sem olhar para ele. — Não sei o que seria dessa família sem você.

— Deixa disso, mãe.

Sílvia sorri um sorriso triste e volta ao jantar na companhia do filho mais novo. João respira aliviado, ao ver sua mãe acabar o jantar sem derramar mais lágrimas ou sem se entristecer por coisas pequenas.

Sílvia, enquanto come e vê ao seu lado o jovem filho, lembra-se de quando se descobriu grávida pela terceira vez. Foi um choque, foi desesperador! A cota da família era dois filhos para ficar dentro de um bom padrão social. Eles já tinham as duas meninas: lindas, loirinhas e de olhos claros que eram o sonho de Sílvia para se sentir realizada perante as amigas e vizinhas. Quem os olhava no gramado da grande casa, ficava admirando aquelas pessoas bonitas, bem vestidas e sorridentes que pareciam recém-saídas de um filme americano. Sílvia não tinha olhos muito claros e seu cabelo não era naturalmente platinado, mas, no período da gravidez, usou de todas as simpatias para que sua primeira filha saísse como um anjo loiro e Bianca nasceu um típico bebê de comercial: grandes olhos e fios amarelo-ouro. Ah, a satisfação de Sílvia foi imensa! Aquele bebê era um encanto e combinaria perfeitamente no seu planejamento familiar.

Poucos anos depois, veio a segunda gravidez para fechar a cota. Eles queriam muito um menino. Um

casal de filhos é tão mais bonito e harmonioso! O menino teria o nome do pai: Paulo Cesar Pacheco de Alencar Júnior. Foi uma escolha quase que imediata. Porque Júnior é sonoro e indica uma linhagem de sucesso. Porém, Júnior era uma menina e Sílvia decepcionou-se! Precisava ser um menino! O que as amigas pensariam? Dois filhos e nenhum menino para seguir os passos do pai? Que frustrante! Sílvia passou a gestação inteira se culpando e lamentando, longe de todo o mundo, o fato de ter que criar mais uma menina. Após o nascimento, não foi se de espantar que ela desenvolvesse depressão pós-parto, bem camuflada em sua suíte, que perdurou por meses. Ah, sim! A menina nasceu careca e com olhos cor de mel cristalino, um encanto! E foi batizada como Paula, já que eles não tinham nenhum nome escolhido para uma segunda menina.

Para Sílvia, a sorte de tudo isso era que as filhas eram duas bonecas finas de porcelana e onde quer que passassem geravam frisson. Todas as senhoras queriam ver as mocinhas que vestiam roupas de marca internacional e pareciam dois pequenos bibelôs.

As perguntas vinham: e o menino quando vem? Vocês terão mais um filho? Sílvia respondia que eles tinham a família perfeita do jeito que era. Até que se descobriu grávida pela terceira vez e tudo ruiu. Três filhos era demais! Era feio! Era antiquado! Era sinal de falta de cuidado, de disciplina, de controle!!!

Ela abortaria. Claro, por que não?! Ninguém saberia. Bastava procurar uma boa clínica e pagar a quantia necessária. No final, faria uma lipoaspiração pra camuflar o tempo.

Só que a gestação estava muito avançada. Sílvia consultou-se e descobriu que o bebê já estava praticamente formadinho em seu ventre e que era quase certeza de ser um menino. Um menino! Por que ele resolveu vir agora e não antes? O que ela faria? A depressão da última gestação mal havia sido tratada e agora ela sentia os sintomas retornando com fúria a fazendo querer arrancar os cabelos. Decidiu contar para Paulo Cesar. O marido era basicamente um turista em casa, mas quando estava, sua presença era forte, juntamente com seus copos de uísque escocês e seus charutos cubanos para relaxar.

— O que eu faço Paulo Cesar? Estou perdida!

— Mulher de Deus, tá maluca? É só um filho a mais! Pensei que você estava com doença, morrendo, mas é isso? Sílvia tome seus remédios e se ajeite! O que tem demais em termos três filhos? Sinal de que temos uma boa vida e que podemos bancar quantas bocas quisermos, oras! Deixe que os curiosos se lasquem, se explodam! No final das contas, será tudo inveja mesmo.

— Tem certeza?!

— Claro! E pra coroar tudo, quando você estiver bem barriguda, vamos pra Orlando e faremos diversas fotos comemorando as férias e nossa família rica, enorme, bem resolvida e feliz! — disse, pondo o charuto entre os dentes. — Relaxa mulher! Agora vá se ajeitar um pouco, a coisa tá feia aí — comentou, referindo-se aos cabelos desgrehados e as olheiras profundas.

Sílvia recorda-se das férias em Orlando, das fotos tiradas e que hoje enfeitam a estante em lindos porta-retratos. Paulo Cesar fez questão de ter um filho com seu nome, mas para não ficar estranho por causa da filha anterior chamada Paula, o menino seria João Paulo. Foi a gestação mais tranquila e feliz que teve quando ela pôde sentir, finalmente, um pouco de paz e esperança de dias melhores. Não houveram enjoos, azias, insônia, mal estar. A depressão deu uma trégua nessas quarenta semanas e o lindo menino de cabeleira vasta preta e olhos bonitos da mesma cor nasceu. A paz se estendeu por mais uns meses até que Sílvia se viu completamente sozinha com três crianças chorando dentro de casa e ela descobriu que não sabia, definitivamente, ser a boa mãe como a sua havia sido.

O que teria acontecido se ela tivesse abortado o menino? Pensava. O bom filho, que era o único que ainda se importava com ela... Certamente ela teria enlouquecido e não só o perdido, mas também a todos e a si mesma.

Capítulo 7



Ana sai em disparada para dentro de casa.

Passa voando pela sala para não dar explicações e se fecha em seu quarto. Ela precisa de um espaço, de tempo para pensar naquilo tudo.

Carol espiava pela janela no exato momento em que a filha e o vizinho se abraçaram e quase derramou uma lágrima de emoção por aquela pequena conquista. Ana nunca abraça outras pessoas, não assim, com gosto e por tanto tempo. Quando o casal vê a menina passar batido pela sala, eles sabem que ela está envergonhada pelo que viveu na calçada e resolvem deixá-la sozinha um pouco para se acalmar.

Carol e Roberto vivem um relacionamento feliz e sólido. Conheceram-se quando eram adolescentes na escola e desde então não se desgrudaram mais. Dezenove anos juntos e o amor é o mesmo desde sempre. O companheirismo existe a olhos vistos e eles nem precisam falar para saber exatamente o que pensam sobre diversos assuntos.

Carolina sempre foi bastante firme e de personalidade forte. Em sua juventude, era vista como alguém a ser seguida. Líder da turma; oradora nos discursos; radialista da escola; redatora do jornal da faculdade; criadora de projetos de preservação do meio ambiente.

Carolina nunca esteve dentro dos padrões impostos pela sociedade: cabelos volumosos, mesmo sem ter muitos cachos, coxas grossas, quadril avantajado, cintura reta, alguns quilos a mais do que seu índice de massa corporal indicava ser o ideal e a origem indígena, que era rara na cidade em que viveu. Ainda por cima, misturava o lado índio de sua mãe com o caucasiano de seu pai.

Porém, ela se amava. Era linda! Se achava única entre tantas e tantas pessoas iguais. E essa sua confiança a tornava mais especial e a fazia se sobressair e tornar popular entre meninas e meninos. Todos queriam estar junto de Carol.

Roberto mudou-se com seus pais do interior para a capital para terem melhores condições de trabalho e estudo. Queriam que o filho tivesse oportunidades. Neto de negros e de mãe branca, Roberto herdou o tom, porém menos intenso, dos avós paternos e ganhou um belo par de olhos verdes da mãe. Era um menino muito bonito e essa mistura exótica atraía olhares onde ele passava.

Não demorou muito para que Carolina e Roberto se tornassem amigos, já que caíram na mesma turma na escola. Ambos tinham os mesmos sonhos de um futuro melhor e vinham de comunidades afastadas. Passaram a andar juntos e a dividir segredos, uma amizade natural surgiu e eles já não se viam longe um do outro.

Roberto sempre calmo; Carol enérgica. Roberto tranquilo; Carol expansiva. Roberto exatas; Carol humanas. Roberto apaixonado por Carol desde sempre; Carol se descobriu amando um pouco depois. Juntos, eles ingressaram na faculdade, começaram a namorar e se formaram juntos. Roberto engenharia; Carol serviço social.

Casaram-se um ano depois, vivendo um amor tranquilo e seguro, baseado em confiança e paz. O casal se conhecia muito e morar junto não foi um problema, pelo contrário. Moravam no centro, num apartamento bem localizado e sob medida para as poucas necessidades de dois jovens adultos que pouco paravam em casa. Carol buscava uma pós-graduação enquanto trabalhava no setor público e Roberto exercia sua formação técnica em mecânica em uma concessionária enquanto estudava para o concurso da

sua graduação. O esforço valeu a pena, pois Roberto passou, realizando um antigo sonho e teria um bom trabalho ainda perto do local onde moravam.

Bem estabelecidos e sólidos financeiramente, decidiram que a família poderia começar a aumentar.

Após alguns meses, Carolina trazia a notícia da chegada do primeiro filho do casal, que o exame mais tarde indicou ser uma menina. Eles ficaram exultantes com tantas descobertas e novidades da gestação de Carol. Quando as semanas finalizaram, ao todo quarenta e duas veio ao mundo a pequena Ana Maria Anchieta Salles, fortalecendo ainda mais os laços da família.

Carolina decidiu que a maternidade deveria ser vivida por completo e que ser mãe era tudo o que ela sempre sonhou. Como abraçar e resolver os problemas do mundo? A resposta é a educação e o amor! E ali, com sua filha, ela realizaria seu mais lindo projeto. Enquanto Ana precisasse dela, ela estaria lá. E Ana precisou e precisaria por bastante tempo.

A menina era diferente das outras crianças da idade, Carol observou. Não olhava nos olhos, não demonstrava afeto, tinha movimentos repetitivos e crises de choro por coisas pequenas. Gostava de organizar seus brinquedos de forma milimétrica e fazia escândalos se alguém bagunçasse suas coisas organizadas. Alternava momentos de completa concentração em seus desenhos educativos preferidos e em correr pelos pequenos corredores e cômodos do apartamento.

Os pais preocupados decidiram procurar ajuda médica. Depois de alguns exames de rotina para eliminarem problemas de saúde e muita conversa com psicólogos, veio o diagnóstico: autismo. Na época, Ana foi diagnosticada com *Síndrome de Asperger*. Hoje o conceito mudou e tudo se enquadra no *Transtorno Espectro Autista*.

A família, em reunião, decidiu que o melhor para Ana era viver num local amplo e arejado onde pudesse ser livre e expandir suas atividades físicas que gostava. Então, se mudaram para uma cidade serrana que era um encanto. Escolheram uma casa simples, mas muito bonita e arborizada da rua. Estava no projeto e destinada a ser mais um casarão, mas o casal decidiu que a casa deveria ser térrea. Ficou sendo a casa menor entre as mansões, mas não perdia em nada em beleza. Principalmente pelo jardim que já tinha e que com os cuidados de Carol e Ana ficou ainda mais lindo.

Ana cresceu e passou a não gostar muito de sair de casa, preferindo o quarto e seus livros. Carol gostou de ver que a menina deixou a televisão de lado, mas se entristeceu por descobrir que a filha não queria mais curtir o pátio e as flores. A terapeuta disse que tudo era uma fase, que era comum essas alterações e que logo ela descobriria um novo passatempo. E realmente aconteceu, mas o gosto pela leitura e a vontade de ficar sossegada em casa se mantiveram.

Carolina e Roberto, vendo que a filha estava tranquila, resolveram ter mais um filho para fazer companhia a mais velha e assim veio Davi José Anchieta Salles.

Ana adorou ter um irmão e ensiná-lo coisas que sabia.

Contudo, as coisas só melhoraram mesmo depois que um garoto, filho dos vizinhos, chamado João Paulo, surgiu. Totalmente despretenso e tão sereno quanto o céu matutino. Não julgava e não achava problemas nas manias de Ana. Um anjo em forma de menino.

Carolina conhecia a família vizinha, mas não eram próximos. Sílvia era uma mulher bastante sociável, cumprimentava Carol com entusiasmo sempre que a via e vivia na rua, mas tempos depois passou a não sair mais de casa. Preocupada, a mãe de Ana resolveu ver com João sobre a saúde da mãe e o menino respondeu que ela havia se resfriado. Só que o tal resfriado tornou-se eterno. Sílvia não era mais a mesma.

Hoje, Roberto e Carolina veem o quanto tudo evoluiu de forma natural e doce com sua filha e o melhor amigo. Houve outra amiga, Marina, mas Ana só se sente extremamente confortável ao lado de João, com quem passou a ir para escola. A família Salles confia plenamente no garoto e tem um afeto

desmedido por ele, que faz de tudo por Ana.

Agora, eles sorriem por ver que Ana fez algo por João, algo grande e importante! Ela fez um presente e organizou um jantar especial de aniversário. Isso foi bastante surpreendente e animou muito o casal de pais.

Carol ainda mantém o mesmo ímpeto juvenil, porém mais brando, pois teve que se adaptar para lidar com as crises da filha. Voltou a trabalhar, só que em casa, para conciliar tudo. E ela, sempre muito boa em conciliar e amenizar, está indo fazer isso neste exato instante.

Levanta-se e caminha pacientemente até o quarto da filha. Roberto aperta a mão da esposa antes de ela se levantar. Aqui, neste gesto simples, ele transmite tudo o que ela precisa e ainda diz que a ama muito.

Carol bate na porta e chama suave:

— Filha?

— Mãe— Ana responde breve.

— Posso entrar um instante?

— Pode.

A mãe abre a porta e entra a fechando atrás das costas. Caminha e senta-se na cama da filha. Ana escreve na escrivadinha.

— Gostou do jantar?

— Gostei.

— Foi como você queria?

— Foi bem legal!

— Que bom querida. E João gostou?

— Ele disse que sim.— Segue escrevendo no caderno.

— Fico feliz! E você está bem?

— Acho que sim.

— Quer conversar sobre isso? — Ana ouve a pergunta da mãe e, então, olha para ela.

— A gente se abraçou por um tempo longo e curto... eu não sei definir isso. Está confuso, mãe.

— O abraço foi ruim?

— Foi bom. Muito bom. Me acalmou bastante e eu não queria soltar. Por que isso? Nunca aconteceu! Claro que quando você me abraça ou o papai eu fico bem também, mas dessa vez foi tão diferente!

— É que você desenvolveu um afeto especial por ele. Vocês são amigos há anos e amar os amigos é normal. Não precisa se preocupar.

— E se eu quiser abraçar mais vezes, será um problema?

— Abraços são sempre bem vindos, filha, em qualquer situação. Faz bem pro coração e aquece a alma. Às vezes, o melhor remédio está dentro de um abraço!

— Você e o papai se abraçam bastante, não é?

— Muito! Adoramos esse contato.

— E João vai entender isso?

— Vai sim. Tenho certeza de que ele gostou muito de abraçar você também.

— Hoje nós nos abraçamos duas vezes! — Ana mostra o número dois com os dedos.

— Nossa! Isso é muito bom!

- Me sinto envergonhada. Eu não sei como reagir depois do abraço.
- Fique em paz e pronto. O resto a gente vai aprendendo com o tempo.
- Ficar em paz?
- É! Respire fundo e não pense negativo. Isso é ficar em paz.
- Está bem. Obrigada, mãe.
- De nada, filha. Estou aqui pra qualquer coisa, viu?
- Eu sei.

— Agora vou pôr seu irmão pra dormir. Fica bem. Te amo! — diz enquanto levanta e beija o topo da cabeça da filha adolescente.

— Eu também te amo, mãe. Vou escrever mais um pouquinho e pensar sobre o que a senhora me disse.

A mãe sai do quarto, aliviada por ter conversado com a filha sem problemas. Cada vez é uma emoção nova, porque nem sempre Ana é receptiva.

Ana sente-se aliviada do mesmo modo porque a mãe resolveu boa parte das dúvidas que enchiam sua mente e da vergonha que sentia. O que preocupa Ana é saber o que João pensará dela depois do abraço. Dos abraços. Será que as coisas mudarão? Será que ele a verá de maneira diferente? Será que ele não vai querer mais estar com ela por medo de ela abraçá-lo mais vezes?

Ana acaba de escrever tudo isso que está pensando e guarda o caderno. Levanta-se e vai para a janela observar o céu noturno e as estrelas que João tanto adora. O céu sempre bonito e sempre lá.

Ergue os olhos, observando a imensidão do firmamento. Um pouco mais abaixo, vislumbra a janela do vizinho e encontra a fonte da maioria dos seus pensamentos.

João olha de volta e ambos ficam na contemplação mútua e silenciosa, porém carregada dos mais diversos sentimentos que existem em seus pequenos universos particulares.

Capítulo 8



João permanece estático ao ver que Ana também o olha da janela. Como ela é bonita à luz do luar. Se João soubesse desenhar ou pintar, aquele seria um lindo quadro, sem dúvida alguma!

Não se sabe quanto tempo se passou ali, naquele momento de encantamento puro e simples. Se distrai e fecha os olhos por alguns segundos a mais, sonhando acordado. Quando retorna a olhar pela janela, Ana não está mais lá. Ele teria imaginado aquilo tudo? Não! Foi real! Ele tem certeza.

Ana deita-se procurando acalmar as batidas do coração. João resolve que dormir é a melhor escolha.

O final de semana passa sem grandes novidades: Ana vai com a família visitar os avós. Ela tem os paternos e maternos e é uma alegria para eles vê-la, a única neta menina.

João fica em casa, fazendo suas pequenas tarefas diárias, lendo, ouvindo música e esperando Ana retornar. Ele vê quando o carro da família sai na manhã de sábado e deduz o passeio familiar dos vizinhos.

Na casa dele, não há mais passeios familiares. A mãe, que antigamente organizava tudo, agora vive dormindo e desanimada. Ou seja, nada mais acontece. Tirando também o fato de que os pais dele não se dão bem com mais ninguém da família. Vivem em pé de guerra uns com os outros.

No começo, a família de Paulo César amava Sílvia. Foi a escolhida e a preferida para se relacionar com o jovem, e nada promissor, garoto. Paulo César era filho de um grande empresário, mas ele não herdou o gosto pelo estudo e pelo trabalho duro como o pai. Mas o pintaram formidável à prometida. Já Sílvia era herdeira de bens incontáveis do falecido pai. A mãe ficou inconformada com o falecimento do amado esposo e resolveu fugir de casa para não ter que viver em meio a tantas lembranças. Sílvia deu sua mãe como louca e não gastou muito tempo em sua busca. Ficou e resolveu viver dos lucros das empresas, deixando para seus funcionários o trabalho todo.

Tempos depois, Clara, a mãe de Sílvia, reapareceu em casa, completamente desalinhada. Ao mesmo tempo dizendo que estava de volta para ficar e que estava melhor do que nunca. Ninguém nunca descobriu o paradeiro verdadeiro da matriarca.

Sílvia tratou de inventar uma desculpa boa para o sumiço e o ressurgimento da mãe e logo tudo estava resolvido e nos conformes.

Após o casamento, bem visto pela sociedade local, mudaram-se para o bairro de luxo na Serra, a atual residência da família. Sílvia, então, descobriu que havia se casado com um boêmio preguiçoso e resolveu mostrar sua ira para a família do seu marido. A cada jantar ou encontro, ela infernizava do jeito que podia, com indiretas, alfinetadas e fofocas. Tornou-se ainda mais dondoca, exibindo boa forma, roupas de grife e carros importados.

Paulo César cansou-se ao ver sua esposa sempre o desprezando e resolveu fazer algo para mudar aquela situação, ou perderia Sílvia. Ele a amava.

Exigiu sua parte do dinheiro da sua família e montou a transportadora, dando muito duro no crescimento da empresa, tendo que ele mesmo transportar muita mercadoria país a fora para fazê-la prosperar. Aos poucos, foi conseguindo funcionários e pegando gosto pelo trabalho. A distância de um lar o fez criar uma enorme armadura, uma casca dura e seca. O amor por Sílvia perdeu-se no meio do

caminho e a vontade de ser alguém, de causar inveja, de se tornar bem visto e influente tomou conta de tudo. Nesse quesito, Sílvia e ele se reencontraram e se acertaram em fazer o máximo para que o nome deles fosse símbolo de poder.

Sílvia adorou ver surgir um homem com brios e poderoso daquele palerma com quem se casou. Valeu a pena, no final das contas. Ele ficava na dele, trabalhava bastante, não dava pitaco na vida de Sílvia e tinha a mesma gana por status. Quem precisa de amor se há dinheiro e prestígio?

Paulo César foi ficando cada vez mais distante e frio, não se achava bom o bastante, sempre precisava de mais, porém, perante os outros, ele se exibia como o alfa que desejava ser. Ninguém precisava saber dos seus fracassos.

Sílvia foi se perdendo de si mesma e caindo no vácuo que existia em seu peito. Cada vez mais sozinha, buscava aliviar o vazio na futilidade das compras, desenvolvendo o vício consumista. O pior foi que, com o tempo, nem mesmo comprar satisfazia a ânsia crescente. Sílvia foi se fechando no imenso poço sem fundo de sua alma e se afogando nas lágrimas retidas.

João assistiu tudo de perto desde que tomou ciência dos problemas da sua família. Ele era o único consciente. O único ser vivo da mansão dos Alencar. Como ele poderia deixar tudo aquilo para lá? Não foram poucas às vezes em que passou noites em claro buscando soluções. Vezes sem conta tentou organizar passeios, os quais ele acabava indo sozinho. Nem mesmo sentar para ver um filme juntos era viável, ninguém queria estar perto de ninguém.

E aquele é mais um domingo no qual passa boa parte sonhando com a possibilidade de ter uma família reunida no jardim, desfrutando de um *pic-nic* cheio de guloseimas, bom humor e afeto... Mas o garoto desperta do devaneio com o chamado brusco do seu pai, erguendo a cabeça do travesseiro pelo susto. Desce para a sala, de onde o chamado veio, e encontra seu pai o aguardando com aquela eterna expressão de impaciência.

— O senhor quer alguma coisa? — pergunta, com respeito, ao pai.

— Só te dar algumas notícias. Normalmente, eu não faço esse tipo de coisa, mas acredito que você deva saber.

— O que foi?

— Então, moleque, a faculdade está chegando e eu quero você numa universidade de primeira. Portanto, já estou acertando tudo pra que você curse nos Estados Unidos.

— Estados Unidos?! — pergunta, alarmado e sem acreditar.

— Sim. Sua mãe queria Inglaterra, mas o EUA tem a melhor, sem dúvida alguma.

— Mas não é fácil entrar numa universidade americana!

— Menino... eu já tenho tudo pronto praticamente, você só precisa fazer os testes e passar neles!

— Como o senhor já tem tudo pronto? Para onde eu vou?!

— Yale, lógico! A melhor universidade para quem vai cursar Direito — diz o pai simplesmente, como se fosse óbvio. João não consegue acreditar naquilo tudo. Primeiro, o estavam mandando para os Estados Unidos. Segundo, estudaria Yale, que é a melhor daquele país e entre as cinco melhores do mundo. E terceiro, para cursar Direito!

— Eu não sei o que dizer...

— Estamos fazendo o melhor pra você, garoto. Te dando a educação que não tivemos. — E claro, adquirindo mais status, porque ter filhos estudando no exterior é excelente para a boa aparência da família.

— E as meninas?! — ele quer saber por que tem que estudar fora enquanto que as duas fazem nada o dia todo, mesmo em idade de estar cursando universidade.

— Elas também vão. Foi uma falha nossa elas ainda não terem ido, mas sua mãe ficou doente e não teve pulso pra controlar isso. Deixou que elas tivessem um tempo pra pensar. A verdade é que eu estava fora trabalhando muito e suas irmãs não obedecem sua mãe. Agora vou dar uma pausa em tudo pra me dedicar a pôr vocês em boas faculdades e deixar vocês encaminhados.

— Nossa!

— Bom, não é?

— Elas já sabem? — João ainda não consegue acreditar e mal sente as pernas. A boca balbucia as palavras, mas sua língua está dormente. Fica pálido como uma folha de papel.

— Ainda não, mas Bianca vai pro Japão cursar alguma coisa tecnológica, não lembro o nome, e Paula vai pra França cursar gastronomia. Queria uma delas na medicina, mas não é o forte de nenhuma! Seria um perigo... Garoto? Você tá parecendo um fantasma! — nota o pai, olhando o semblante esmaecido do filho.

— Eu vou subir. Posso? — João, fraco e respeitoso, pergunta.

— Tá doente, garoto? Comeu coisa estragada?

— Pode ser, não sei. Posso ir?

— Vai logo, depois desça e tome um chá! Futuro advogado! — conclui orgulhoso.

João esboça um sorriso e sobe as escadas lentamente, buscando manter o equilíbrio e contando os passos para chegar ao seu destino. Uma vez lá, fecha a porta e se deita em posição fetal, com mil pensamentos em sua jovem mente.

Estados Unidos? Por quê? Como ele viveria tão longe? Como ficaria bem longe de casa? Longe de Ana?! Eles tinham combinado de cursarem juntos, de irem juntos de ônibus, ou seja lá o que for, mas essa agora? A parte sobre o curso de Direito nem é o maior dos problemas, mas só se ele e Ana puderem estar na mesma universidade. Ele cursaria e se formaria advogado feliz da vida. Porém, seu mundo de sonhos para um futuro promissor com relação à proximidade ainda maior dele com Ana, explode em centenas de pedaços que afundam na lama. A lama grudenta e esverdeada do lamaçal que era sua família. Por fora, lindos, sorridentes e glamourosos; por dentro, vazios e frios.

João chora baixinho, encolhido em sua tristeza. Ele não é de chorar, não é de se entristecer a esse ponto. Mesmo com todos os problemas familiares, ele sempre se mantém firme e positivo, mas isso vai além do que ele pode suportar. O motivo? Simples! Ana é a maior alegria da vida de João. A vida cheia de conflitos, medos, angústia, preocupações. A vida onde sua mãe vive doente, sem vontade de viver, trancada em seu quarto. O pai completamente ausente e prepotente. As irmãs amargas e turistas em sua própria casa. A avó amável e carinhosa, mas que necessita de atenção e cuidado e só João se preocupa com isso, tendo que muitas vezes a levar nas consultas médicas.

Ana é o alívio. O conforto. O aconchego do coração. A paz para as turbulências. Quando estão juntos, João se sente em família, em um lar repleto de serenidade e compreensão.

Ana não demonstra afeto com abraços, mas só o fato de ela estar ali para ouvi-lo e aconselhá-lo sem nunca desprezá-lo ou julgá-lo, já é um bálsamo sem tamanho.

Ela é simples e verdadeira. Não usa máscaras para camuflar defeitos. Não quer ser outra pessoa. Ela só é ela: única e autêntica, doce e firme, confiável e parceira. Consegue compreender as pequenas coisas da vida, as coisas que mais encantavam João, como o céu estrelado, as flores roxas e lilases, as pedrinhas arredondadas, as simpáticas joaninhas do jardim.

Com Ana, João pode ser ele mesmo o tempo todo e isso não é ruim ou errado, como na casa dele.

E agora tudo isso se esvairá. Se perderá. Ficaré pra trás.

João chora o resto do dia.

Não vê Ana chegar do passeio. Não vê Ana o esperar na janela. Não vê Ana. E não a verá a semana inteira, pois fica doente de tanta tristeza.

Capítulo 9



Segunda pela manhã, Ana espera por João perto da porta da sua casa. Ela já está acostumada a aguardá-lo exatamente ali.

Porém, Ana espera e espera e ela só vê a avó dele, dona Clara, balançando-se na cadeira para frente e para trás e ouve o rangido do balançar a cada contato no chão.

O que aconteceu? Ele nunca se atrasou e falta pouquíssimas vezes a aula, e nessas ocasiões ele a avisava e ela vai com a mãe.

Tomando coragem, Ana atravessa o seu jardim, a calçadinha e a parte gramada do pátio de João, alcançando a varanda e subindo os dois lances da pequena escada ladeada por vasos de flor. A avó Clara segue distraída, lendo seu jornal da manhã, e não vê a jovem vizinha se aproximar.

Como Ana está aflita e nervosa por estar fazendo algo que fugia da sua rotina, ela simplesmente sai falando feito metralhadora:

— Oi. Sou a Ana. A senhora sabe onde está João?!

A velha senhora toma um susto que a fez jogar o jornal pra cima, não muito forte, apenas a alguns centímetros, e levar uma mão ao peito instintivamente. Ao virar-se, encontra Ana totalmente impassível, como se nada tivesse acontecido. A menina está preocupada demais, aflita demais, para notar as reações que causa à avó de João. O nervosismo é tanto que até a bela cor de canela foge de seu rosto.

— Crê em Deus pai, que susto menina!

— Desculpe. A senhora sabe do João?

— João?

— Sim. Onde ele está?

— Eu não sei. Que horas são?

— Sete e quarenta da manhã. Ele está atrasado, bem atrasado.

— Espera aí um minutinho que eu vou ver o que aconteceu. Pode ser que tenha perdido a hora.

— Certo.

Bom, Ana pode esperar um minutinho. O que é um minuto quando já esperou quinze? Só que a avó de João apenas usa de uma expressão de linguagem. Ana logo percebe isso porque o minutinho se passa e a ele se acumulam mais uns seis. Quando a garota pensa em ela mesma fazer algo, como jogar pedrinhas na janela do seu amigo, a senhora retorna, surgindo lentamente na porta.

— E o João?

— O menino tá de cama — lamenta. — Branco feito cera, bem abatido e quente.

— Ficou doente?

— Ficou. Pelo visto é aquela tal virose que os médicos sempre dizem. Vou ter que voltar lá e ver o que é que ele sente pra dar um chá.

— E a escola?! — pergunta Ana, afoita, antes que a senhora retorne pra dentro de casa.

— Ele não vai. Não tem jeito, tá muito caidinho, com febre. Vamos ver se ele melhora logo. — Ana sente seu coração desmanchar de pena.

— E eu vou à escola sem ele? Eu não sei se consigo... — fala mais para si do que para a avó de João.

— Vai, menina. Não se preocupe, ele vai ficar bem e você pode vir vê-lo mais tarde se o que ele tiver não for contagioso.

— Está bem. Diga que eu desejei melhoras, por favor?

— Pode deixar. Vou entrar e cuidar dele e você fique tranquila.

— Tá...

A avó entra e Ana fica ali, parada, por mais alguns minutos pensando. João nunca ficou de cama a ponto de não avisá-la, de não vê-la. Ela deseja que ele esteja apenas gripado e que passe assim que ela retornar da escola.

Não passa.

Quando volta, a primeira coisa que faz é ir até a casa da família Alencar e bater à porta. Não há resposta. Ninguém vem atendê-la. Frustrada, vai para sua casa e passa o resto do dia olhando de sua janela para a janela de João. Ele não aparece.

No dia seguinte, pensa que tudo estará nos conformes, que ele estará melhor, mas ele não vem novamente e nem a avó está na varanda.

Quando resolve contar para a mãe, no segundo dia, que João não apareceu, ela responde que o rapaz precisa de repouso e que ela irá telefonar para Sílvia para ver o que houve. Carol liga para a residência vizinha e a avó atende, quase no último toque. Clara informa que João pegou uma virose sem causa aparente e que chamarão o médico da família caso não haja melhora, mas que a febre está controlada.

Ana respira com um pouco de alívio por saber sobre o amigo, porém não é o bastante. Só que o que ela pode fazer? Eles não atendem a porta! Como ela pode visitá-lo? Aquela semana se tornou o maior martírio da vida da garota. Por uma semana inteira, Ana é só agonia e medo.

João afunda-se na melancolia que conseguiu manter afastada por anos e anos. Dessa vez, ele permite que ela chegue e o pegue. Ele não quer melhorar, não quer sair dela, não quer ir para os Estados Unidos, não quer ir para longe de tudo, de Ana. Mas Ana está ali, do outro lado da janela, da porta, da parede, do pátio, do pequeno universo que os afasta! Basta ele abrir os olhos e aproveitar o que tem no momento. Porém, há instantes em que nada importa e tudo perde o sentido. Aquele instante, por exemplo...

A avó, vendo que o neto segue apático e febril, procura por Sílvia, sua filha, para ver o que podem fazer. Sílvia hiberna em seu quarto à base de remédios fortíssimos. Não vê o chamado de sua mãe. Não quer ver nada.

Quando Paulo César chega, a senhorinha vai atrás do genro, que diz que o menino precisa de mais trabalho duro para criar anticorpos. Clara pergunta se pode chamar o médico e o genro respondeu que já deveriam ter chamado. Questiona por Sílvia e a sogra lhe diz que ela deveria estar dormindo.

Deixa Paulo César para trás falando sozinho e vai telefonar para o doutor Peixoto. O médico atende a família há anos. Quando chega e examina o rapaz, dá o diagnóstico de virose tradicional, mas alerta para o abatimento do menino, que nem responde a algumas perguntas, apenas balbucia, monossilábico. Passa um antidepressivo, pois provavelmente ele está desenvolvendo um quadro melancólico acima do comum. Doutor Peixoto conhece o quadro, Sílvia tem exatamente o mesmo.

Clara se desespera por ver mais um familiar adoentado com aquela maldita. Mais um para viver entupido em remédios. Logo ele, seu menino tão alegre e afetuoso, o seu menino especial.

Resolve que aquilo não ficará assim. Arrasta o neto para o chuveiro no quarto de Sílvia mesmo e o faz se lavar. Sílvia — que ou dorme, ou compra coisas pela internet, ou passa horas perdida na sua mente, ou sai para socializar no salão de beleza para se manter na alta roda —, completamente alheia aos

problemas domésticos, vê a cena e quer saber o que acontece, mas não tem jeito. Sente uma imensa vontade de chorar por ver-se tão inútil, tão despreparada e decadente. Seu filho está doente, ela não sabe de nada e agora que descobriu, não tem forças para ajudá-lo. Sílvia chora desconsolada e engole mais um comprimido.

Paulo César acha que não é de sua alçada se intrometer em coisas tipicamente femininas, como cuidar dos filhos, dar banhos, remédios, chás, compressas e essas bobagens de gente fresca. Para ele, sua parte é apenas custear os remédios e médicos.

Não fosse Joice, a empregada doméstica da família há quinze anos, o trabalho teria ficado inteiro para dona Clara. Paula não faz a menor questão de saber de nada e Bianca não veio para casa durante a semana toda. Saiu para acampar com seu namorado e os amigos.

João está há dias sem um banho decente, apenas dormindo e comendo sopas. A avó o enxuga, veste, dá sustança para comer. Conta histórias infantis, coloca os filmes preferidos dos heróis dos quadrinhos, o abraça e consola. Tudo em silêncio. Faz por ele tudo o que ele fazia diariamente por ela.

Fica extremamente cansada. Os ossos doendo pela osteogênese imperfeita, doença que carrega há anos e a responsável pelos inúmeros cuidados do neto para com ela. Os músculos gritam que ela tem quase setenta anos e é sedentária pela fraqueza dos ossos. Mas a mente arejada, vívida por estar fazendo algo bom, Clara até se sente mais jovem.

As horas passam e a avó vê que o menino está um pouco mais corado e acordado, pergunta o que aconteceu e João apenas diz: não posso ir, vó. Não posso deixar tudo. Não posso deixar Ana.

A avó deduz que ele está sofrendo de amor, só pode ser. Não tem conhecimento de nenhuma outra coisa que pode ferir tanto o neto.

Resoluta, ela deixa o quarto e a casa. Bate à porta da família Salles e chama pela vizinha. Carol sorri ao abrir a porta e ver que Ana terá notícias do amigo. Chama pela filha.

Clara, quando vê Ana chegar receosa, conta que o neto está sofrendo de tristeza e que ela pode ajudá-lo. Fala que o médico passou remédios fortes, mas ela não quer dá-los a ele. Ana olha para a mãe, questionando com o olhar o que ela deveria fazer. Carolina apenas acena a cabeça, dizendo que ela deve ir vê-lo.

Ana suspira e vai com a avó de João até a casa. Assustada e nervosa, ela entra cabisbaixa. Acompanha os passos ainda mais lentos da senhora pela escadaria e entra no quarto do seu amigo pela primeira vez. Ao revê-lo, sentado e olhando os próprios pés nas meias, tão diferente e pálido, Ana pensa que é até outro garoto. Onde está seu amigo de sorriso estampado e de rosto redondo e corado? João perdeu suas bochechas, e a barriga, antes fofa como uma almofada, agora está com dobras a menos na camiseta fina do pijama.

— João, filho, você tem visita.

João ergue a cabeça, que parece mais pesada que todo o corpo, e olha para a porta, encontrando o rosto amigo, temeroso, tímido e, ao mesmo tempo, afetuoso da sua melhor amiga.

— Ana! — Fala surpreso. Na mesma hora, a cor volta a seu rosto e os olhos umedecem e brilham pela emoção do reencontro. É como se ele tivesse dormindo esse tempo todo e só agora se desse conta disso.

— Vou deixar vocês conversarem a sós, tá filho? Vou estar na sala aqui de cima, então qualquer coisa é só chamar.

— Vó, a senhora deve estar muito cansada. Precisa ir se deitar um pouco. Eu sinto muito por ter causado problemas, eu deveria ter me virado sozinho! Eu não sei o que deu em mim...

— Filho, a vó tá ótima como há muito não se sentia. Não se preocupe. Já passei tempo demais

deitada e descansando, um pouco de ritmo e ação positiva só fazem bem. — Clara deixa o quarto e se encaminha satisfeita até a sala de estar do andar de cima.

João não sabe o que fazer nem o que falar para sua amiga, que se mantém estática perto da porta do seu quarto.

— Oi, João. Você tá bem? — pergunta Ana, um pouco tímida.

— Tô bem. Envergonhado por tudo isso, mas bem. Vem, entra. Eu continuo o mesmo e não vou te morder.

— Eu sei. Você não morde. — Ana entra receosa no quarto, reparando nos detalhes dos pôsteres nas paredes, nos bonecos de personagens na estante de livros, uma quantia enorme de gibis, os adesivos colados no roupeiro, o teto com estrelas de neon verde, o chão em porcelanato escuro com alguns pés de meias coloridas perdidas.

— Senta. — João indica docemente a cadeira da sua escrivaninha e Ana aceita, sentando-se e olhando para ele, que permanece na beirada da cama. Ana acha que está longe demais do amigo, eles costumam sentar lado a lado na calçada do seu pátio. Por que ali estavam tão afastados? Algo mudou?

— Eu posso sentar mais perto? — Ela sente tanta falta dele. João se assombra com o pedido e responde que sim com a cabeça enquanto olha ela levantar e sentar ao seu lado, com seus braços quase se tocando.

Por que ele fica nervoso? Por que, na calçada, quando sentam lado a lado para conversarem e verem o céu, não parece tão errado? Por que parece errado? Só por que ali é um quarto e ambos estão em sua cama? É errado gostar daquela aproximação? É errado gostar e querer estar perto de quem se gosta? Perto o bastante para sentirem os corações batendo juntos?

Amar alguém não é errado. Pensa João. O errado seria se só ele pensasse tudo aquilo e ela não. Se ele estragasse a amizade. Aí sim, é muito errado. Ele não quer errar! Já havia errado e muito ao se deixar adoecer, ao se permitir abater do modo como se abateu. Ao refletir naqueles poucos minutos, ele percebe que, por pouco, não se tornou sua própria mãe. Talvez agora ele possa sentir um pouco do que ela sentia e, quem sabe, até a ajudar de forma mais veemente.

Quanto aos erros? Nenhum deles, nunca mais! Era uma promessa!

Capítulo 10



— Você está bem, Ana? — João quebra o breve silêncio confortável depois de tomar a decisão importante de não mais adoecer.

— Fiquei preocupada, você sumiu. — Puxa uma respiração e comenta. — Cheiro bom. Sabonete? — João assente. É o sabonete preferido da sua mãe. Ana tem uma forte ligação com aromas também.

— Desculpe, eu não soube lidar bem com uma notícia. Eu me sinto péssimo por ter dado tanto trabalho pra minha avó e por ter feito você se preocupar. Eu fui um irresponsável, eu realmente sinto muito.

— Qual notícia? O que aconteceu?

— Deixa pra lá, já passou... — João não quer contar porque assim ela verá o quão fraco ele foi.

— Você costumava me contar tudo, João. Pensei que fôssemos amigos. — Ana soa levemente, decepcionada por não entender a razão de seu amigo ter se afastado tanto dela.

— Somos Ana, nós somos! Eu fui um fraco, essa é que é a verdade.

— Eu posso ter quase certeza de que você está exagerando. João, você ficou mais de uma semana de cama, doente, com febre... Onde entra a sua fraqueza? Onde entra a sua culpa? Provavelmente seu sistema imunológico ficou debilitado, permitindo que o vírus progredisse, mas eu não vejo esse absurdo de culpa que você diz sentir por ter tido uma falha no seu sistema imunológico. Você não acha que está sendo muito rígido consigo mesmo?

Para Ana, as coisas são sempre preto no branco, simples e fáceis. Ah, como ele sentiu saudade de ouvi-la discursar e explicar todas as suas ideias e pensamentos mirabolantes e tão possíveis. Ele poderia abraçá-la ali mesmo e agradecer a ela por estar ali, sendo ela. Ah...

— Meu pai me deu uma notícia inesperada e eu não soube lidar com ela, não soube digeri-la. Eu permiti que o vírus entrasse e se instalasse. Eu praticamente puxei a cadeira pra ele se sentir mais confortável, sabe?

Ana não consegue impedir sua mente de imaginar João em tamanho microscópico, dentro do seu próprio corpo, puxando uma cadeira microscópica para o vírus microscópico sentar, dando a ele total permissão para se sentir em casa em seu corpo. Ana ri de leve, depois volta a se concentrar na problemática do amigo. Afinal, ela foi ali para isso: ajudar.

— Qual notícia? Me conta, talvez eu possa ajudar. Sua avó disse que eu poderia.

E a avó estava certa, pensa João. Ana pode. João resolve contar. Em tom baixo, quase cochichado, ele revela.

— Meu pai quer que eu vá estudar nos Estados Unidos. Ele já está com quase tudo certo pra eu estudar em Yale, a melhor universidade pra quem vai cursar Direito.

— Hum... Bom, ele ainda quer que você seja advogado e você não quer, é isso? — pergunta Ana, também quase cochichando.

— Não somente isso. Ele quer que eu vá pra outro país. Ele e minha mãe querem. Você sabe, ter filhos estudando no exterior é chique e eles amam status! — exaspera-se, sussurrando.

— Você não quer ir pra outro país?

— De jeito nenhum...

— Mas, por quê? São faculdades incríveis, você vai estar muito bem encaminhado. E você não sabe o que quer cursar. Quando não se sabe pra onde se quer ir, qualquer caminho é caminho... — Ela está certa, João sabe.

— Porque... Porque... Por causa de você! — fala o garoto de uma vez.

— De mim? — Ana aponta para o próprio peito.

— Combinamos de estudar juntos, lembra? Eu não quero mudar isso.

— Eu também quero que você vá para a faculdade comigo, mas não podemos controlar tudo.

— Você não está se sentindo triste por isso? É uma mudança enorme!

— Estou sim, afinal, você é o meu companheiro. Você me cuida, me ajuda, me entende. Eu vou sofrer bastante pelo afastamento, mas por enquanto eu não posso mudar isso. Então, sei que vai ser ruim, mas sei que logo o tempo passa e eu absorvo, aceitando o novo e esperando que você esteja bem e feliz. Eu não gosto de mudanças, mas elas sempre vêm. — Dá de ombros. Seus dedos tamborilam a parte metálica da cama para que ela possa descarregar a energia e toda a vontade que está de falar alto.

— Eu não vou conseguir deixar você aqui, sozinha. Eu preciso cuidar de você. Mesmo sabendo que você consegue e que não precisa de mim.

— Quem disse que eu não preciso? — Seguem lado a lado na beirada lateral da cama de João. Revezando olhares entre o chão, o teto, as paredes, os braços, a boca, o nariz e os olhos, um do outro. Ana só olha nos olhos de João por segundos, mas é muito mais do que ela faz com qualquer outra pessoa. Olhar nos olhos é basicamente um anúncio em letras garrafais de que ela está confiando nele completamente, está dando a ele permissão de enxergar sua alma, seu coração, suas alegrias e medos. Está dizendo que ela o aceita por inteiro em sua vida. Será que João consegue ver isso?

— Precisa?

— Eu quase adoeci também esses dias. Eu não quero atravessar a rua sem você. Eu me senti perdida e devastadoramente sozinha. — diz Ana, sincera como sempre.

— Nossa Ana, eu não sei o que dizer...

— Eu não quero que você vá estudar nos Estados Unidos, eu não quero que você se mude, eu não quero que você vá para longe — enfatiza e segura forte a base metálica —, mas eu não posso decidir nada por sua vida e nem posso impedir você de crescer profissionalmente, impedir você de obedecer a seus pais! Por isso que, mesmo sendo extremamente difícil e triste, eu preciso aceitar isso e seguir em frente. Eu já passei pela experiência de recusar algo que era óbvio, algo que fatalmente aconteceria, e foi extremamente pior me fazer de cega, surda e recusar. Eu estou só evitando que, futuramente, seja consideravelmente pior pra mim e pra você. São fatos! — Respira, soltando as mãos e as relaxando.

— Eu fico contente que você tenha conseguido administrar isso. De verdade. Fico tranquilo em saber que você sofre menos.

— E eu quero que você sofra menos. Eu me senti quebrada ao chegar aqui e te ver assim, tão pra baixo, apagado. E eu nem sei como se sentem pessoas quebradas, porque eu nunca quebrei um osso! Só sei que esse não é o garoto que eu conheço... — Toca de leve a ponta do indicador no ombro de João.

— Eu também não quero que você me veja assim. É bastante vergonhoso, eu realmente sinto muito. Eu exagerei em tudo, eu sei.

— Eu não disse isso.

— Ana, eu fiquei tão abatido que eu nem era capaz de abrir meus próprios olhos e erguer meu próprio peso pra tomar um banho decente. Eu não sei como fui capaz de deixar que minha vó e Joice me levassem ao banheiro! É absurdamente inaceitável o que eu fiz — diz e cobre o rosto com as mãos,

desolado.

— João, você acha que não tinha motivos para se entristecer?

— Acho — responde depois de tirar as mãos do rosto e encarar as pernas deles encostadas.

— Pois eu acho que você aguentou até demais. São anos e anos que eu noto o quão forte e dedicado você é. João você faz tudo por todos, o tempo todo. Você faz todas as refeições da sua avó e a leva para o médico mensalmente— começa a lembrar de tudo o que sabe sobre a vida do amigo e lista cada item enquanto conta nos dedos cada um deles. — Você faz de tudo pra alegrar sua mãe e fazê-la melhorar. Você arruma a casa quando a Joice não vem. Você avisa seu pai das coisas que acabam e das consultas da sua mãe. Você respeita seu pai mesmo quando ele grita feito um cão raivoso bem no seu rosto como se você fosse surdo! — Ana pausa, respirando, e as ideias vêm na sua mente como águas de uma cachoeira. — Você estende e recolhe as roupas até mesmo das suas irmãs, sendo que uma delas te maltrata e a outra não enxerga ninguém além dela mesma. Nenhum deles comemora mais seu aniversário e a maioria nem se lembra. E mesmo assim, se qualquer um deles precisar de qualquer coisa, João, você fará essa coisa sem nem pensar! — Olha para o teto e as entrelinhas brilham. — Porque você tem o coração mais nobre desse mundo todo! — Ana gesticula com os braços para ressaltar seus pontos, finalmente liberando suas expressões amplas. João escuta tudo enquanto olha diretamente pra ela e tem a certeza de que ela é tudo de mais bonito que existe nesse mundo.

— Você é demais, Ana. Não sei se sou tão bom assim, mas você consegue ver coisas que mais ninguém vê — confessa, encantado.

— Eu só disse a verdade. E sabendo de tudo isso, posso afirmar, com toda certeza, de que não há mal algum em se chatear vez ou outra. Pelo contrário! Se você ficar guardando tudo, quando chegar ao limite, vai ser devastador. Foi complicado ouvir que seu pai quer que você vá para longe, sendo que você não quer ir, foi sim — afirma, convicta —, mas João, se você não quer ir, você pode dizer a ele que não. Já pensou nisso?

— Dizer que não? Ao meu pai? Eu mal consigo dizer quase nada a ele, quanto mais negar uma ordem!

— Então você tem que descobrir o que quer fazer da vida, senão ele sempre vai decidir tudo por você.

— Eu não sei qual profissão quero seguir. A única coisa que eu sei é que não quero me especializar em nada que seja longe de vo... Longe daqui — completa rápido.

— Eu posso sugerir algo?

— Deve!

— Você precisa conversar com seu pai. Uma conversa franca e direta. Não precisa ser rude, basta ser você mesmo, você é respeitador e um ótimo filho. Acho que ele vai te ouvir. Você tem que tentar!

João suspira e bate levemente a palma da mão na sua própria coxa.

— Eu vou fazer isso. É o jeito, não é? — Olha pra ela.

— É o jeito.

— Vou falar com ele amanhã. Só não vou hoje porque estou um traste e quero estar com boa aparência pra ele me levar a sério.

— É uma ideia boa. Quem sabe você já anota o que pretende dizer, pra ir se acostumando? Anotar as coisas funciona pra mim.

— Acho que pode funcionar pra mim também. Vou anotar tudo. Obrigado, Ana, você e minha avó são muito especiais, muito mesmo.

— De nada. Eu me sinto feliz em te ver melhor. E queria te pedir uma coisa. Posso?

— Claro! Qualquer coisa...

— Não esconda mais as coisas de mim. Foram dias muito tristes sem saber de você. Somos amigos e você pode contar comigo, pra tudo.

— Prometo que isso não vai mais se repetir.

— Isso é bom. Obrigada por aceitar.

— Vamos juntos pra escola amanhã? — pergunta João e os olhos de Ana brilham perante a notícia que tanto aguardou a semana inteira.

— É o que eu mais quero. Que as coisas voltem ao normal e que a gente passe um tempo juntos, como fazemos desde os doze anos.

— Quero muito também.

Então, o silêncio retorna e se instala mansamente. Um silêncio reconfortante e tranquilo que permite que ambas as mentes pensem em tudo o que aconteceu naquele meio tempo e eles conseguem apreciar apenas a companhia um do outro, serenamente.

Não tem nada de errado ali. Está tudo certo e em paz. Se tivessem olhos astrais, veriam o amor puro os abraçando e enlaçando. Mas eles podem sentir, e está tudo bem.

Porém, Ana precisa voltar para o seu planeta. Ela sabe que a hora chegou. Está tarde, escuro e eles têm que levantar cedo no dia seguinte. João também sabe que Ana tem que ir embora, viajar para o outro lado da galáxia, para seu planeta colorido enquanto ele permanece em seu mundo inteiramente verde. Quase inteiramente, porque aquele cantinho onde estavam havia mudado de cor e João até pode ver os novos tons que seus olhos nunca enxergaram antes.

Sem dizer nenhuma palavra a mais, Ana encosta seus lábios brevemente na face de João e levanta, indo para casa.

Nada foi dito a mais naquele momento, mas para quê?

Com aquele simples beijo, Ana deu a ele o encorajamento que faltava. O último empurrãozinho. Ana só beijava seus pais e beijar João significa muito mais do que os olhares olho a olho. Significa que ela o tem como alguém que já faz parte do seu lar, do seu mundo. João, ali, torna-se de casa e para Ana, uma pessoa de casa é aquela que também pode morar em seu coração.

Capítulo 11



A avó deixa o quarto do neto a passos vagarosos e doloridos, porém nada disso a esmorece, pelo contrário. Está se sentindo bem como há muito não se sentia.

Quanto tempo ela não se penalizou e culpou pela doença da filha?

Desde o nascimento de Sílvia, Henrique, marido de Clara, fez da filha o bibelô mais delicado, quase pertencente a uma cristaleira.

O casal passou dificuldade para ter o primeiro filho. Clara havia tido abortos espontâneos seguidos, mas persistiram na tentativa. Até que Sílvia vingou e se desenvolveu no ventre da mãe, para alegria do pai que já sonhava com seu rostinho mimoso.

Filha única do casal, a menina recebia todos os mimos e cuidados de forma tão exagerada que parecia que ia se quebrar na fragilidade inventada por Henrique.

A pequena família vivia bem, como uma renda excelente vinda dos negócios bem administrados por Henrique no ramo imobiliário. Com o tempo, mais prosperidade chegou e eles poderiam viver tranquilamente apenas com a poupança que haviam guardado. Tornaram-se ricos, bem sucedidos e bem quistos nas rodas da alta sociedade.

Clara não gostava do luxo, Henrique sempre foi pé no chão, mas a pequena joia merecia tudo de melhor que o dinheiro poderia comprar. Afinal, eles tinham rezado tanto a Deus para serem presenteados com um anjo e receberam a graça, como não protegê-la e cercá-la de belezas e amor?

O pai não media esforços para presentear a filha com tudo de mais bonito e reluzente. Sílvia não precisava nem abrir a boca para pedir, Henrique fazia questão de realizar suas vontades antes mesmo de ela mencionar algo. Ele queria vê-la feliz e rodeada de tudo de mais belo que existia. Ela merecia, ela era um anjo do Senhor.

Clara sentia-se realizada ao ver sua família tão bem. Ela amava muito o marido e vê-lo feliz era também sua maior alegria. Henrique tinha tudo o que precisava para ser pleno: a esposa amada — que era seu primeiro e único amor — e sua pequena preciosidade de cabelos da cor do mel e olhos como safiras.

Sílvia foi educada nas melhores instituições da região, sendo sempre bem recomendada pelos professores pelo seu desempenho acadêmico. Porém, eles ressaltavam o comportamento pouco dócil da jovem, que só fazia o que bem queria e na hora que bem lhe importava.

Henrique Pires pouco deu valor às queixas.

Confiava plenamente na educação que deu a sua filha e sabia que Sílvia só fazia o que lhe era certo. Provavelmente, aquilo não passava de implicância com a jovem que se destacava a olhos vistos das outras meninas da mesma idade.

Sílvia tinha discernimento, pensava Henrique. Ela conhecia apenas o melhor e se não lhe aprazia algo, certamente esse algo era mesmo dispensável.

Assim cresceu Sílvia, cheia de si e vazia dos outros.

Acostumou-se apenas a ser obedecia, sem ser questionada em absolutamente nada e planejava um futuro ainda mais brilhante quanto o da sua família. Sílvia havia nascido para o topo e não aceitaria nada a menos do que isso.

Clara conversou diversas vezes com o esposo sobre o comportamento da filha, ela temia que Sílvia se desvairasse e se perdesse. O mundo não era um mar de rosas como Henrique tinha construído e criado para ela. O mundo era mau e ela não saberia lidar com os espinhos.

O esposo dizia que era bobagem, que Clara estava exagerando, pois era visto o quanto Sílvia estava crescendo e inteligente.

Clara aquiesceu convencida, afinal, seu marido entendia das coisas, era culto e incrivelmente sagaz. Ele saberia se houvesse algo de errado com a filha. Clara confiou nisso e relaxou, curtindo os bons momentos com seu bom esposo e sua filha tão amada.

Sílvia respeitava o pai e o amava com todo o coração. Ele a entendia em todas as preocupações e problemas, a grande maioria de extrema futilidade, mas, para ela, eram vitais. Henrique escutava totalmente atento a cada queixa e lamúria da filha e dava um jeito de sanar todas as dores imaginárias e bobas que ela tinha para vê-la sorridente e de semblante sereno outra vez.

Pela mãe, Sílvia não sabia definir o que sentia ao certo. Era sua mãe e mãe a gente ama mesmo não querendo, é um sentimento meio que inato e ela tinha lhe dado tudo o que precisava, mas nada chegava perto da admiração que tinha pelo pai.

Henrique Pires era um homem à frente do seu tempo e dono de uma generosidade sem precedentes. Trabalhava duro e ainda tinha projetos filantrópicos onde ajudava aos necessitados. Vezes sem conta, foi chamado às pressas na madrugada para ajudar a levar a filha ou filho de alguém da comunidade para o hospital, e, pacientemente, ele ia, sem queixa alguma, pois era o mínimo que poderia fazer, visto que possuía tanto. Já os outros, quase nada.

Realizava empréstimos com juros ínfimos a prestações a se perder de vista, sem nunca cobrar ou desconfiar da índole alheia.

Vendia terrenos com preços módicos aos seus conhecidos e fazia questão de acompanhar as construções e checar de perto o andamento dos novos lares do bairro onde residia.

Muitos foram os pedidos para que Henrique se tornasse prefeito, mas ele achava que fazia bem mais perto do povo e longe dos laráprios da prefeitura.

Como marido era exemplar! Clara vivia recebendo recadinhos, bilhetes, flores, bombons, olhares e toques carinhosos a qualquer hora do dia. Ele não poupava elogios à adorada esposa e fazia questão de dividir as tarefas domésticas sempre que podia.

Clara se sentia no céu e não poderia citar uma reclamação sequer do bom marido que Deus lhe presenteara, que além de tudo era lindo e o partido mais requisitado da cidade quando esteve em época de casar.

Só que Henrique adoeceu gravemente.

Descobriu que tinha tÚberculose e o tratamento tardio não surtiu o efeito...

Henrique faleceu jovem, na casa dos quarenta e cinco anos, deixando uma esposa completamente desnorreada e uma filha de vinte anos atordoada, incapaz de discernir o certo do errado.

A cidade toda entrou em luto pelo falecimento do grande homem que foi o senhor Henrique Pires, que tempos depois, ganhou uma rua e uma escola com seu nome.

Clara perdeu a razão, o chão, a alegria e o coração.

Não soube lidar com aquela perda tão drástica, dolorosa, terrível. Jurou que seria irreparável. Perdeu a cabeça. Decidiu que precisava de um tempo, de ar, de um novo rumo ou senão seu coração se partiria em tantos mil pedaços que não teria mais conserto, ela enlouqueceria.

Num impulso ensandecido, juntou meia dúzia de peças de roupa e itens de saúde e saiu sem dizer para onde ou por quanto tempo. Deu as costas à cidade inteira, que vivia enlutada pelo bom homem que

ali morou. Não suportaria mais os pêsames e condolências. Precisava respirar.

Andou sem rumo até chegar a um vilarejo afastado, onde encontrou pouso e descanso. E se encontrou, também, em meio à natureza.

Conheceu pessoas boas que a ajudaram a viver o luto sem sofrer, praticando meditações em busca do seu *eu* interior.

Clara se redescobriu. Tantos anos sendo a boa esposa, a dona de casa perfeita, a mãe amorosa. Pensou que sua vida tinha chegado ao fim pela morte do marido. O que ela faria dali em diante? Mas graças ao apoio dos novos amigos, Clara viu que havia muito mais coisas pelas quais viver.

Sílvia sofreu calada a perda do pai. Porém o sofrimento não perdurou. Ele tinha deixado um testamento promissor e Sílvia se descobriu herdeira de bens infindáveis. Agradeceu pelo sumiço da mãe e tratou de tocar a vida, vivendo dos luxos que adquiriu sem fazer nada.

Nesse meio tempo, foi apresentada a Paulo César e em dois anos estava casada e morando na casa atual. Um casamento completamente de fachada. Naquele local novo, Sílvia planejava montar um império tão grandioso quanto o do seu pai, mas o marido não chegava nem perto das qualidades do patriarca falecido. Ali viveu a primeira decepção, que veio forte como uma pancada no rosto e sentiu que sua base era muito fraca.

O castelo que Sílvia queria construir ao seu redor era de concreto, aço e muito ouro. Sólido e resistente. Mas como ela faria isso, se só tinha areia?

Clara encontrou a nova morada da filha e retornou ao lar, descobrindo um genro indiferente, que não fedia e nem cheirava, e em pouco tempo tornou-se avó. Sílvia não queria a mãe, mas o que fazer? Talvez fosse bom tê-la por perto para ajudar a gerir as tarefas domésticas, das quais passava longe.

Não demorou para que Clara notasse o quão problemática sua filha estava se tornando. Sua compulsão por compras e seu humor instável eram sintomas preocupantes. Sílvia chorava por qualquer coisa que não conseguia fazer ou entender. Se a roupa lançamento de uma marca saísse e ela não comprasse no mesmo instante, era motivo para choro. Se faltasse queijo para seu desjejum, ela gritava. Quando a chamavam para resolver burocracias das imobiliárias e empresas terceirizadas, que gestavam o negócio montado por seu pai, ela caía em pranto desesperado porque aqueles homens e mulheres zombariam da cara dela por ela não entender uma única palavra daqueles papéis e contratos.

Qualquer dor diferente ela achava que estava com alguma doença grave e que morreria. Se a casa estivesse levemente desorganizada, ela entrava em pânico. Se seus filhos chorassem, ela chorava junto. Tudo isso escondida e sozinha, não totalmente, pois a mãe escutava tudo. Mãe sempre sabe de tudo.

Tentativas nulas se fizeram quando a mãe tentou contato com a filha. Sílvia vivia em outra dimensão, alheia e vaga, triste. A cada ano enfraquecia mais e mais e junto aumentava a barreira que a afastava de todo o resto da família. Não era má, nunca foi. Apenas não sabia o que fazer com a vida que tinha. Esperava que fosse fácil progredir e crescer, que ter um lar pacífico e feliz, assim como seus pais tiveram, era simples. E aí ela viu que nada vem para quem nada faz.

Logo a depressão foi diagnosticada, mas Sílvia relutou. Ela não seria uma doente. O que as amigas pensariam? Hoje em dia, até seria aceitável. Naquela época, de jeito nenhum. Entretanto, não teve escolha. Ou aceitava o tratamento dado por doutor Peixoto ou se acabaria de tanto chorar, apavorando as crianças, que cresciam a vendo tão inútil.

Na verdade, apenas João se importava. As outras duas não davam a mínima e Sílvia sentiu o gosto do desprezo que plantou. Tinha filhas que eram sua cópia e ainda piorada pela falta de educação e amor familiar.

Clara cansou de tentar contato com a única filha. Sílvia a ignorava sumariamente, pois no fundo culpava a mãe pela morte do amado pai. Ela pensava que sua mãe poderia ter feito algo, poderia ter

procurado outros médicos, recursos. Não que Sílvia ainda vivesse a saudade da perda, até porque o dinheiro era bom, mas sua mãe levava a culpa. Ou talvez Sílvia tenha inventado isso para ter um bom motivo para não gostar da própria mãe.

Mas o mesmo não aconteceria com o garoto, o neto mais novo, o menino de ouro da família Alencar. João era um diamante em meio aos cacos de vidro.

Ao primeiro sinal da tristeza do neto, Clara correu para evitar a tragédia. Se com a filha ela não pôde fazer praticamente nada, apenas rezar, com o neto ela moveria céus e terra.

Com o corpo moído, mas o peito aliviado, a avó Clara acaba pegando no sono na poltrona macia da sala de estar do andar de cima da mansão. Não ouve a conversa do neto com a vizinha, nem vê os toques sutis, os olhares trocados, a atmosfera tranquila e pura que os rodeia, muito menos o beijo rápido de Ana na bochecha novamente corada de João.

Mas sente que tudo ali, naquele pequeno recanto, estava em paz.

Capítulo 12



João levanta antes do despertador.

Está se sentindo renovado e corajoso. Toma um banho demorado, escolhe roupas limpas e resolve fazer a barba inexistente.

Aquele é o dia e ele terá que aparentar confiança. Mais tarde, ele falará com o pai, e tudo tem que estar nos eixos, como Paulo Cesar gosta.

Na cozinha, se surpreende ao ver que as duas irmãs estão ali, remexendo em suas tigelas de cereais, mas não demora muito para ele descobrir o que mudou: o pai está ali e com ele não tem desculpas ou mau comportamento. Com ele, é andar na linha ou esperar pelo castigo.

Elas não o respeitam como Paulo Cesar pensa. Elas o temem, o que não é nada saudável em um lar.

— Bom dia, garoto. Melhorou da frescurite? Senta aí e faz teu café — ordena enquanto puxa a cadeira para o filho.

— Bom dia. Melhorei sim. — João se ajeita na cadeira e serve seu café recém-passado pela Joice. Com Paulo em casa, Joice terá que também preparar as refeições. Antes, ela era dispensada dessa tarefa, já que ninguém comia em casa. Pelo menos era isso que Sílvia pensava, já que João e a avó sempre comiam.

— Aqui estão os meus três filhos. Vejam só! Quanto tempo que não temos uma refeição juntos? — a pergunta é retórica, mas é respondida:

— Mil anos e poderia ser por mais mil — diz Paula, olhando para os cereais que amolecem em seu leite enquanto segura o queixo com a outra mão.

— O que o senhor quer com a gente, afinal? Eu tô muito cansada, pai, preciso dormir — Bianca questiona, cobrindo o rosto com as mãos que se escondiam embaixo do enorme moletom preto.

— Primeiramente, eu não quero mais comentários desse tipo aqui. Ouviu, Paula? — Ao ver que a filha do meio não demonstra interesse, ele repete alto, num tom grave. — Ouviu?!

— Eu ouvi, tá legal?! — e completa num cochicho — Aff, mas que saco...

— Não vou tolerar qualquer desobediência ou malcriação aqui. Vocês não são mais crianças! Tratem de agir como os adultos que são, oras! — Bate com força a palma da mão esquerda no tampo da mesa, fazendo com que as xícaras tremam em seus pires. Os três filhos arregalam os olhos no mesmo instante e até o sono deixa seus corpos depois do grito do pai.

Na sala, Clara, que não ouve com muita clareza, apenas nota sons de conversa alta e essa conversa está interrompendo as notícias na televisão.

— Shhhhhhhhhhh... — chia, pedindo silêncio. Paulo Cesar revira os olhos brevemente, porém ignora o afronte da sogra caduca.

— Pensei que pudéssemos ter um café da manhã e uma conversa tranquila entre adultos. Mas o que eu vejo aqui é uma desleixada e porca que nem lava o cabelo. — Aponta para Bianca que usa *dreadlocks*. Paula segura um riso. Bianca apenas ouve calada, com o sangue fervendo nas veias. — Uma debochada malcriada! Malcriada! — enfatiza. — Sem um pinga de respeito pelos pais e irmãos. Falta de serviço no couro pra aprender a ser gente. — Paula bufa, contrariada. — E um garoto fantasma que sei lá

o que faz da vida a não ser ficar de conversinha pelos cantos com qualquer um. — Vira-se para João e continua. — Ser bom o tempo todo te torna fraco garoto! Os outros abusam de você. Até estas duas inúteis aqui.

— Shhhhhhhhhh! — repete a avó da sala com veemência. João balança a cabeça, achando graça da avó que mal sabe o que está se passando no cômodo ao lado.

O silêncio se faz, mas as mentes borbulham. João é o mais calmo dos quatro. Ele até vê um pouco de razão no discurso do pai.

— Agora que vocês estão com matracas fechadas, eu quero dizer o que me fez reunir vocês todos aqui. O garoto já sabe, falei com ele há uns dias.

— E o que seria? — Paula questiona, com um toque de ironia. Bianca chuta a perna da irmã por baixo da mesa.

— Acabou a mamata! As duas já estão encaminhadas para universidades estrangeiras.

— O quê?! — gritam as irmãs ao mesmo tempo. João quer sair dali para não ver a discussão que virá.

— Exatamente isso. Paula vai pra França, Lion, pra estudar culinária e essas coisas.

— Cêta maluco, né? Isso só pode ser brincadeira!!! — Paulo Cesar fuzila Paula com o olhar e prossegue.

— Bianca vai estudar tecnologia no Japão.

— Minha nossa! — Bianca pensa que Japão não é tão ruim. Se conseguir levar o namorado junto, será até divertido.

— João vai pros Estados Unidos cursar Direito. E é isso!

— Pai, para! Não! Eu não quero ir pra França estudar culinária, eu não curto nada disso!

— Vocês tiveram tempo demais pra pensar e decidir. Tempo demais! Abusando da doença da mãe de vocês, debochando dela e de mim pelas costas, eu sei de tudo. Só que agora acabou! Se não foram capazes de escolher sozinhas, sua mãe e eu decidimos por vocês. Ponto final! — dizendo isso, se levanta empurrando a cadeira e deixando a mesa sem se importar com os protestos da filha do meio que o segue.

— Estados Unidos, então... — comenta Bianca enquanto come um pedaço de bolo.

— É o que parece — João responde simplesmente, bebendo um gole de café com leite.

— Tudo bem pra você ir pra lá?

— Na verdade, não. Não quero ir, vou conversar com o pai mais tarde.

— Ele parece bastante resolvido quanto a isso. Sei lá... — pausa por uns segundos e depois continua — Por que você não quer ir?

— Porque eu gosto daqui e eu preciso ficar. Quem vai cuidar da vovó?

— Isso é verdade. Você é o único que se preocupa. Não que eu não goste da vó, mas não tenho tempo. — *É a resposta de todos*, pensa João.

— É eu sei. Eu tenho tempo, por isso sou o indicado pra essa tarefa e algumas outras. — Ele pensa na mãe e em Ana. — Vou dizer isso para o pai mais tarde. Estou disposto a aceitar qualquer outra coisa.

— Talvez dê certo. Vou torcer pra isso — diz sincera, enquanto remexe nos farelos da mesa.

— Obrigado. E tudo bem pra você ir pro Japão?

— Ah, tanto faz, sabe? Eu gosto de curtir a vida, de aproveitar o que ela tem de melhor. Se a porta abriu, eu vou. O destino quis assim e eu acredito nele.

— Eu fico feliz e desejo boa sorte por lá!

— Valeu.

Depois da conversa agitada do café da manhã e de cumprimentar a avó, João sai para buscar Ana. Ele está com muita saudade dela e daquele momento só deles, que era a ida para escola.

Ana teve uma noite muito tranquila de sono.

Sabia que João estava bem e que melhoraria ainda mais e que ele conversaria com o pai, seguindo o conselho dela.

Na noite passada, Carol perguntou para filha como tinha sido a conversa com João, se ele estava melhor, se a avó estava mais calma. Ana respondeu a verdade. Que eles conversaram sobre as dores do coração e de toda a tristeza acumulada que resolveu vir à tona. Carol orgulhou-se da sua menina que estava ficando tão madura e determinada. Aquele brilho nos olhos que Carol conhecia bem, pois ela mesma o carregava quando era jovem e cheia de sonhos e projetos.

— E você tá bem, filha?

— Estou. Só quero ir para meu quarto agora. Posso?

— Claro querida. Pode ir. Descansa. Boa noite.

Na manhã seguinte, Ana segue sua rotina e aguarda por João em sua janela; dessa vez ela sabe que ele virá. Ela sente em seu coração, que bate feliz quando vê o garoto sorridente andando por seu jardim. Ana sorri também e, após João descrever o tempo e a cor das coisas bonitas, eles saem lado a lado para a aula, revezando silêncios e conversas confortáveis sobre todas as coisas que parecem simples e interessantes, como a cor das asas de uma borboleta ou o canto de um passarinho.

O retorno para casa também é ameno e eles têm que apressar o passo, pois uma garoa fina vem sem aviso, os pegando desprevenidos.

Embaixo do telhadinho da casa da família Salles, João confere se Ana não está muito molhada, levemente preocupado com a saúde dela. Ana responde que está bem, que molhou pouco e que está na hora de entrar.

Despedem-se com acenos de mão e Ana entra, mas antes de fechar totalmente a porta ela o olha nos olhos e os baixa em seguida, tímida. João acena de novo e ri para Ana. Em seguida, ela fecha a porta por completo e o garoto saía passos lentos, assoviando e curtindo a chuva que cai sobre sua cabeça.

Em casa, alegra-se por sentir o cheiro da comida pronta. Joice está lá preparando o almoço. É, aquela segunda está realmente muito boa.

A tarde faz o que Ana sugeriu: anota tudo o que falará para o pai. Quando pensa que está pronto e confiante, respira fundo e desce para a conversa.

Paulo Cesar está deitado no sofá, assistindo o canal de esportes com uma caneca de cerveja ao lado.

— Pai, com licença.

— O que foi garoto? — pergunta, sem desgrudar os olhos da TV.

— Posso falar com o senhor?

— Senta aí e fala. Serve uma cerveja, também. — Aponta para a garrafa dentro de um balde de gelo.

— Não, obrigado, eu tô bem.

— Fala logo porque vai começar o jogo — João se senta no outro sofá e começa a falar o que planejou.

— Pai, eu não quero ir para os Estados Unidos. — Paulo senta ao ouvir a frase do filho.

— E eu posso saber o porquê?

— Eu sou necessário aqui em casa, eu cuido da vovó e ajudo muito a mãe. Se eu me afastar, quem garante que elas serão cuidadas? Principalmente a vovó.

— Podemos arrumar uma cuidadora, sem problema nenhum.

— Eu não confio em cuidadoras. Não posso deixar minha avó aos cuidados de qualquer um. Eu gosto daqui, pai, e a mãe precisa de mim também.

— Sua mãe ficará feliz em ter os filhos estudando fora.

— Aqui no Brasil tem excelentes universidades e sei que aqui no estado mesmo tem uma muito procurada.

— Nenhuma é boa o bastante para Direito, garoto.

— Eu não quero cursar Direito. Não quero ser advogado — fala corajoso e temeroso ao mesmo tempo. Paulo Cesar se irrita com o rumo da conversa.

— Já me estressei essa manhã com sua irmã não querendo ir pra França. Eu não voltei atrás com ela, João.

— Elas tiveram um tempo pra pensar e eu também quero ter esse mesmo tempo. Elas optaram por não fazer nada e vocês estão dando o caminho, o que eu concordo. Só que no meu caso, ainda tenho alguns meses pra pensar e escolher algo.

— Quer dar esse desgosto para sua mãe doente?

— Eu converso com ela, sei que vai me entender e sei também o quanto ela vai se orgulhar dos filhos. Eu vou me esforçar para orgulhá-los como merecem por tudo o que têm feito por nós. Eu prometo pai! Só me deixa escolher e ficar por aqui. Por favor.

Paulo Cesar suspira, pensativo e contrariado. O garoto tem razão em querer ter um tempo para pensar, assim como as irmãs tiveram, mas ele não pode conseguir as coisas assim tão fácil. Do contrário, as irmãs não acharão justo, principalmente Paula.

— Seguinte — suspira. — Você tem dois meses para pensar. — Mostra o número dois com os dedos. — Que é o tempo que resta para o final do ano. Você precisa decidir o que quer pra vida garoto e ao final do ano eu quero sua resposta. Dois meses! Ouviu bem?

— Sim, senhor. — João responde sério, mas está dando cambalhotas por dentro.

— E tem mais: você vai trabalhar pra mim alguns dias da semana por meio período. Um rapaz da sua idade não deveria estar tanto tempo parado, fazendo nada que preste! Devia estar trabalhando, criando casco duro, aprendendo uma função! Vá ver à sua volta o tanto de garotos da sua idade que já trabalham pesado! Essa vadiagem não faz bem. Cria vagabundos e eu não vou ser pai de vagabundo. Estamos entendidos, rapaz? É isso ou nada.

— Eu aceito! Claro! Sem problemas. O senhor tem total razão. Só me passar os dias, os horários que eu estarei lá.

— Tá, tá. Eu te passo isso tudo depois. Agora some que eu quero assistir isso aqui em paz. Some, some!

João não perde tempo e realmente some das vistas do pai, que bebe um grande gole de cerveja e volta a se esticar no sofá.

Aliviado pela conquista, o garoto corre para seu quarto e comemora sua pequena vitória, se jogando em sua cama e imaginando mil possibilidades.

Agora ele precisa pensar no que fará da vida. O tempo é curto, mas pelo menos ele poderá decidir por si próprio qual será seu futuro. E nesse futuro, Ana estará presente.

Capítulo 13



Na manhã seguinte, Ana nota que João está agitado de uma forma diferente. Ela o conhece. Assim que pisam na rua para irem à escola, ela questiona:

— João, você está se sentindo bem?

— Muito bem! — responde, quase explodindo de alegria olhando diretamente para ela, que, como sempre, está olhando para os tênis ou para frente.

— Você tá estranho. — João ri, achando graça do jeito que Ana menciona.

— Estou feliz e preciso te contar.

— Se é coisa boa, então tá bom.

— Conversei com meu pai ontem.

— Ah, sim! E como foi?

— Melhor do que eu esperava! Ele disse que eu tenho dois meses pra pensar no que eu quero fazer e que eu tenho que trabalhar com ele alguns dias na semana por meio período.

— Bom! Agora você pode ficar mais tranquilo, não é?

— Sim, eu tô bem tranquilo.

— E eu fico também, porque não queria te ver doente de novo.

— Não vai mais acontecer, Ana. Prometo.

— Não precisa prometer, tem coisas que a gente não escolhe. Eu só não quero que você sofra. Olha só: você conseguiu resolver!

— Eu sei. Eu prometo que vou tentar.

Ana apenas acena com a cabeça, como sinal de ter gostado da resposta do amigo.

As folhas secas do caminho tornam-se atrativas e o jogo começa. Saem pisando nas folhas como se estivessem nas olimpíadas valendo a medalha de ouro. Ana vence mais uma vez, mas é João quem ganha o prêmio. Ah, aquele sorriso! Ele perderia sempre só por aquele sorriso.

Eles chegam à escola de Ana e João se despede, acenando e desejando boa aula. Ana retribui um pouco mais tímida que o amigo. Ele vira as costas e vai com seus passos lentos e as mãos nos bolsos e Ana, como sempre, sem o garoto saber, aguarda até ele dobrar a direita após duas quadras curtas. Só então ela dá por encerrado o percurso de ambos em segurança para suas escolas e entra.

Ao final daquela manhã rotineira de aulas que pareceram infinitas, João sai com sua corrida cadenciada para buscar Ana. Aguarda por ela na saída. Garotos e garotas passam por ele e esbarram como se não fossem capazes de desviar por estarem ocupados demais em suas conversas banais e risinhos bobos.

O tempo passa e cada vez menos pessoas deixam a escola. Ana está demorando muito. Ele começa a se preocupar. Quando mais ninguém desce as escadas, ele entra e procura por alguém que saiba algo sobre a turma de Ana. Sobre Ana. Encontra um zelador que indica que ele procure na secretaria.

O garoto sai, sentindo o coração bater enlouquecido no peito e o som das batidas pulsa em seus ouvidos. Alcança a secretaria e é recebido com gentileza ao questionar sobre a aluna do terceiro ano.

— Ah, sim! Ela pediu que te avisasse, tadinha.

— O que houve?! — pergunta, esbaforido.

— Ela saiu mais cedo, a mãe veio buscar. Ela teve uma crise mais forte dessa vez, ficou mais agitada que o costume.

— Ah, nossa... Mas teve um motivo? Ela está bem?

— Foi na apresentação de um trabalho. A professora decidiu que todos deveriam apresentar para as outras duas turmas do terceiro ano e Ana entrou em desespero. Foi dito a ela que não precisava apresentar se não quisesse, mas não teve jeito, começou a gritar e chorar desconsolada. Daí chamamos a mãe.

— Por que não me ligaram avisando? Eu estudo na Marechal, logo ali em cima! Sempre me avisam quando ela sai mais cedo, o que é raro.

— Não faz muito tempo, por isso não ligamos. Mas está tudo bem com ela. Fique tranquilo, está bem?

— Obrigado — se despede.

Pobre Ana, deve ter sido bem angustiante mesmo para ela ter tido uma crise. Quando mais nova, costumava gritar e chorar com mais frequência. João se lembrava com clareza da primeira vez e também das tantas que ouvia quando estava na varanda ou em seu jardim e que vinham da casa vizinha. Ele nunca soube bem o que fazer nesses momentos e no último que aconteceu, quando ela o presenteou com as estrelas, o abraço resolveu. Será que agora resolveria também? Ele teria que descobrir.

Apressa os passos e vence o quilômetro e meio que separa as casas da escola numa velocidade inédita para suas pernas sedentárias. Inspira profundamente e solta o ar pela boca, tentando relaxar para não aparentar sua preocupação excessiva.

Bate à porta da família Salles e aguarda a resposta. Torce para que estejam em casa e não em um médico. Torce para que Ana esteja melhor e que não tenha se abalado pela crise.

— Só um minuto! — Carol avisa do lado de dentro de casa e João solta o ar mais uma vez. Estão em casa, menos mal.

— Está bem — João responde, um pouco aliviado. O alívio completo só virá depois de saber sobre Ana e ter a certeza de que ela está bem de verdade.

A maçaneta gira e a porta abre. Carol aparece com seu semblante sempre positivo, confiante e honesto.

— Oi, João. Entre. — Abre um espaço para ele passar.

— Oi. Eu só quero saber como está Ana. Não quero incomodar.

— Você não incomoda. Vem, entre — convida gentil.

— Licença — diz respeitoso, passando pelo batente da porta, chegando à sala.

— Ana está no quarto dela, descansando um pouco. Ficou agitada com uma apresentação. A professora avisou somente na hora que era pra apresentar pra mais duas turmas.

— Poxa vida! Isso não se faz, não é? — se compadece pela amiga.

— É, foi um tanto inconveniente, mas Ana está bem. Só precisa de um tempo pra entender tudo o que aconteceu. Ela está envergonhada. Ela se cobra demais com essas coisas, você sabe.

— Eu sei. Eu entendo. Só que ela é tão forte... Não devia pensar isso de si mesma.

— Pois é, mas é cabeça dura. Puxou a mim. — Ri.

— Bom, se ela está bem, eu fico tranquilo. Muito obrigado! — agradece se despedindo.

— Não quer vê-la?

— Eu... Eu não sei. Posso?

— Por mim pode, por Ana, só indo lá e perguntando.

— É?

— Sim, vai lá. É a primeira porta à esquerda — incentiva.

— Está bem, obrigado — diz tímido.

Percorre o curto trajeto um pouco travado pelo nervosismo. E se Ana não quisesse vê-lo? E se ela estivesse muito chateada? E se ela o achasse inconveniente?

Ao chegar, ele dá uma batida quase silenciosa na porta do quarto da sua amiga de infância. Ele também nunca esteve no quarto dela. Talvez essa ainda não fosse a vez.

— Ana? — chama baixo. — Sou eu, João. Só vim para saber se está bem. — Ana está sentada em sua escrivaninha, pensativa e muito chateada consigo mesma. Ao ouvir o chamado, ergue-se e cola-se à porta.

— João, você me acha uma boba? — pergunta com a porta fechada.

— Não, de jeito nenhum!

— Exagerada?

— Não, Ana.

— Você está mentindo para me agradar? Eu não consigo saber... — A porta segue fechada e a conversa transcorre, bloqueada por ela.

— Ana, eu nunca faria isso com você.

— Eu estou bem. O que tá feito, tá feito. Logo eu entendo e passa.

— Eu sei.

— Já pode ir agora...

— Ah... Tá bem.

— Você só queria saber se eu estava bem, então já sabe. — Uma lágrima teimosa escorre e Ana a enxuga com a manga.

— Não entendo... Eu te fiz alguma coisa?

— Não me fez nada. E eu? Te fiz alguma coisa?

— Claro que não, Ana. O que está acontecendo?

— Você não quer me ver! — desabafa quase chorosa. As lágrimas bobas enchendo seus olhos.

— Como não? Quem disse?

— Você disse que só veio aqui pra saber se eu estava bem. Não disse que veio para me ver! — João se pune mentalmente por não ter sabido usar bem suas palavras. Lógico que ele quer vê-la! O tempo todo, se puder.

— Quero te ver Ana. Agora mesmo. Você pode abrir a porta? — Ana limpa os olhos.

— Posso. Vou abrir.

— Está bem.

— Eu chorei, então não repara.

— Tudo bem.

A porta se abre e eles se encaram, olhos nos olhos, todos os sentimentos embaralhados e flutuantes no céu de cada íris.

— Oi, João.

— Oi, Ana.

— Esse é o meu quarto. Você pode entrar aqui hoje, se quiser.

— Obrigado. — Ele entra. — É muito bonito. Assim como a dona dele. — Admite em voz alta sem se dar conta. Então, se envergonha de sua ousadia.

— Eu sou bonita?

— Claro que é.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer.

— Eu fui uma tola hoje. Pensei que você não quisesse me ver por ter vergonha de mim.

— Claro que não. Eu vim te ver, só não sabia se você queria que eu te visse.

— Viu? Fui tola de novo!

— Para de falar assim.

— Quer sentar? Você senta aí no banco e eu aqui na cadeira.

— Está bem. — Sentam-se.

— Eu estava bem para apresentar, sabe? Eu tinha estudado e assimilado tudo. Tudo certo. Então a professora veio com a notícia e eu entrei em pânico, João. Eu gritei e tampei meus ouvidos e eles riram de mim.

— Quem riu?!

— Eles. Dos outros anos. Não sei quem eram. Não vi. Mas riram.

— São idiotas! E eu não estava lá! Poxa, eu devia ter estado lá!

— Ia ser melhor, mas você não estava lá e não estará. Então eutenho que aprender a resolver isso.

— Eu sei que você pode, Ana. Você pode fazer o que quiser. Qualquer coisa. Você é forte e incrível!

— Eu já consegui muita coisa, não é?

— Muitas! Muitas mesmo! Mas eu te peço uma coisa: não queira mudar só por causa dos outros. Essa é você, e nesse mundo é impossível agradar todo mundo. Eu não entendo como podem achar graça de você, eu acho você maravilhosa em tudo o que faz. Eu adoro e aprecio tudo em você.

Ana suspira, sentindo o coração tranquilizar pelas palavras de João. Ele tem o dom de conseguir amenizar as angústias. Por isso, Ana estranhou tanto quando o viu abatido. A boa notícia é que ele está ali com ela e sendo ele: bom e amável.

— Obrigada por ser tão bom.

— Não faço nada demais.

— Eu tô bem melhor, então você fez bastante. Eu queria poder retribuir.

— Mas você me ajudou muito antes de ontem, não lembra?

— Queria poder fazer muito mais. Queria ser como você.

— Eu prefiro que você seja como você, exatamente como é.

— É?

— É! — Riem da conversa maluca que estão tendo.

— Seria estranho se eu te desse um abraço agora? Eu pediria para minha mãe me abraçar, mas você está mais perto. Eu preciso de um abraço.

— Não seria estranho. — João sente que suas bochechas estão esquentando e certamente ficando vermelhas. — Quer me abraçar? O que eu faço?

— Fica em pé e abra os braços. E quando eu chegar perto, você aperta seus braços ao meu redor. Pode ser?

— Ta. Pode ser, sim. — Fica nervoso e levanta-se, cauteloso, aguardando o momento da aproximação de Ana.

A menina ergue-se e caminha de encontro ao garoto com moletom do Yoshi, que a espera de braços abertos e olhos fechados. O encontro se dá e o abraço se fecha numa mansuetude reconfortante.

Todas as dores sanam e as preocupações evaporam no calor daquela união simples. As almas se reconhecem e o contato entre elas é curador e emana energia pura. Mágico e lindo!

João quer que eles não precisem mais se afastar. O amor que sente por ela cresce cada vez mais e está ficando complicado se manter distante. É demais ele querer ter um pouco mais de tempo com ela durante os dias? Uma hora a mais? Alguns minutos que fossem?

O que ele fará pelos próximos dois meses em que terá que pensar em algo para fazer e trabalhar com o pai?

Afasta-se do abraço brevemente, beija com muito carinho a testa da garota que o olha e pergunta, tendo uma ideia de última hora:

— Ana, você quer me ajudar?

— Ajudar?

— Preciso escolher uma profissão e acho que você seria perfeita nessa missão. Você quer?

— Quero — os lábios balbuciam a palavra pequena e simples e João acompanha aquele movimento olhando diretamente para a boca de Ana.

— Isso é ótimo! — diz, finalmente, saindo do encantamento. Ainda estão com os braços envolvidos um no outro.

— Você me convidou porque acha que sou capaz e porque quer me ver?

— Exatamente isso. O que você acha?

— Eu acho que devemos começar amanhã mesmo! À tarde. Te espero no jardim com uma lista de alternativas.

— Vou contar as horas.

— Teremos um mundo de possibilidades.

— Mal posso esperar.

— Eu gosto do seu abraço. Poderíamos nos abraçar com mais frequência?

— Sem dúvidas, basta me pedir.

— Que bom! Nos vemos amanhã?

— Nos vemos.

O abraço se desfaz por completo e João sente a ausência do contato. Ana quase pode flutuar pela sensação boa que os abraços a proporcionam, principalmente os abraços de João.

Capítulo 14



João descobre que Ana não irá à aula naquela quarta-feira.

A mãe dela disse que Ana precisa de uma folga para a mente. Um tempo seria bom para ela esquecer um pouco da vergonha do acontecido do dia anterior.

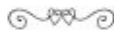
Carol diz a ela que não há vergonha alguma, que ela não precisa se preocupar com a opinião dos outros. Os colegas dela já a conhecem desde sempre. Os outros que riram são apenas jovens malcriados e Ana deve pensar que eles não tiveram uma boa educação em casa a ponto de rirem das fragilidades das outras pessoas.

Ana entende aquilo, entende que nem todos têm pais e mães tão bons e bem preparados quanto os seus. Seu pai, aliás, foi vê-la assim que chegou. Ana gosta de visitas, gosta que fossem vê-la. Faz se sentir importante e querida. O olhar vale muito para ela, ela olha pouco para as pessoas, mas as que ela olha podem ter certeza de que são especiais. As mais especiais do mundo todo!

Ela também quer ser especial para essas mesmas pessoas. Por isso, o olhar era valiosíssimo.

Não quer só saber das pessoas. Quer vê-las. Quer estar com elas e olhá-las. Olhá-las e percebê-las em sua essência. Percebê-las nos gestos contidos e nos amplos. Com sua presença, sabê-las. Saber lê-las. As pessoas falam pouco com a voz do que sentem. Mas dizem tudo em cada uma de suas marcas minuciosamente tracejadas, escritas com a tinta quase invisível das vivências. Onde estão essas marcas? Normalmente, elas se escondem nas linhas das mãos, nas expressões dos lábios, nas profundezas do oceano dos olhos... É vital estar com quem amamos. Porque, assim como um livro, as pessoas amadas também nasceram para serem apreciadas. Nasceram para serem sentidas. Cuidadas. Nasceram para serem lidas.

Ana tem em si essa ideia muito concreta e aprecia sem medidas que João faz exatamente isso. Não somente com ela, mas com todos os seus. Ele é presente até para quem não quer presenças, e, principalmente, é presente para quem mais precisa. Com seus olhos amavelmente ávidos por palavras nas entrelinhas camufladas, ele lê as alegrias mais claras e as dores obscurecidas. E lendo, ele compreende sem menosprezar e auxilia sem esperar nada em troca. A humildade de apenas ler. E escutar quem lhe quiser contar algo. Realmente escutar, sem preocupações externas. Estar inteiramente ali com a pessoa. Não tem preço ter alguém inteiro em nossas vidas. São raridades. Seja raro e logo seja exemplo para que se tornem muitos inteiros, ajudando metades a inteirarem-se também.



Sozinho, ele vai para a escola e se sente realmente sozinho.

É tão estranho não ouvir os passos curtos e ritmados de Ana ao seu lado. Tão estranho não ouvir sua voz rápida e precisa. Tão estranho não ver seus cabelos voando ao sabor do vento, formando arabescos perfeitos no ar fresco de qualquer estação do ano.

Ana detesta faltar aula, foram poucas as vezes necessárias. João nem se recorda da última vez que saiu sem ela. Parece que o trajeto se torna mais extenso e que suas pernas não vencem nunca as pequenas distâncias entre um plátano e outro.

Também é estranho não ter uma Ana para se despedir e desejar um bom dia. Conclui, enfim, que um dia sem Ana é quase como um céu sem estrelas: é bom e bonito, mas não é espetacular e surpreendente. É

um dia. É um céu.

Ah, o que João faria com aquele coração tão apaixonado?

Sim, ele estava completamente apaixonado. Descobriu aos quinze anos esse sentimento novo, diferente e impossível de esquecer por Ana. Dali em diante, foi só conviver com todas as batidas malucas que o coração dava em seu peito a cada vez que a via. As batidas que alternavam entre frenéticas e descompassadas e docemente lentas, como se o próprio coração resolvesse parar de trabalhar para também admirar a garota amada.

Ah, coração insensato!

Escolheu logo Ana para ser a adorada do garoto que sonha com as estrelas. E ela é a própria definição da palavra. Brilhante, bonita e distante.

Ah, coração malvado!

Como lidar com esse sentimento por alguém que mora no próprio firmamento? Que pertence a uma constelação?

Ah, coração sábio!

João é grato, apesar de tudo, porque entre todos os seres que habitam o universo, amar o mais puro e doce é uma honra.

Por isso, João é feliz. Como não ser? Amar é bom e torna tudo mais bonito e precioso.

João ama e percebe-se inteiro no sentimento nesse curto período em que passa longe de Ana. Agora, ele aceita o amor que sente por ela como uma verdade incontestável em sua vida e fará de tudo para que cada momento com a garota dos sonhos seja lindo, especial e infinito.



Em casa, ele almoça, faz algumas tarefas domésticas simples e da escola, estuda para uma prova importante e vai conversar com sua avó.

— Vó, eu tô bem encrencado, mas o estranho disso é que eu não to preocupado, pelo contrário — comenta enquanto senta-se numa das cadeiras estofadas na varanda.

A avó, que se balançava na sua boa e velha cadeira enquanto tricotava um gorro, pergunta sem tirar os olhos do tricô:

— O que andou aprontando?

— Me apaixonei.

— Só isso? — questiona com tom um pouco mais alto.

— Só?!

— Isso eu já sabia, meu filho.

— Já?! — João não sabia que era tão óbvio assim.

— Claro! Eu já vivi muito e sei exatamente como é quando se está amando. Você tá caidinho pela menina daqui do lado. Como é o nome dela mesmo? Ana?

— É, é a Ana. Eu sei. Tô bem assim mesmo. E não me parece tão ruim gostar tanto de alguém como eu vejo as pessoas falando por aí. Que o amor é uma dor e essas coisas...

— É porque não dói. O problema são as pessoas que esperam demais em troca de tudo. Com você será diferente, porque é um menino bom de coração.

— A senhora amou, vó?

— Amei! E como amei. E fui muito amada também. — Recorda-se do tempo em que ela e Henrique viviam na plenitude do eterno namoro. O embalo da cadeira era só um mísero alento perto do embalo que

o amor já havia lhe proporcionado.

— Deve ser ainda melhor quando é recíproco. Quem sabe um dia eu saiba como é...

— Você vai saber como é, filho, pode ter certeza.

— Deus te ouça!

E nessa pequena reza, ele leva os olhos para a janela da vizinha, que ficava a poucos metros do seu campo de visão. É instintivo olhar para lá, ainda mais quando se está falando sobre a moradora mais encantadora da casa ao lado.

E lá está ela, olhando para cima, para a janela do garoto admirador de astros. Mas ele não está lá em cima, está mais abaixo, próximo e sorridente por vê-la.

Ah, coração bobo!

— Vai lá, menino. Anda logo! — a vó comenta ao ver os olhos de João brilhando.

João ergue-se e vai de encontro à garota dona dos seus suspiros apaixonados. Ana percebe que ele não está lá em cima, mas, sim, ali em baixo e se aproximando no seu ritmo lento, mesmo quando ele tenta correr.

— Olá, moça da janela.

— Olá!

— Eu vim para ver se você está bem e para conversarmos sobre a lista de atividades.

— Estou bem e a lista está pronta. Quero te mostrar.

— Ótimo! E você vem aqui fora?

— Vou. Como está o dia?

— Lindo! O sol brilha, mas não queima. Os pássaros cantam, as borboletas voam. As flores estão coloridas e o céu azul límpido.

— Eu gostei. Me espera aí que já vou.

— Espero.

Em aproximadamente dois minutos, Ana chega ao jardim e ambos sentam na calçada à sombra de uma árvore frondosa. Ana desdobra o papel com cuidado e mostra para João que ela realmente tem uma lista.

— Bem, eu pensei em cinco possibilidades. Cinco coisas que você pode tentar para ver se é realmente isso que você quer para sua profissão.

— Parece muito interessante. O que você anotou? Estou curioso.

— Vou te contar o primeiro item e daí tentamos. Você conta como se sente ao realizar este primeiro item e eu anoto, depois a gente vai para segundo item e assim por diante. O que acha? Poderemos dar notas e pareceres para cada um e, ao final, ver qual o vencedor.

— Parece bom!

— Tá bem.

— Qual o primeiro item da lista?

— Acho que você pode tentar ver se leva jeito para a geriatria.

— Médico especializado em idosos?

— Isso mesmo. Você adora sua avó, leva ela ao médico, então pode ser uma excelente opção para começarmos — diz com um jeitinho determinado muito seu. João nem ousa discordar.

— Concordo. E como vou descobrir se é realmente isso que eu quero?

— Descobriremos juntos. Eu estarei com você em todos os itens da lista, até chegarmos ao

vencedor.

— Vai comigo? Isso é ainda melhor do que o esperado!

— Vou sim. Eu não poderia perder isso por nada. Afinal, você me pediu ajuda e eu ajudarei inteiramente.

— Eu acho muito justo — concorda animadíssimo, com um sorriso que mal cabe em seu rosto.

— Amanhã depois da aula, nós dois vamos juntos a um consultório. Já conversei com a minha mãe e ela achou muito bacana a iniciativa. Inclusive, ela ligou para um amigo que conhece o consultório e esse amigo conversou com o geriatra. Estão nos esperando!

— Poxa vida, Ana, isso é demais! Nem sei como agradecer!

— Diga obrigado — responde simplesmente. E ela está certa.

— Obrigado!

— De nada.

A tarde se despede e o tom azul límpido dá lugar a um misto de tonalidades quase inacreditáveis. Laranja, vermelho, rosa, azul marinho, azul claro, amarelo. Uma beleza indescritível que poucos dão valor e admiram com a atenção merecida.

Aquele é o céu preferido de Ana: crepuscular. Uma paleta de cores derramada na tela azulada. A pintura abstrata que pode ser qualquer coisa que a imaginação mandasse. Ana aprecia o abstrato e não quer diminuí-lo tentando compreender suas formas. É calmante apenas observar o espetáculo das cores que se mesclam a cada passar de horas.

João não vê o mesmo que Ana; para ele, o céu é sempre exatamente o mesmo e belo na sua simplicidade. O garoto enxerga tudo através de sua lente especial, que lhe dá a capacidade de ver tudo de uma forma que mais ninguém vê. Para ele, as cores não são vistas do jeito que todos os outros veem: como elas realmente são. Ele enxerga diferente e único e dá um novo ângulo para o comum. É divertido ser único. É divertido fugir do habitual. É divertido, bom e lindo estar naquele exato momento ao lado de Ana e enxergar no horizonte um céu oposto ao dela. Porque, mesmo nas diferenças de ambos, eles se entendem e aproveitavam o instante em que, na companhia um do outro, o céu os brinda da forma que mais agradava a cada um.

Mesmo João não vendo do mesmo modo que Ana via, ele se sente feliz por vê-la encantada com a beleza do céu. Ele olha mais para ela do que para o próprio infinito celeste que os brinda com o show artístico. Através de Ana, ele pode ver além, ele quase pode ver exatamente o mesmo que ela. E ela não precisa dizer uma única palavra sobre o que seus olhos contemplam. Apenas suas expressões são suficientes para João saber que aquilo que os cobre é mágico.

Capítulo 15



Ana havia composto a lista de cinco itens durante poucas horas, baseando-se nas características de João. As mais marcantes de sua personalidade. Aquelas que ele pode desenvolver com chances de dar certo.

João possui uma doçura óbvia e um talento imensurável para o lúdico e o poético.

É muito calmo e paciente.

Preocupava-se com o bem estar alheio de forma verdadeira.

Pode passar horas apenas conversando com sua avó, pelo simples fato de gostar daquele lazer.

Ele também adora as estrelas, Ana sabe. Com esses detalhes meticulosamente anotados em sua agenda floral, Ana pensou nas profissões que poderiam se encaixar. A geriatria seria excelente perante o dom para dialogar com idosos. E esse foi o primeiro item da lista, que depois de pronta, Ana fez questão de mostrar para sua mãe.

Carol achou a iniciativa brilhante e apoiou totalmente. As ideias de sua filha eram bem sensatas e tinha uma enorme possibilidade de o talento profissional do jovem vizinho estar bem ali na listagem. Ela achou bem conivente a geriatria.

— Quer dizer que você vai ajudá-lo?

— Ele me pediu e eu disse sim. O que você acha? — perguntou, mostrando a folha da agenda. Carol observou compenetrada, como se avaliasse um contrato.

— Acho que está bem interessante, filha, muito bom! E a geriatria realmente combina muito com ele e com as suas anotações.

— Acha que posso mostrar a ele?

— Pode! Inclusive tenho contato de um amigo que conhece um consultório! Vou telefonar agora mesmo! — Animou-se com sua ideia.

— Seria ótimo. Facilitaria tudo. — Ana tremeu de leve pela expectativa do seu projeto dar certo. Começou a dar pulinhos no mesmo lugar e logo seus pulos seguiram pela sala. Carol riu da animação da sua filha. Era tão bonito ver como o simples pode gerar tamanha felicidade que mal se pode conter, a ponto de se precisar extravasar de todas as maneiras possíveis. Carolina admirava muito isso em sua filha. Ser feliz com pouco, e curtir isso, é um dom.

Poucos minutos depois, a ligação encerrou e Carol trouxe as boas notícias.

— Tudo certo, querida. Amanhã João tem consulta no geriatra. — E riu da frase. Ana, que havia cessado seus saltitos, jogou os braços para cima e os sacudiu no ar, comemorando.

— Isso soa estranho, mas eu adorei essa notícia!

— E não é?

— Obrigada, mãe! — Ana beijou a face morena de Carol em agradecimento.

— E não é só isso...

— Não?

— Você vai junto com ele. — Carol decidiu quase que no mesmo instante em que falou. Seria muito

bom para sua filha sair um pouco de casa e conhecer novas pessoas e novos lugares. E, claro, fazer companhia para o amigo. Uma mãe poderia torcer muito para que o casalzinho desse certo? Seria ela maluca? Muito moderninha? Talvez uma boa e amorosa mãe que deseja ver sua filha sempre feliz e saltitante.

Naquele anoitecer, Ana ficou um bom tempo apenas olhando para o breu decorado de brilhantes e para a lua que estava redonda e prateada bem diante da sua janela. A lua parecia que lhe olhava de volta, uma curiosa sobre a outra. Ana reparou que, apesar de distante, a beleza daqueles contrastes era quase palpável e que na distância se poderia admirar com completa tranquilidade e adorar cada pedacinho de todo aquele imenso céu, sem ter pressa. Mas também pensou que a proximidade trazia um acalento ao coração e que a plenitude daquele momento seria totalmente perfeita se um dia ela pudesse mergulhar entre as estrelas e abraçar a solitária senhora Lua.



Naquela manhã, João e Ana caminham pela estrada para mais uma aula de Ensino Médio. João quer muito poder estar estudando na mesma escola de Ana para poder protegê-la dos idiotas, mas agora falta pouco para o final do ano e tudo mudará, para melhor, ele espera.

Ambos estão ansiosos para a tarde que passarão juntos. Será algo bastante novo para eles, mas muito mais para Ana. Apesar de ser completamente inovador, ela está tão contente que poderia pedir para o senhor tempo se apressar e fazer aquela manhã tediosa passar na velocidade da luz. A garota que se empolga com tão pouco, descobre que estar com João é um desses raros momentos de empolgação. Ela quer muito, mesmo causando medo, porque sabe que ele estará ali e tudo ficará bem.

A manhã não passa na velocidade da luz, mas também não se arrasta com uma preguiça sonolenta. É razoavelmente aceitável e melhora ainda mais a cada volta que o ponteiro dos minutos dá pelo relógio. Quando o sinal bate, Ana cautelosamente recolhe seu material e sai. Ela não espera que todos os colegas deixem a sala. Simplesmente junta-se a Sofia e vai se misturando na massa de uniforme azul e bocas de metal colorido.

Sofia se assusta ao notar que sua colega de classe está ao seu lado, no fluxo enlouquecido de alunos para a saída. Ana leva uma mochilada no ombro e uma trombada de leve no outro braço, tudo involuntário, devido ao espaço apertado do corredor que direciona à única escada. A garota não se queixa e ainda acha graça de si mesma por estar sendo tão corajosa e comum, ali na bagunça da hora de ir embora. Ana sorri para a Sofia e logo a risada vira uma gargalhada que ambas não podem conter. Ana se sente parte e se sente bem por ser “normal” como os outros. Se perguntassem para Ana por que estava rindo, ela diria que foi porque Sofia começou a rir. Se perguntassem para Sofia, essa, por sua vez, diria que não fazia a menor ideia. E aí percebemos que não importam os motivos, o que importa mesmo é rir, principalmente de si mesmo.

João fica assombrado ao chegar e ouvir a risada descontrolada e notar que está vindo de Ana, ali, naquele meio, como todos os outros estudantes. Nenhum dá importância para ela, porque naquele momento ela era como eles: uma adolescente com sentimentos tão intensos que é impossível controlá-los.

João descobre que Ana é ainda mais bela quando gargalha. Seu peito infla e seu coração acelera de amor. Então, ele promete que sua maior missão será fazer Ana gargalhar infinitas vezes, porque é lindo demais e o mundo merece aquela beleza.

Sofia se retesa ao ver João, e seu riso vira um sorriso tímido e, ao mesmo tempo, charmoso. Eles nunca se encontram na saída porque Sofia saía bem antes, quando João ainda caminhava para alcançar a escola de Ana. Agora deu que ambos mudaram seu ritmo e o encontro aconteceu. João não vê Sofia, ele só via Ana, que mantém o brilho do sol e lhe aquece.

Sofia nota que o garoto está com os olhos grudados na sua colega e percebe que ali ela não tem a

menor chance. Ana tem os olhos dele, mas é tão aluada que nem sabe. *Ana, Ana, Ana.* Sofia pensa. *Ele tá na sua, veja!*

— Vou indo, Ana, nos vemos amanhã.

— Tudo bem, até amanhã.

— Tchau, João, cuida da minha amiga, viu?

— Tchau... É...

— Eu sou a Sofia. Nos vemos por aí. — diz e sai correndo para alcançar um grupinho de meninas que ia para o mesmo lado que ela.

— Do que estavam rindo tanto? — pergunta o garoto também sorrindo, enquanto começam a percorrer o trajeto rotineiro.

— Sabe que eu não sei?! Acho que de tudo e de nada.

— Você veio com todos os outros hoje, isso é bem novo.

— Eu estava com pressa de ir embora logo.

— Por quê?

— Pra que a tarde chegue e a gente possa começar a nossa lista.

— Também estou ansioso por isso. Muito mesmo.

— Se eu tiver alguma crise de ansiedade hoje à tarde quando formos, queria que você não se assustasse...

— Não vou. Você quer que eu faça algo caso aconteça?

— Eu não sei. Normalmente, eu não tenho um remédio exato para isso. Às vezes, preciso ficar sozinha. Às vezes, preciso de espaço. Às vezes, preciso correr. Às vezes, preciso de um abraço... Às vezes, não preciso de nada.

— Entendo. Você consegue, então, me dizer do que estará precisando? Isso se acontecer, não é? Porque tem a chance de você ficar calma e tudo bem.

— Eu vou te dizer sim, mas não se assuste. Se isso realmente acontecer, como você disse. Só estou alertando.

— Vai dar tudo certo, Ana, isso eu posso garantir.

Ana assente, gostando de ouvir aquela afirmação positiva. Ela tem certeza de que com ele não haverá problemas, porque João tem um jeito só dele de interpretar tudo e resolver calmamente. Como é bom olhar para o lado e ver a calmaria do céu azul.



O relógio marca 14h30 e o garoto pula da cadeira estofada da varanda e vai correndo para a casa da vizinha. Seu estômago está tomado por dúzias de borboletas serelepes e inquietas que ocupam tudo, fazendo com o que ele nem sinta vontade de comer. E João ama comer! Dando-se conta disso, ele percebe o quanto realmente está encrocado.

Depois de contar para Ana sobre como está o clima do lado de fora, ambos saem para a parada de ônibus, que fica a uma quadra de distância, no sentido oposto ao das escolas. É perto e sossegado o percurso e os dois mantêm um silêncio bastante confortável até alcançarem a parada. Apenas apreciando aquela novidade tão boa que é viajar de ônibus juntos. João até pensa que é bom demais para ser verdade; pensa que não vai durar, que a mãe de Ana a chamará de volta, que o pai não confiará nele e virá do trabalho mais cedo só para buscá-la.

Nada disso acontece e o tempo passa sereno enquanto eles aguardam o ônibus. Lado a lado no banco da calçada, eles observam juntos uma trilha de formigas e se admiram da organização milimétrica

daquela empreitada rotineira do trabalho delas. Tão pequenas, tão determinadas e fortes. Ana não aprecia os insetos, tem medo por serem tão pequenos e com picadas dolorosas, mas ali, com João ao seu lado, ela pode se dar ao luxo de sanar sua curiosidade sobre aqueles pequenos animais, pois sabe que ele não deixará que nada a machuque. Ela não sabe de onde veio essa total confiança, mas ela existe, está ali e Ana sente, naquele exato instante, que gostaria de ter João ainda mais perto dela todos os dias, assim como eles estão agora. Sente o quanto é bom estarem juntos, mesmo fazendo nada aos olhos alheios, mas aos olhos deles, eles estão desbravando o mundo e os próprios corações.

O ônibus chega e João, cavalheiro, abre espaço para Ana subir primeiro, vindo ele logo em seguida para pagar as passagens. Seguraram-se nas barras e nos assentos para não perderem o equilíbrio no movimento do veículo e sentam-se lado a lado nos últimos bancos. Ana sentou-se próxima à janela e seus olhos se grudam no lado de fora, mirando tudo o que passa apressado por seu campo de visão. É um caminho novo e novidades devem ser apreciadas e guardadas nas gavetas da memória. E Ana tem uma excelente memória fotográfica, o que garante que ela, vendo uma imagem, nunca mais esqueça e dificilmente se perca rua a fora.

João olha para ela o tempo todo, cuidando cada expressão sutil. Pelos olhos dela, ele consegue ver o que antes não via e, pelos olhos dela, tudo fica muito mais bonito, colorido e vivo. Ana não sabe, mas ela praticamente descreve, com seus trejeitos minuciosos, o mundo que João não consegue ver, assim como João descreve para ela, todos os dias, sobre as coisas ao redor para ela se sentir mais confortável. É uma troca justa da qual ele nunca poderá se queixar. Ele narra o que quer que seja para que Ana não sofra com as mudanças da vida.

Quando o ônibus chega à parada em que devem descer, João aguarda pacientemente que Ana venha do seu assento e fique em pé. Em seguida, desce e aguarda por ela, que vinha lentamente, cuidando cada degrau em que pisava e olhando para os lados, tentando se habituar àquele novo local. João queria poder auxiliá-la na descida, mas conteve-se, pois não queria assustá-la mais.

A caminhada é relativamente curta até o consultório médico, que fica um pouco mais abaixo na rua onde estão. Ana é um poço de curiosidade e nada passa despercebido por seu olhar. Cada placa mais chamativa, cada outdoor brilhante e cada cor nova nos muros é um verdadeiro espetáculo que ela quer guardar na mente.

O consultório é pequeno e térreo, o que é bom, pois evita possíveis transtornos em escadas e elevadores. Lá dentro, eles se identificam e ficam apenas olhando o movimento. Em dado momento, o médico geriatra permite que os jovens visitantes entrem e acompanhem a consulta de uma das pacientes. João anota tudo o que consegue no caderno que Ana trouxe e se interessa muito pela história que a senhora que se consulta conta. Ele quer poder ouvi-la mais, quer saber mais, aprender mais. Os idosos têm tanto a ensinar, só os cegos de alma é que não veem isso. João quer também lhe falar coisas e dizer para ela que ele tinha uma avó muito adorável. Ele quer conversar, mas o tempo corre e já é hora de ir embora.

Ana encanta-se por ver João num momento tão bonito de troca de experiências. Ele tem um dom! E ela se sente privilegiada por estar junto e acompanhando, como que num estudo aprofundado de uma área nova. Como se ele fosse um cientista renomado e ela apenas uma aluna inexperiente.

De volta ao ônibus, João quase não pode crer naquele dia tão fantástico que Ana lhe proporcionou. Está feliz por tê-la ainda ao seu lado, mas triste porque eles estão indo para aquela imensa distância entre uma casa e outra. Ele não quer voltar. Cala-se em seu canto para não demonstrar para Ana sua chateação com o retorno. Ela não entenderia e o acharia bobo.

Ana o acha um herói. Ana quer tocá-lo e guardá-lo, assim como faz com as imagens. Ana quer tê-lo perto, pois ele aquece seu coração de um jeito que ela ainda não tinha experimentado. Ela acredita

piamente que o dom dele era de fazer tudo mais bonito e seguro.

No meio da sua aflição momentânea, João sente um calor bom que muda tudo: Ana encostou sua mão na dele. Lentamente, começa a entrelaçar os dedos nos dele até o processo estar completo. O garoto sente cada pedacinho de pele que se juntou e olha para ela, que olha de volta. Cada qual sentindo explosões inusitadas no peito e a sensação de estarem vivenciando uma supernova.

Capítulo 16



Ana sente-se plenamente confortável e satisfeita com sua mão enroscada na de João.

Para ela, não há nada demais, é apenas um contato. Um contato carinhoso que ela sente vontade de fazer. Seus pais já estão acostumados com as demonstrações de afeto de Ana, que vêm a qualquer instante, sem aviso prévio ou cerimônia. Basta ela estar com vontade, e isso pode ser, inclusive, no meio da madrugada, na hora do almoço, em meio a uma atividade doméstica rotineira...

E ali, naquele veículo barulhento que chacoalha a cada falha do asfalto, Ana tem a enorme vontade de demonstrar todo o carinho que sente. É simples e sem mistérios.

Assim, as duas mãos descansam enlaçadas por sobre o estofado vermelho do ônibus e os olhos de João quase não acreditam no que veem. Aquilo é tão bom quanto um abraço. E Ana parece estar plenamente à vontade com aquela situação, como se eles sempre dessem as mãos, como se fosse parte da vida deles esse toque tão gentil e amoroso.

A garota ainda olha para a rua, interessada nos passantes e nas paisagens diferentes. E agora se sente ainda mais segura, porque mesmo que sua mente viaje mundo a fora e se perca, a deixando confusa, João está ali, segurando sua mão e ela conseguirá achar o caminho de volta. Ele pode ser tantas coisas para ela, tantas coisas...

O garoto nem sabe o que pensar ou dizer. Está completamente mudo e encantado. Ele não sabia nem descrever o que sente tendo a mão de Ana na sua. As pessoas, se vissem, pensariam que eles estavam realmente juntos, como um casal de namorados. Suas bochechas coram com essa ideia e ele sorri contido. Será que Ana sabe disso também?

— Ana — chama João, com um tom baixo para não assustá-la. Ela está tão quietinha observando a rua...

— Oi! — Ela vira sua atenção para ele, que a olha, tímido.

— Você está bem? Sentindo algo? Qualquer coisa pode me dizer...

— Eu estou bem. Gosto de olhar para as paisagens, nunca me canso delas.

— Eu também gosto de olhar paisagens das quais nunca me canso...

— É bom, não é?

— É sim. É, você... Você está bem então?

— Sim e você?

— Também estou. — Sorri e olha para as mãos deles ainda juntas. João nem ousa se mexer para não perder aquele laço. Ana olha para o mesmo local e pensa que talvez João não tenha gostado ou esteja achando estranho.

— Eu peguei na sua mão.

— Você pegou na minha mão — falam, quase que juntos. Sorriem de leve e se constrangem imediatamente, olhando cada qual para um lado, enquanto buscam esconder seus sorrisos.

— Você não gosta? — Ana nem o olha, apenas pergunta, mirando o banco da frente, que está desocupado e possui rabiscos feitos com canetinha azul e algumas frases. Nota alguns nomes de meninas e meninos envoltos por um coração. Ela acha bonito.

— Eu gosto! Claro que gosto! — apressa-se em responder. — Gosto até demais. Só queria saber se você estava bem com isso também, se tudo está bom pra você. Me preocupei, apenas...

— Não há nada de errado, eu só quis estar mais perto de você, que tem sido tão bom comigo. Eu quis ficar mais perto, quis demonstrar carinho, quis também um pouco de carinho. Eu gosto de carinhos, João, mesmo que não pareça e mesmo que eu nem sempre consiga mostrar isso — responde compenetrada, ainda encarando o banco da frente. Está insegura para olhá-lo, pelo menos por enquanto.

— Eu adoro carinhos também e sempre que você quiser, pode contar comigo. Eu não estou muito acostumado, não por eu não gostar, sim por não ter com quem praticar. Por isso estou meio enferrujado, mas garanto que aprendo rápido, muito rápido. Ou lento — corrigiu-se, em tempo —, se você preferir. — Ana gosta da resposta.

— Você aprenderia rápido e lento?

— Claro que sim. Você só precisa me dizer do que gosta, me dar as coordenadas. Eu sigo o que você me disser. Vou aprender rápido e praticar lento, do jeito que você quiser. — Aquela resposta alegre Ana ainda mais. É o dom dele, de saber lhe dizer tudo o que faz bem ao coração. *Que dom lindo!* Pensa ela.

— Faria carinho em mim? — questiona, agora o olhando. Seus olhos brilhando pelo contentamento de saber que ele não acharia ruins os carinhos.

— Faria, Ana, faria sim. — *Faria agora mesmo.*

— Podemos, então, ficar de mãos dadas?

— Podemos. Pelo tempo que você quiser.

João sobe as mãos de ambos até ficarem numa boa altura para a visão. Os dois contemplam aquela união. Ainda juntas, ele as leva até sua coxa, onde as apoia. As mãos juntas e perfeitamente encaixadas. É reconfortante e tão puro, tão singelo que só os anjos conseguem perceber todo o amor que ali contém, os passantes daquela viagem rotineira nem dão atenção.

O rapaz ousa, aproveitando que Ana está permitindo que se mantenham juntos, e traça contornos e círculos com seu polegar pela extensão do polegar de Ana, sendo gentil e lento, muito lento. Ana sente a doçura invadindo seu coração e se permite descansar, apoiando a cabeça no ombro dele enquanto fecha os olhos. João quase nem acredita. Pensa que está sonhando e não quer acordar. Quer que aquela viagem tenha ainda mais uns cem quilômetros.

Mas a viagem encerra e ele precisa despertar Ana para descender. Ela havia dormido.

Deposita um beijo casto no dorso da mão de Ana, aquela que está conectada com a sua, e chama por ela, cochichando. Ela desperta sem alardes e levanta-se com ele para saírem do ônibus. De mãos dadas, os dois chegam à calçada e assim permanecem enquanto caminham pela rua arborizada que os leva para suas casas. Haveria um jeito de diminuir ainda mais o ritmo para que aquele momento dure o infinito?

O infinito é lindo enquanto dura. A casa de Ana a aguarda, e João posiciona-se à frente da garota dos seus sonhos. Com um olhar, questiona se pode segurar a outra mão dela. Ela assente, o encarando. O garoto beija as duas, como um cavalheiro dos séculos passados beijaria, e depois sela seus lábios na testa da sua jovem dama.

Ah, coração apaixonado!

Tão apaixonado que se contenta com pequenos instantes como aqueles, em que pode quase se sentir amado de volta, do mesmo modo como ama.

Ana entra em casa e João deita-se sobre a grama do seu próprio jardim, nem se importando com o que os outros vão pensar dele. Ele precisa olhar para cima e respirar. O sentimento pulsa ensandecido em seu peito e ele mal consegue conter. O amor preenchendo todo o seu ser. A terra abaixo dele receberá

aquele maremoto de sensações e o abrandará. Se apenas ter Ana perto dele, encostando-se nele levemente, já o deixa eufórico de amor, o que acontecerá se um dia puder beijá-la nos lábios? Se puder, um dia, tê-la como namorada? Se um dia ela o amar também? Certamente, ele explodirá em luzes tão potentes e brilhantes iguais às explosões estelares.

Ah, coração explosivo!

João fica lá por um tempo indeterminado. O suficiente para acalmá-lo. O suficiente para controlar o ímpeto de gritar para as estrelas, para a lua e para o vento o seu amor por Ana. Ela ouviria e ele não quer ser descoberto, não por enquanto. Amar à distância tem essa vantagem: não ferir o coração caso não seja recíproco.

Ah, coração sensível!

João o preservaria o quanto pudesse. Não que amar por dois cause ferimentos, mas, no fundo, ele teme descobrir aquele amor doloroso de que as pessoas tanto falam.

Entra em casa e encontra com sua avó. Ela espera por ele e por sua aventura. Ela quer ouvir uma boa história, está cansada dos romances de banca e das notícias falidas do jornal local.

João narra toda aquela tarde com precisão de detalhes, e a avó Clara consegue visualizar tudo e colorir ainda mais com sua mente criativa e vívida. Ela fica muito feliz por ver que a menina da vizinha está também gostando do seu neto. Como não gostar dele? Ele é um anjo!

Paulo Cesar encontra com os dois na sala da televisão e chama o garoto para conversar a sós.

— Você começa amanhã, garoto. Vamos assim que você voltar da escola. Vou te apresentar ao mundo dos negócios e do trabalho. Esteja pronto e disposto! — Aponta com o indicador para ele.

— Eu vou estar. Já estou! Inclusive, hoje saí pra ver algo sobre minha futura profissão e curso. Estou encaminhado, pai, não vai demorar para eu ter uma resposta.

— Que seja! — o pai nem ouve o que o filho diz. — Até amanhã. — Dá um tapa pesado no ombro de João, assim que passou por ele ao se despedir. João sente, mas não se queixa. Poderia ser pior!

Passa no quarto da mãe para cumprimentá-la. Sílvia está acordada e mexe em suas caixas de jóias.

— Posso entrar?

— Oi, filho, entra. Estou organizando minhas coisas. Escolhendo um conjunto bonito. Vou sair amanhã!

— Ah, mas que ótimo! — Anima-se. — Aonde a senhora vai?

— Numa galeria com duas amigas. Vai ter uma exposição de quadros e tem alguns que eu quero muito! Você me ajuda a escolher as jóias? — pergunta ao filho, que sorri com a animação repentina da mãe. Sílvia sabe que o menino adora ajudar e fica feliz ao vê-lo feliz com aquele simples pedido.

— Claro que sim! — Aproxima-se da cama espaçosa da mãe e se senta, pegando um porta-jóias. — O que a senhora pretende vestir?

— Separei um vestido frente única bordô. — Vai até o roupeiro, pegando delicadamente o cabide e mostrando para o garoto atento. — O que acha?

— Acho que a senhora vai ficar linda nele. Bom, acredito que a senhora precise de um bom par de brincos. Bem chamativos, já que com esse vestido não dá pra pôr colar.

— Qual você acha que combina mais? Brilhantes ou dourado?

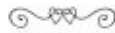
— Dourado. Esse aqui! — fala, mostrando um brinco longo de ouro com uma pequena pedrinha negra na ponta. Acho que é perfeito.

— Vai ser esse mesmo, querido!

— E esse anel aqui. — Aponta para um solitário com uma enorme pedra ônix.

— Excelente! Obrigada, meu anjo! — Sílvia beija a bochecha avermelhada de João.

Como é bom ver sua mãe vivendo de novo. Mesmo que seja aquela velha vida fútil. É melhor do que vê-la largada entre as cobertas e esquecida do mundo. Talvez haja alguma esperança.



Em sua casa, Ana, assim que entra, corre para o refúgio do seu quarto. Carol e Davi apenas a observam chegar e se aconchegar, sem alardes. Eles já conhecem as manias da menina. Carol, porém, logo sabe que Ana tinha experimentado algo novo e que deve ter sido bom, pelo sorriso enorme que estampa seu rosto bonito.

Em seu refúgio, Ana para e se olha no espelho.

O que são estas borboletas que voam por dentro dela? O que são estas que flutuam por volta de sua cabeça, como que se estivesse enfeitada por flores do campo?

Ana rodopia ao redor de si mesma, brincando com as flores aladas que florescem e pululam pelo ar. Uma alegria sem tamanho preenche o quarto e Ana se vê voando numa atmosfera festiva e florida. Um céu todo dela, onde ela pode saltar pelas nuvens de algodão doce e escorregar em arco-íris de *tutti-frutti* enquanto passarinhos primaveris entoam canções amorosas aqui e ali.

Margaridas brincam pelo ar e caem nos cabelos de Ana, formando tiaras angelicais cuja beleza só pode ser vista por seres celestes que pairam na imensidão, contemplando o primeiro voo da Flor que conhece um sentimento novo.

Aos olhos humanos, cegados pelas atribulações da vida material, Ana só está girando e pulando feito criança por seu quarto. Mas aos olhos puros de quem acredita na existência do incrível, Ana está em um mundo mágico, onde nascem as estrelas cadentes e os anjos do amor.

Capítulo 17



No dia seguinte, naquelas idas e vindas da escola pelo trajeto arejado e florido, enfeitado agora pelas flores tímidas de uma primavera que se anuncia aqui e acolá, dois meses antes da sua estreia anual, o casal de amigos caminha como nos dias anteriores. As mãos não se tocaram mais, mas João não se sente triste com isso, pois Ana o brinda com aquele sorriso enorme e com pequenas risadinhas sem motivo aparente.

Ana não acha necessário dar a mão para João segurar. Também não sente necessidade de carinhos rápidos ou lentos. O que viveu ontem a reabasteceu de amor por bastante tempo. Mas é tanto sentimento fluando em seu peito, que quando se dá conta, está rindo e sorrindo para qualquer coisa que ela vê ou que João fala.

Quando chegam em frente às casas, combinam de se encontrar depois das 14h30 para verem o próximo item da lista e, quem sabe, cumpri-lo naquele mesmo dia. Ana diz que sua mãe está querendo ajudar e que muitas coisas serão facilitadas pelo apoio de Carol.

João entra em sua enorme casa, que sempre mantém um clima gelado pelo espaço e pelos moradores pouco calorosos. Joice está na cozinha, ajeitando a mesa para o almoço farto que irá servir.

— Quanta comida, Joice! Teremos visita? — pergunta, depois de cumprimentá-la.

— Na verdade, não. Só fiz o que o patrão mandou. — Dá de ombros.

— Parece que está tudo muito bom, como sempre. Como está minha mãe?

— Dona Sílvia ainda não levantou. De manhã, assim que cheguei, ela me chamou, pedindo o café da manhã, e eu deixei com ela. Depois disso, ela continuou no quarto.

— Pelo menos ela pediu algo para comer. Acho que ela está melhorando! — diz, esperançoso. Joice o olha, penalizada. O menino consegue ver coisas boas em tudo.

— Pode ser... — comenta, envolvida em preencher as travessas com macarrão ao molho sugo.

— Meu pai está em casa?

— Está sim. Acho que na garagem, pelo barulho do carro. Ele disse que queria um almoço com muita sustança. Espero que esteja a contento. — João olha para os pratos bonitos da mesa, todos recheados com quantidades enormes de comida. Macarronada, batatas com maionese e presunto, arroz branco, torta de batata doce, carne assada e salada verde.

— Mais do que a contento. Não me lembro de ver tanta comida aqui em casa. Acho que a última vez foi quando comemoraram o natal e isso faz uns dez anos...

— Pode avisar a seu Paulo Cesar que está pronto.

— Vou avisar — diz e sai para procurar pelo pai. Não sem antes encontrar com sua avó e trazê-la para almoçar.

— Oi, vó! Vamos almoçar? — chama a avó que borda um pano de prato enquanto ouve músicas pelo computador. O neto a ensinou a escutar suas músicas pelo notebook. No início, ela achou muito estranho. Como aquele negócio que não é um rádio funcionaria como um rádio? E ainda mais: como cabiam dezenas de canções naquele pedacinho de plástico vermelho e preto? Porém, logo ela se acostumou com a capacidade tecnológica do tal do *pen drive*.

— Estava só te esperando! Pelo cheiro, a comida é boa hoje!

— Boa e farta!

O neto estende o braço e a avó segura, apoiando seu peso e erguendo-se da poltrona. Juntos, eles caminham devagar até alcançarem a cozinha, onde a mesa bem servida os aguarda.

— Mas olha isso! É natal? Que dia é hoje?

— Não é Natal, dona Clara! — Paulo Cesar responde, entrando pelos fundos. — É só a comida que merecemos.

— Se você diz... — a sogra rebate enquanto senta.

— Eu digo! Coma que faz bem pro espírito!

— Só se o espírito for de porco. — João arregala os olhos pela resposta da avó e Joice cobre a boca para segurar o riso. O genro bufa, mas ignora. Não perderia tempo debatendo com a velha gagá.

— João, vá buscar suas irmãs para o almoço. Chame sua mãe também. — João não gosta da notícia, mas ele obedece.

Espera que as irmãs não estejam em casa para não ter que encará-las, principalmente Paula. Quando chega ao quarto da irmã raivosa, ele bate e chama com o pedido do pai para descer para o almoço. Nem espera resposta e vai para o quarto ao lado, o de Bianca, e repete o processo. Depois, retorna batendo de leve à porta do quarto da mãe e abrindo uma frestinha por onde pergunta:

— Mãe, vamos almoçar? — O quarto estava à meia luz e Sílvia já arrumada com o vestido bordô, sapatos finos e as jóias. Porém, deitada e com as costas recostadas numa enorme pilha de travesseiros. Os cabelos em desalinho e a maquiagem borrada demonstram que a mãe teve uma manhã difícil.

— Oi? João? — Abre os olhos e ajeita-se brevemente.

— Sim. O pai está chamando para almoçarmos. Vamos lá?

— Eu estou indo. Só preciso ajeitar meu cabelo... Acho que peguei no sono!

— Eu te ajudo. A senhora está muito bonita com esse vestido.

— Acha mesmo?

— Acho sim. Venha! — Estica a mão para que a mãe possa segurar e levantar mais facilmente.

— O que vai fazer?

— Te ajudar. Vou te levar até o banheiro para vermos seu cabelo.

— Ah, querido, não precisa. Eu não quero te fazer participar dessas coisas chatas de mulher. Além do mais, seu pai teria um troço se visse você fazendo isso.

— Não ligo pra nada disso. Venha! — chama determinado. A mãe pega na mão do filho e ergue-se. No banheiro, João a ajuda a se sentar de frente para a enorme bancada de mármore, já tem um banco alto ali para isso. O menino pega uma escova de cerdas macias e, com delicadeza, percorre os fios loiros e curtos de sua mãe, penteando com cuidado para não puxar um fio sequer. Sílvia fecha os olhos e se permite ser cuidada e tratada. Há quanto tempo ela não sente essa sensação de carinho? Há quanto tempo ela não sente que é amada? Há quanto tempo ela não é simplesmente tocada com afeto?

Depois de pentear os cabelos da mãe, João pega um lenço umedecido e limpa as manchas da maquiagem borrada ao redor dos olhos dela. Com sutileza, ele retira os borrões escuros e depois o batom. Lava a face de Sílvia com água morna e a deixa completamente limpa. Em seguida, entrega para ela a caixa de maquiagens e deixa que ela se arrume novamente, auxiliando nos tons para não ficar de algum modo exagerado. Sílvia sente-se pronta! Renovada! Quase feliz!

Descem juntos, encontrando os familiares reunidos para almoçar. João pode até imaginar que aquele momento é uma refeição em família de verdade.

Todos à mesa e o único que sorri é João. É fácil para ele pensar que está tudo bem, como há muito não ficava. Que estão juntos, que são uma família. O restante mastiga a comida com pressa para terminar e assim poderão seguir suas rotinas longe dali e daquele embaraço. Sílvia se pergunta que raios de comida antiquada é aquela? Onde está seu *foiegras*, seu salmão, seu caviar?

— Vai sair, Sílvia? — nota Paulo Cesar, depois que finaliza seu almoço.

— Quê? — pergunta ao perceber que seu marido está falando com ela.

— Vai sair?

— Vou. Vou! Tenho um compromisso hoje à tarde.

— Posso saber onde?

— Numa exposição.

— Vai com quem?

— Mas que monte de perguntas são essas?! — zanga-se pelo interrogatório. Todos abrem os olhos, espantados pelo tom alarmado da mãe.

— Ué! Não posso querer saber com quem minha mulher vai sair? Tá me traindo?! — Os olhares agora recaem sobre Paulo Cesar. Paula até gosta do que vê e ri. Pelo menos um pouco de diversão em meio àquela chatice.

— Mas quanta bobagem!

— Arrumou outro, não foi? Toda arrumada e penteada!

— Eu não te devo satisfações. Ainda mais do modo como me arrumo!

— Sílvia!

— Quanto tempo eu passo sozinha naquele quarto e você nem liga a mínima para mim! — exclama com a voz embargada. — Não aparece nem para saber se estou viva! Se estou respirando! Se não preciso de ajuda! Nada! — Lágrimas grossas percorrem seu rosto recém-maquiado.

— Por Deus, mulher! O que você quer?! Achei que não quisesse que eu me aproximasse! Que estávamos acertados assim!

— Ah, faça-me o favor, Paulo Cesar! Quer saber? Não preciso mesmo de você! Nunca precisei pra nada! Então, nem ouse pensar ou repensar algo sobre mim. Nem ouse exigir qualquer coisa sobre mim. Você mora na MINHA casa! MINHA! E se quiser que isso continue assim, é melhor continuar na sua insignificância! — Bate o guardanapo de linho na mesa e levanta-se, subindo as escadas com raiva.

Paulo Cesar esmurra a mesa um par de vezes, com o ódio bombeando em suas veias. Sente o rosto ficar rubro e formigar na mesma hora.

João quer dizer para ele ir atrás dela, para ele fazer alguma coisa por ela. Ela só precisa de um pouco de atenção. De atenção dele! Mas como dizer isso sem deixar o pai ainda mais raivoso?

João não diz nada e logo Paulo Cesar deixa a mesa, empurrando a cadeira de qualquer jeito. Paula cai numa gargalhada ensandecida no exato momento que o pai deixa a cozinha. Bianca respira fundo, muito entristecida por aquela cena que tinha acabado de presenciar. A avó bate na perna do neto com uma das mãos e comenta:

— Vá ver sua mãe, filho. Vá ver. Eu só não vou porque ela não aceita minha presença, mas ela precisa muito de um consolo agora.

O garoto assente, silencioso, e vai. Paula ainda ri enlouquecida e a avó diz:

— Qual a graça disso tudo, menina doida? Sabia que ela é sua mãe e que você vai ficar igualzinha a ela? Se não melhorar essa sua vida, você vai sim e será triste! — Paula fica muda e a avó levanta vagarosamente, deixando a refeição pela metade. — Toma jeito, criatura, toma jeito! Porque dificilmente

você terá alguém como o João na sua vida.

— A vó tá certa. Isso não tem graça! — Bianca complementa.

— Ah, vá à merda! Sei que você queria rir também.

— Eu queria mesmo chorar. Chorar! — E sai para seu quarto, correndo pelos degraus.

Paulo Cesar passa pela sala, encontrando apenas Paula que o chama de longe:

— Pai, pai! Podemos falar sobre aquele lance de faculdade?!

— Cala a boca, Paula! Cala a boca! — vocifera.

João não consegue falar com a mãe, ela trancou a porta. Ele deixa um bilhetinho embaixo da porta e espera que ela o leia. Com o coração amargurado pelos acontecimentos daquele almoço, ele também se tranca em seu quarto, deitando e tentando relaxar a cabeça, que lateja de dor.

Quando quase pega no sono, o pai bate na porta, com certa vontade, assustando João.

— Garoto! Sai daí e vamos lá!! — chama entre uma espalmada e outra na porta. João leva alguns segundos para entender do que se trata e lembra que ele terá que ir trabalhar com o pai.

— Tô indo! — responde, mas o pai não está mais ali.

Recorda-se de Ana e de que eles tinham um combinado para aquela tarde. Como fará agora? Tem que avisá-la de alguma forma! Vai para a janela e espia, procurando por algum vestígio da vizinha lá embaixo. Num relance, ele parece que vê os cabelos de Ana através da janela dela. Resolve chamar com chiados, psius e por último o nome dela, sem gritar para não fazer escândalo.

— Ana... Ana! — A garota escuta os barulhos e, desconfiada, olha para o lado de fora, mas não olha para cima.

— Aqui Ana! Em cima. É o João!

Relutante, a garota cobre os olhos e ergue lentamente a cabeça, espiando por entre os dedos e descobre João acenando. Ela acena de volta.

— Oi, João!

— Ana, vou ter que sair com meu pai, trabalhar.

— Que bom!

— É que não poderemos nos ver nessa tarde.

— Ah... — Faz uma cara de desânimo. — Bom, tudo bem, a gente se vê amanhã, então.

— Nos vemos. Fique bem!

— Tá!

João acena, não querendo deixar a janela e perder Ana de vista. Ana também não sai de sua janela e fica olhando e olhando, absorvida naquele instante.

Paulo Cesar espanca a porta do filho mais uma vez, nesta sem chamá-lo, apenas batendo como um boçal. Ele está irado com a reação da esposa. Não a compreende. Achou que estava dando o espaço que ela queria. E agora ela vem com o papo de ele não se preocupar com ela. Ele se preocupa muito com ela e justamente por isso trabalha tanto: para poder dar a ela todos os luxos que quer. Por que ela não consegue ver isso? Por que ainda o humilha tanto? Ela não consegue ver que nunca falta nada em casa? Que o dinheiro dela nem é usado para quase nada a não ser as compras dela nos shoppings?

Quantas e quantas vezes ele tentou se aproximar e não foi atendido? Como chegar perto de alguém que se cercou de um enorme muro?

Mas para quem quer mesmo, não há muros que bloqueiam.

Capítulo 18



João passa, seguindo os passos apressados de seu pai pelo gramado, e procura por Ana com o olhar. Ela não está por ali e ele lamenta.

A caminhonete de Paulo Cesar está estacionada na rua. É nova e será a primeira vez que João anda nela.

O pai mal espera o filho entrar e arranca o potente carro sem se importar com o rangido brusco dos pneus. Quando consegue se estabilizar, o garoto prende seu cinto e nota que o pai não fez o mesmo. Imagina quantos perigos ele corre diariamente ao dirigir muitas vezes com altos níveis de álcool no sangue e sem o cinto de segurança? Mas ele não vê a menor abertura para diálogos com o pai, então deixa assim mesmo, por enquanto.

O trajeto todo é em completo silêncio, mas de forma alguma confortável. João quer entender muitas coisas, fazer perguntas, interagir mesmo que fosse sobre o tempo. Paulo Cesar quer chegar logo para acabar logo e deixar de pensar tanto em Sílvia.

Quando chegam, João se espanta ao notar o prédio imenso localizado em uma região totalmente industrial onde o concreto é mato. O pai tem a transportadora há vinte anos e ele nunca havia pisado lá.

Eles entram no pátio e os olhos do garoto percorrem a extensão daquilo tudo, vendo enormes máquinas e caminhões prontos para o transporte. Em todos eles, o nome Transportes Alencar com um símbolo de um raio cruzando as duas palavras, indicando a velocidade do serviço.

Já no prédio, após deixarem a caminhonete estacionada, o garoto nota um bom fluxo de pessoas passando para todos os lados e se espanta ao ver o tamanho daquele lugar. Olha para cima e se perde naquele imensidão de metal e cimento, enquanto gira para não perder nada no seu campo de visão.

Assim que chega, Paulo é interceptado diversas vezes por seus funcionários, que têm relatórios e dúvidas, já que o chefe se afastou do trabalho por alguns dias. Aparentemente, ninguém teme questioná-lo. Ali ele é bastante profissional e concentrado. Em casa é tão diferente...

— Garoto, anda! — chama Paulo ao ver que o filho fica para trás, olhando para cima, onde mais pessoas passam, protegidas apenas pelas barras laterais. João acorda e o segue, indo para um elevador que os levará para o escritório do dono, do chefe, do patrão: o senhor Alencar.

Já no escritório, Paulo encaminha-se para sua mesa de trabalho e o garoto fica em pé, esperando por ordens. O pai aponta para a cadeira na frente da mesa e ele senta.

— O que achou disso tudo, rapaz?

— Impressionante!

— Esse é meu império, garoto! O meu lugar no mundo! O que eu consegui construir sozinho. Aqui, eu sou o rei.

— Entendo.

— Estou te dando uma chance que muitos procuram. Uma chance de ouro! Você tem ideia de quantos e quantos currículos eu recebo?

— Não, senhor.

— Centenas mensalmente. Muitos de profissionais extremamente capacitados buscando um emprego

depois de serem demitidos pelas crises ou recém-formados procurando o primeiro emprego.

— Bastante!

— Pois é! E eu estou te dando o emprego que é o sonho desses caras! — Aponta para a janela lateral, como que indicando os desempregados da rua. — Um emprego valioso! Um emprego que você não merece.

— Pai, eu...

— Não me interrompa!

— Desculpe.

— Por tanto eu espero que você se dedique muito a isso aqui. — Gesticula, encostando o indicador na mesa. — Espero que dê valor ao que eu tô fazendo por você. Espero que trabalhe duro e que faça valer essa oportunidade. Entendeu garoto?

— Sim, senhor. Eu vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance. Mas...

— Mas o quê?

— Não quero estar tirando emprego de pessoas melhor qualificadas. Isso não está certo — arrisca cauteloso.

— Garoto, só faça seu trabalho que do resto cuido eu. Se preocupe em aprender algo e pôr a mão na massa. Se fizer um bom trabalho na sua nova função, auxiliando no crescimento da firma, então teremos novas vagas. Entende? Assim é o comércio.

— Entendi. E o que eu faço? Qual minha função?

— Vem comigo.

Eles levantam e Paulo guia seu novo funcionário até o vestiário no andar de baixo, onde mostra o uniforme que ele deverá vestir toda vez que for para o trabalho: um macacão azul escuro, de mangas longas, com o nome da empresa bordada em laranja no bolso que ficava no lado esquerdo do peito e um par de botinas resistentes. Há também protetores auriculares e óculos de plástico transparente para ocasiões necessárias. Depois de vestido, João é levado até o local onde fará seu trabalho: uma enorme garagem de caminhões. Enquanto caminham, os funcionários olham para o garoto com curiosidade e um pouco de preconceito por ele ser filho do chefe. Provavelmente, teria regalias, pensam eles.

Mas eles não sabem da missa a metade.

— Aqui, garoto, é seu local de trabalho.

— Nossa! — Espanta-se ao ver a infinidade de caminhões ali estacionados.

— São todos meus. Todos eles. Cada um deles. Me pertencem! É graças a esses brinquedinhos aqui que você come aos montes em casa. Que você estuda numa instituição importante. Que você usa boas roupas e dorme em uma cama confortável. — O garoto só assente e o pai continua. — Por isso, você vai trabalhar com eles: pra dar valor!

— Entendo. E qual a função?

— Manutenção e limpeza! Uma coisa bastante simples, porém vital ao bom andamento. Já tenho funcionários na área, mas eles fazem o mais primordial por serem bem capacitados. Você vai calibrar pneus e mantê-los limpos. É isso!

— De quais deles? — A pergunta inocente faz Paulo Cesar sorrir sarcástico.

— De todos eles, garoto! Todos!

— Meu Deus! — balbucia ao olhar para a garagem novamente e ver a quantidade de caminhões.

— Agora chega de papo! Vá falar com o Amadeu e ele vai te passar as instruções básicas. Quando soar o alarme, é hora de ir pra casa. Só isso! Nos pequenos intervalos determinados pelo Amadeu, você

pode lanchar alguma coisa. Trouxe?

— Não...

— Então se vira por aí! Mas cumpra sua carga horária de quatro horas! Até mais! — diz e bate com força no ombro do filho antes de dar as costas.

João leva um tempo para encontrar o tal Amadeu, que está numa cabine separando ferramentas. Depois de se apresentar, Amadeu mostra para ele a função e diz que ele não precisa se apressar, o trabalho deve ser feito com calma para não dar erro. Diz, também, que ninguém consegue dar conta de setenta caminhões em quatro horas, mas que quanto antes ele consiga finalizar, antes ele pode pegar funções mais leves e ganhar pontos com o chefe. João assente e começa timidamente o trabalho de encher as rodas imensas. Cada modelo necessita de uma quantidade específica de ar, ele deve decorar a tabela para ter mais rapidez no serviço. E não é somente isso. Depois de calibrados, ele deve lavar as rodas com capricho, verificando se não há pregos ou se os pneus não estão carecas.

Lavar os pneus é um extra bem desnecessário que Paulo Cesar adicionou ao trabalho. Ele quer que o menino sue mesmo, que rale, que trabalhe duro, que pene para criar casco. Onde já se viu um moleque do tamanho dele que não sabe fazer nada que preste a não ser ficar de papo furado com a velha caduca e com a vizinha da família esquisita do lado?

Lembrou-se dele mesmo quando mais novo, de como levava tudo na manha, sem se preocupar com o amanhã. Passava horas na rua bebendo com amigos e vadiando de lá para cá sem um objetivo válido, baseado apenas na boa herança familiar que só viria para ele depois que os velhos batessem as botas ou se ele resolvesse dar jeito na vida.

O que isso lhe trouxe? Nada além do desgosto da amada esposa. Ele a enganou e ela não perdoou. Ela tinha razão. Foi aí que começou a se empenhar para mostrar que ele poderia ser o que ela queria. E ele faria o filho ser um homem trabalhador também.

João penou naquela tarde. A garagem estava abafada e ele suou como nunca havia suado na vida. Nas quatro horas do seu turno, ele fez uma pausa para um sanduíche que Amadeu comprou para ele, calibrado e lavado vinte caminhões. Está um pouco decepcionado por não ter dado conta da metade da frota, mas Amadeu diz para ele que fez um bom trabalho para um primeiro dia. Ele continuará tudo no dia seguinte.

— Esta é apenas umas das garagens, filho. Tem mais umas duas que cabem a mesma quantidade, mas as frotas estão na rua. Então o trabalho...

— Nunca acaba. Já percebi.

— Seu pai está te dando uma boa chance, você vai ter um salário ainda por cima.

— Um salário? — João nem havia pensado nisso.

— Claro! Já vi seu contrato. Você só assina se quiser, mas não diga ao seu pai que te contei isso.

— Não direi. Obrigado, seu Amadeu, me ajudou bastante hoje.

— Já fui um moleque também. Agora vá pra casa!

— Como eu volto pra casa? Sabe onde passa ônibus aqui?

— Seu pai vai te levar. Toma um banho e procure por ele. Banho rápido! Senão ele vai te deixar pra trás.

Já no carro, pai e filho refletem sobre aquele primeiro dia. Paulo, apesar da forma grosseira, quer que o filho tenha um futuro acima de qualquer coisa relacionada ao status. Seria excelente o menino encaminhado na vida para herdar a transportadora num futuro que ele pretendia ser distante.

— Quantos conseguiu hoje?

— Vinte e um — responde, preocupado.

— Acha que leva quanto tempo pra finalizar? Quero estar com a frota pronta logo.

— Mais dois dias e estará tudo pronto.

— Assim espero.

A caminhonete estaciona e o cheiro da comida faz o estômago de João roncar. Está faminto e exausto.

Depois de lavar as mãos e o rosto, ele janta a comida recém-preparada por Joice, que está de saída. O pai janta com ele e João pensa milhares de vezes se deve ou não puxar o assunto que o afligiu o dia todo.

— Pai, eu queria te perguntar uma coisa — arrisca cauteloso.

— Pergunte — orienta, dando uma garfada generosa.

— Sobre a mamãe.

— O que tem ela? Acha que ela... — pausa ao ver que ele está diante de um garoto e não de um homem experiente. O que João saberia sobre infidelidade?

— Não, não acho — responde, mesmo sem o pai ter feito a pergunta em si. Parece que não é somente ele que está engasgado com um problema. — Eu queria saber se o senhor gosta dela... — diz um pouco receoso.

— É minha esposa, minha mulher. Eu respeito muito. É assim que tem que ser.

— Quero saber sobre o amor.

— Amor? Eu lá tenho tempo pra ficar de papo sobre amor com um pivete?

— Pai, eu sei que este assunto não é da minha conta, mas se o senhor ama a mamãe, precisa procurar por ela e tentar entender o que acontece. Ela não está bem. O senhor sabe que ela fez terapia por anos...

— Sei e sei que parou com elas, provavelmente porque se curou!

— Não! Ela parou porque piorou. Se ama minha mãe, ajude ela a se curar. Talvez as coisas melhorem um pouco entre vocês e entre todos nós.

— Realmente, esse assunto não é da sua conta — fala da boca para fora, mas ele sabe que o garoto está completamente certo. Ergue-se e vai para seu quarto.

João prepara um prato para a avó, que está tirando um cochilo no sofá, e outro para a mãe e os deixa cobertos sobre a mesa.

Sai de casa e vai até o seu gramado lateral, sentando-se na calçada do jardim. Depara-se com um céu cujas estrelas começam a surgir ao sabor do escurecer. É o momento delas de brilhar e o momento dele de contemplar. Quando se dá conta, Ana senta-se ao seu lado. Eles sorriem para o firmamento, agradecendo por aquele momento de felicidade em um dia tão diferente. Ana aponta para uma estrela muito brilhante. Ela descobriu que era Vênus, em suas pesquisas, quando fez o presente de João. Não é propriamente uma estrela, mas é tão brilhante quanto e merece um lugar no universo da caixa de sapatos. João olha para a estrela ao seu lado e seu coração é acalentado quando ela deita a cabeça em seu ombro. Sem pensar se deveria ou não, apenas obedecendo a seu coração, ele pega a mão de Ana e une à sua, juntando ali a Lua e o Sol. E ele amou saber que Ana não o queimou. Ela, como Sol, o aceitou naquele laço tão bonito de amor interestelar.

Capítulo 19



João trabalha muito naquela semana.

Está determinado a finalizar os setenta caminhões para que seu pai veja que ele está empenhado. Até se acostuma ao ofício, conseguindo calibrar em um ritmo cadenciado. Não é um emprego confortável, muito menos agradável, mas João segue um conselho que Ana lhe deu há dois dias enquanto caminhavam para a escola, depois de ele desabafar sobre o primeiro emprego: apenas foque no objetivo. E o objetivo dele é fazer ao menos vinte caminhões por dia. Pensando nisso, foi mais fácil executar sua tarefa.

Finalmente, o fim de semana chega e ele pode ter um tempo para descansar. Um tempo para conversar com Ana, já que aqueles últimos dias da semana foram corridos e no período da manhã, quando vão juntos para a aula, eles só respiram aquele ar quase primaveril que os circunda.

Ana vê o quão cansado seu amigo está e ela não quer incomodá-lo. Sabe de todo o esforço dele em agradar o pai para poder conseguir sua autonomia e decidir sobre sua profissão, sem depender dos outros. Por isso, ela apenas fica ao lado dele, andando no mesmo ritmo. Se ele precisar de algo, ela estará ali. Numa das idas, ela lhe dá mais uma estrela do céu, o que ele retribuiu dias depois dando a ela uma caixa de flores coloridas.

Ele havia visto no caminho para o trabalho uma loja de pedras naturais e não perdeu tempo: na brecha que sobrou, correu até lá e comprou uma dúzia de pedrinhas lapidadas. Em cada uma, ele escreveu o nome de uma flor. Ana amou o presente e amou mais ainda ter conseguido entender aquela simbologia. Agora, as pedras são o que eles quiserem, basta ter amor nos olhos.

Eles combinaram de passar o sábado juntos para ver a lista de itens de Ana e para dialogarem sobre o primeiro item que haviam feito.

João espera por Ana ao pé da varanda. O clima está quente e ele já separou duas cadeiras estofadas embaixo da árvore do gramado dele para que sentem num local fresco.

Não demora para avistar sua vizinha na janela, olhando timidamente para fora, temendo que ele ainda não estivesse ali, esperando por ela. Mas ele está e estará para sempre, se depender dele.

O garoto abana e Ana repete o gesto com cautela. Com a mesma cautela, João aproxima-se naquele ritmo lento que acalma as batidas do coração de Ana.

— Oi, Ana!

— Oi, João!

— Vim te buscar para nossa tarde. Está pronta?

— Estou sim.

— Eu coloquei duas cadeiras para nós embaixo da árvore. — Aponta. — O clima está quente e o sol pode queimar se não nos cuidarmos. A grama segue verdinha e bonita. Azaleias e primaveras enfeitam o jardim e perfumam o ar. O céu está azul com poucas nuvens. Nuvens rabo de galo e minha avó diz que quando tem essas nuvens...

— Significa que vai chover. — ela completa sorridente, gostando da comodidade das palavras de João. É bom saber que ele é ele desde que se conheceram.

— Isso mesmo! — Ele ri de volta. Completamente apaixonado. — O dia está lindo, mas não tanto

quanto você!

Ah, coração encantado!

Basta eles estarem perto para que a pulsação aumente, colorindo as maçãs do rosto do garoto.

— Isso me deixou feliz e envergonhada — comenta com um sorriso contido.

— Se te deixou feliz, eu fico também. — Ah coração!

— Eu estou indo aí.

— Estou esperando.

Ana comunica à mãe de que ela está de saída e Carol beija o topo da cabeça da menina, orgulhosa do empenho dela em ajudar o amigo e também por ver que a cada dia ela aparenta estar mais radiante.

Ana surge na porta e João a aguarda com gentileza. Estende a mão para ajudá-la a descer o único degrau e ela aceita, depositando sua palma na dele com a sutileza de um pouso de borboleta. As mãos permanecem unidas e João sente como se carregasse o próprio sentimento em suas mãos. É uma verdadeira honra e ele deve ser gentil. Não é sempre que Ana permite o contato das mãos entrelaçadas. João não força. Quando ela quer, ela faz e ele é grato por aqueles momentos.

Quando alcançam o recanto à sombra que João preparou, sentam-se lado a lado e Ana suspira, apreciando aquele encontro tão tranquilo.

— Eu senti sua falta nesses últimos dias. Mesmo nos vendo pela manhã, eu queria poder te ver à tarde também, como vínhamos fazendo — confessa João. Ana está ao seu lado, com a face encostada no ombro do menino. Ele não se sente tão bobo por confessar dessa vez. Ana está ali e bem. O que há de errado em falar sobre coisas lindas? Sobre o que sente?

— Eu também senti sua falta. Já fazia parte do meu dia poder te ver mesmo que pela janela. E eu olhava e olhava e você não estava lá. Daí eu lembrava que era por uma boa causa.

— Estou sendo o mais rápido e eficiente que posso pra que esse nosso tempo afastado seja curto.

— Eu posso esperar por você. — João quase sai flutuando ao ouvir aquela frase tão singela e tão carregada de significados. Ele beija a testa de Ana, demorando-se mais do que o habitual no ato, permanecendo o máximo que pode com seus lábios tocando a pele da garota dos seus sonhos.

— Obrigado — diz calmamente ao que ela assente satisfeita.

— Bom, eu trouxe a minha lista e queria anotar suas impressões da primeira atividade.

— Tudo bem! — Ana se desencosta para pegar sua lista, um bloco e a caneta que estavam em uma pequena bolsa e João sente a falta dela.

— Bom, nós fomos ao consultório geriátrico.

— Sim — pontua interessado.

— O que você sentiu com a visita? — Ana pergunta e posiciona a caneta para anotar a resposta no bloco.

— Bom, eu senti certa familiaridade com o ambiente. Me senti à vontade em conversar com a paciente. Eu gostei muito! — Ana anota, lembrando de cada palavra dita.

— Um ponto negativo?

— Hum... Talvez o lado médico... Não sei se tenho vocação para essa área.

— Certo. Que nota você daria para a experiência num geral?

— Talvez um oito?

— Oito é bom!

— É isso.

— Certo. Nossa próxima visita está agendada para hoje!

— Ah, é?! — pergunta contente.

— Sim, sim!

— E aonde vamos?

— Vamos para uma aula de música!

— Música? Isso me parece muito legal!

— É sim! Esse não é o segundo item da lista, mas como minha mãe conseguiu o contato desse professor de música, então vamos a ele primeiro. Pode ser?

— Claro! Eu estou animado pra isso! — Ana sorri por ele ter gostado da ideia. — Você acha que eu levo jeito? Pra música?

— Acho que você é muito sensível. A sensibilidade anda junto com a arte.

— Que lindo isso!

— O quê?

— O que você disse. Que a sensibilidade anda junto com a arte.

— É o que eu acho. Você não acha?

— Acho sim, ainda mais vindo de você.

— Vamos lá? A aula começa às 16h. Temos tempo, mas podemos ir devagar e chegar lá com calma.

— Vamos lá! Eu só vou pegar minhas chaves e já volto. Quer vir junto comigo?

— Eu prefiro ficar aqui e te esperar.

— Eu não vou demorar.

— Está bem.

João assente e levanta-se, olhando para Ana com carinho. Ela não o olha porque sabe que está sendo olhada; seus olhos se fixam na paisagem à frente e ela junta as mãos por sobre as pernas. Quando ele sai, ela sorri com um jeito inocente muito dela.

O garoto não se demora no processo de encontrar seu molho de chaves, mas é parado pela avó, que está na sala lendo.

— Vai sair, filho?

— Vou, vó. Tenho uma aula de música para visitar com Ana e ela está me esperando lá fora.

— Isso parece bom! Ah, eu preciso ouvir umas músicas novas para tricotar, estou um pouco enjoada das de sempre.

— Eu vou conseguir músicas novas para a senhora.

— No tal do *pen drive*?

— Isso mesmo. Se a senhora quiser, pode pegar o meu no quarto. Está no armário perto da minha mochila. É pequeno e se parece com um bonequinho de bigodes.

— Eu me viro. Vá logo passear com a menina e diga coisas bonitas a ela. Ah! Meninas gostam de laços, lenços e fitas de cabelo.

— Obrigado, vó, vou me lembrar disso. — Aproxima-se e beija o topo da cabeça da avó. — A bênção vó.

— Deus te abençoe, meu filho — abençoa, dando tapinhas na mão do neto. Na porta, João pergunta:

— Notícias da mãe e do pai?

— Estiveram juntos, mas não gritaram. Ou ficaram em pleno silêncio ou conversaram. Depois você

vê isso, filho, vá passear!

João balança a cabeça e sai apressado. Ana está esperando por ele e ele demorando mais do que o planejado.

— Demorei muito? — pergunta assim que a vê, ali, do mesmo jeitinho.

— Um pouco, não muito.

— Desculpe, minha avó me chamou e eu conversei um tantinho com ela.

— Não tem problema. Eu gostei dessa sombra. Eu fiquei bem, aqui.

— Menos mal. Então, vamos?

— Sim! Vou avisar meu pai que estamos prontos.

— Seu pai? — Assusta-se.

— Sim, meu pai vai nos levar e buscar.

— Ah! E ele sabe que eu vou junto mesmo?

— Sim! Ele sabe que estamos fazendo pesquisa de campo.

— E tudo bem pra ele?

— Sim, tudo bem. Ele é um pai muito bom.

— Tenho certeza que sim.

— Você está bem?

— Só fiquei tímido por estar incomodando seu pai.

— Não está incomodando. Ele se propôs a nos levar.

— Entendo. — *Claro! Pra que eu não fique muito tempo sozinho com a filha.* Pensa João. — Ele está certo.

— Ele vai nos deixar próximos e poderemos fazer o percurso que restar a pé. Ele disse que é bom pegar um pouco de ar.

— Isso é legal da parte dele.

— Sim. Íamos de ônibus de novo, mas a escola de música é bastante longe. Do outro lado da cidade.

— A carona será bem vinda.

Ana sorri e levanta enquanto João recolhe as cadeiras que pertencem à varanda. E juntos, lado a lado, eles vão até a garagem onde encontram Roberto conversando com Carol alguma amenidade.

— Prontos? Vamos lá? — Pergunta o pai de Ana, sorridente.

— Vamos! — Ana responde contente.

— Tchau, querida. — Roberto sela os lábios aos da esposa e entra.

— Tchau e bom passeio, meninos!

— Sua mãe não vem? — João pergunta para Ana depois de agradecer a Carol.

— Ela vai aguardar as visitas. Minha tia vem para jantar.

João concorda e entra no banco de trás, Ana senta-se ao lado do pai, no banco do carona. João respira aliviado, porque não queria causar incômodos ao pai de Ana.

No carro, os três conversam banalidades enquanto ouvem uma música clássica no rádio. Roberto gosta de puxar assuntos e eles não ficam em silêncio por nenhum instante.

Quando estaciona, Roberto indica que a escola de música fica na quadra seguinte, dobrando à esquerda. Ana despede-se do pai com um beijo rápido na bochecha e desce saltitante. João, mais contido, também desce e agradece com um aceno.

Na calçada, eles caminham respirando aquele novo ambiente e observando as folhas que pairam aqui e ali quando caem das árvores. E então, lá está a mão dela alcançando a dele e enlaçando. João gela e quase empaca de nervoso. O pai de Ana está a poucos metros, ainda estacionado! O que ele vai pensar?

João não sabe o que fazer. Se tirar a mão, pode chatear Ana. Se mantiver, pode zangar Roberto.

Olha para Ana, que segue serelepe e totalmente despreocupada admirando as flores dos canteiros.

— Ana, seu pai está nos vendo ainda — comenta, com o tom baixo.

— Sim.

— Acha que ele não vai se incomodar de estarmos... Estarmos...

— Estarmos?

— Perto, assim!

— Não. Ele vai gostar porque sabe que tem alguém cuidando de mim.

— Ah... Tem certeza?

— Uhum! — Ana continua, despreocupada e tão leve quanto um balão. — Vem! Olha lá! Uma borboleta! — exclama e puxa a mão do garoto para que corram.

João ri e corre ao lado dela para ver a borboleta amarela que se juntou a mais duas num balé adorável e celeste. Resolve esquecer qualquer preocupação, afinal, qualquer momento com Ana deve ser aproveitado com toda a alma.

Cercam-se de borboletas e dão as duas mãos ao girarem e olharem para cima e depois um para o outro com risos, sorrisos e gargalhadas que cobrem os semblantes e alegram a praça já festiva pelas flores que brotavam.

Não há mais nada que aflija João, tudo esvai pelo ar. Só há Ana e o amor.

Capítulo 20



Contidos os risos e as brincadeiras pela calçada da praça que enfeita o pequeno bairro, Ana e João se põem a caminho da escola de música, que é o destino deles naquela tarde.

Ana não consegue entender como pode se sentir tão feliz com João. Como ele consegue transformar tudo ao redor. Melhor! Ela não consegue entender como ele é capaz de ver e sentir o mesmo que ela com coisas que as outras pessoas não sentem e entendem.

É o dom dele, ela pensa. Que belo dom!

A escola de música fica na casa de cultura e é fácil encontrar. Ana fica um tanto apreensiva e João nota a pausa dos passos da amiga perto da porta. Então, ele se posiciona ainda mais próximo e beija o dorso da mão dela, que se mantinha entrelaçada a sua.

— Tá tudo bem. Eu estou aqui. Podemos ir bem devagar — João diz calmamente.

— Está bem. — Ana respira profundamente, inspirando, expirando e sentindo o aroma que vem da roupa de João, pela proximidade. Ele cheira a sabonete e perfume típico masculino. Ana gosta daquelas fragrâncias.

Depois que se acalma, Ana dá o primeiro passo e João a segue, entrando juntos na sala da casa de cultura.

São recepcionados pelo professor que já os aguardava. A aula será particular, acertada previamente por Carol.

Por uma hora Caio, o professor, mostra instrumentos variados para João, indicando como funcionava cada um deles, com muita paciência. O menino adora todos, mas não consegue desenvolver som em um sequer. Depois, tentam canto e João descobriu o quão desafinado e sem ritmo é. O professor diz que é muito comum, ninguém aprende tudo em uma hora apenas. *Ninguém* é generalizar, porque há os pequenos gênios que nascem com os dons. Será esse o caso de Ana?

Quando João começa as pequenas lições musicais, ela resolve conhecer o local, já que se sente mais confortável. Se distrai e encontra uma flauta doce muito bonita. Não demora para que ela sopre, seguindo o exemplo já visto em programas de TV e também ali mesmo na aula. A princípio, só se ouve ruídos estridentes, mas ao passar de cada soprada, Ana entende a finalidade de cada buraquinho distribuído pelo comprimento da mesma. Assim, ela consegue harmonizar e soprar uma pequena melodia já conhecida. O professor nota o talento na garota, mas como o aluno é João, a deixa com sua flauta, dando atenção ao garoto.

Em seguida, Ana vai para o teclado que repousa por sobre uma mesa baixa. Olhando ao redor, ela, timidamente, senta-se no banquinho que jaz bem posicionado para um músico tecladista. Testa uma tecla, depois outra, adorando o som que produzem. Toques suaves geram melodias adoráveis como os pássaros do seu jardim. Fecha os olhos e tenta se lembrar do canto sereno dos anjinhos cantores que lhe alegram as manhãs recém-raiadas. Sentindo cada nota que emite, Ana logo alcança o que quer, reproduzindo um som extremamente semelhante ao dos passarinhos matutinos.

Como aluno e professor dariam sequência à aula com aquele pequeno concerto bem ali? Embasbacados pela apresentação singela e bela, ambos cessam o que estão fazendo, sem premeditações, e acompanham Ana e suas teclas mágicas.

Ela só percebe o que acontece quando pausa de tocar e abre os olhos, envergonhando-se de ver quatro olhos a contemplando embevecidos. Cobre os ouvidos instintivamente e se encolhe brevemente em si mesma.

João olha para o professor, como que o recordando da característica de Ana, ao que o mesmo compreende imediatamente, voltando-se para outra ocupação.

João ergue-se e vai de encontro a ela, que olha para um ponto distante do lado de fora. Agacha-se para ficar na mesma altura dos olhos de Ana e pergunta com tom baixo:

— Tudo bem, Ana? — Ela não responde, um pouco alheia. João repete a pergunta. — Ana, tá tudo bem com você? Sou eu, João. — Ela olha para ele. Aquele semblante, que ela conhece e adora, perto dela faz com que seu coração se acalme.

— Não muito.

— Fique tranquila. Me fala se quer que eu faça algo por você — comenta, solícito.

— Nada. Nada.

— Tem certeza?

— Sim. Eu tô com vergonha. Me deixa aqui.

— Tá bem. Eu vou voltar para a aula e você pode me chamar se quiser. Pode ser?

— Pode ser. Pode ser.

— Vou te dar um beijo na testa pra você se sentir melhor — avisa antes de fazê-lo. Como ela está um pouco agitada, achou melhor antecipar, comentando a ação que faria. Ana não reclama e ele beija com candura.

Ao final da aula, cumprimentam o atencioso Caio, que lhes indicou um ensaio aberto ao público de um coral que acontecerá no salão ao lado dentro em pouco. João olha para Ana, buscando saber se ela quer assistir o ensaio. Ela assente e o garoto agradece ao professor, dizendo que eles irão.

— Como está se sentindo? Melhor? — pergunta João enquanto caminham para o salão ao lado.

— Sim. Eu adoro música clássica. E você?

— Gosto muito também. É muito bonita.

— Bonita mesmo.

— Você gostou de tocar hoje?

— Gostei.

— Já tinha tocado antes?

— Só em alguns brinquedos quando eu era criança.

— Você é talentosa, Ana, deveria tocar mais.

— Eu tenho facilidade com os instrumentos, meus pais e professores já notaram isso, mas...

— Mas?

— Eu nem sempre estou confortável pra tocar.

— Entendo.

— É uma coisa que vem. Uma vontade e aí eu faço. Se tiver que ser sempre, eu não consigo. A arte precisa ser sentida totalmente. Não sou uma artista, mas respeito a arte.

— Eu achei lindo o que você tocou. Quando quiser tocar mais vezes, eu adoraria assistir.

— Obrigada.

Sentam-se nas cadeiras de trás do salão. O coral já está a postos e o pianista ajusta a partitura.

Os toques suaves do piano começam e, em seguida, o coral entoa sua voz, encaixando-se na melodia

com maestria. Os olhos de Ana nem piscam, apreciando cada detalhe do espetáculo que transcorre no palco.

O ritmo embala a plateia, composta por outros alunos, João e Ana. João quer assistir ao show, mas Ana não permite. Ela é bonita demais quando encantada com algo. É impossível não admirá-la. Ela é bonita demais o tempo todo, nota João, e está cada vez mais difícil prestar atenção em qualquer outra coisa quando estão juntos, ou até mesmo quando separados. Ele realmente está muito encrencado. Como fazer qualquer outra atividade quando só se tem olhos e pensamentos para um certo alguém?

O garoto é tomado por um turbilhão de pequenas alegrias, como se as borboletas que eles encontraram na praça o tivessem encontrado e agora bailam e planam em seu peito.

Ana via-se flutuando, enlevada pelo momento musical que vive ao lado de João. João e seu dom de apaziguar toda e qualquer angústia. Agora Ana está leve como uma pluma e plaina ao sabor do som doce e poético que preenche o lugar.

Quando o ensaio encerra, eles deixam a casa de cultura, totalmente felizes pela delícia de tarde que passaram juntos. Encontram Roberto estacionado a poucos metros, aguardando-os enquanto lia o jornal do dia.

Conversam de novo, pois Roberto pergunta sobre tudo o que viram naquela tarde. João, que está aflito pelo julgamento de Roberto — após os flagrar de mãos dadas—, respira quando vê que ele não pretende, em momento algum, comentar sobre o ocorrido. O pai de Ana está esperançoso por ver tão claramente que a filha está cada vez mais confiante e sorridente e isso graças ao João. Ele é um grande garoto.

Como no trajeto de ida, Roberto estaciona no caminho, depois da escola de Ana, para que eles passem sozinhos por mais alguns instantes. Tudo isso por recomendação de Carol. Depois de deixar os dois na calçada, o motorista dirige para casa, torcendo para que a ideia de sua esposa seja positiva para sua filha e o menino.

Ana engata seus dois braços ao braço direito de João e encosta seu rosto no ombro dele, com um contentamento sem tamanho em seu coração. João ama aquele gesto. João ama Ana.

Com cuidado, ele leva sua mão livre até o rosto delicado de Ana. Não se sabe como, mas eles caminham bem assim. Totalmente enrolados um no outro e não se importando a mínima para qualquer coisa ao redor. O mundo é inteiro deles e do que sentem por tudo e um pelo outro.

A magia está prestes a acabar, pois subindo a lomba, o lar estará os aguardando. Para desfrutar mais um pouco da presença de Ana, João diminui o passo, quase parando. Quando param de andar, ele se vira, ficando frente a frente com ela, sua musa musicista. Com uma delicadeza muito sua, João coloca os fios soltos dos cabelos negros de Ana atrás das orelhas, olhando com muito amor para aquela face tão magicamente inebriante.

Ana o olha o tempo todo e absorve cada toque dos dedos macios de João em seu rosto, querendo gravá-los na memória da sua pele para sempre.

João posiciona as mãos nas bochechas de Ana e desliza os polegares pelo contorno do nariz e depois próximo aos olhos. Lentamente e gentilmente.

Ana leva suas mãos de encontro às de João e as mantém ali, sem desviar seu olhar uma vez sequer.

— Ana, eu gosto muito de você — confessa, olho no olho.

— O que existe entre nós? Você sabe?

— Existe todo o céu estrelado e todas as flores da primavera.

— E que nome se dá pra isso?

— O nome que se quiser.

— Verdade? Verdade mesmo?

— O nome é convenção humana, o que importa é o sentimento em si. Você gostaria de dar um nome ao que sente?

— E o que eu sinto? É diferente de tudo — comenta baixo, só João pode ouvir e vice versa.

— E é bom?

— Muito bom!

— E quando você sente?

— Quando você aparece pra mim.

— Se é bom quando estou com você, então você não precisa se preocupar.

— Outras pessoas sentem o mesmo?

— O mesmo que eu sinto por você, não.

— O que você sente por mim?

— O que eu sinto é grande demais, como o universo, e pequeno o suficiente para caber no meu coração.

— Nossa! Parece exatamente como eu sinto.

— Ah, Ana! — João suspira, explodindo de amor.

— Podemos nos ver amanhã?

— Podemos.

— Juntos no domingo?

— Juntos no domingo.

— Você vai me contar como está o céu?

— Sem dúvida.

— Todos os dias?

— Enquanto eu respirar.

João encosta sua testa na de Ana e os narizes se tocam, num beijo de esquimó. Ele puxa o ar doce que os circunda, inalando o perfume floral de Ana e sela seus lábios em ambas as maçãs do rosto dela, para depois enlaçá-la num abraço que cabe galáxias e campos afáveis a se perder de vista.

Capítulo 21



O domingo amanhece especial.

Parece que o mundo todo sabe que João está apaixonado e que Ana está sentindo o mesmo por ele. Porque o sol está ainda mais radiante e o céu totalmente sem nuvens, dá a impressão que os passarinhos se reúnem em um coral harmônico ao redor da janela do garoto. As flores brotando por todo o espaço do jardim e no gramado, sem nem serem semeadas. Que magia é aquela?

João resolve descer para tomar café da manhã, não sem antes passar no quarto da sua mãe para ver como ela está.

— Posso entrar? — questiona, educado.

— Entre, querido. Eu já estou acordada. — Sílvia está com uma boa aparência, sentada em sua *King Size* assistindo um pouco de televisão com uma bandeja de café posicionada ao seu lado.

— E também já tomou o café da manhã!

— Já, sim.

— Bom, mãe, eu queria conversar um pouco com a senhora, aproveitar já que estou aqui e a senhora com o desjejum feito.

— Diga querido! — João se aproxima e senta ao lado da mãe na cama fofa.

— Eu fiquei muito preocupado com o que aconteceu naquele almoço.

— Foi horrível mesmo, filho, desculpe. Se tem alguém nessa casa que não merece presenciar essas cenas medíocres, é você! — Toca no rosto sereno do filho, penalizada.

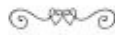
— Isso é o de menos, mãe. Eu queria que vocês dois se entendessem. Seja para que fiquem juntos ou que se divorciem, porque ninguém merece viver sofrendo assim.

— Você tem toda a razão, querido. Seu pai e eu conversamos sexta à noite.

— Verdade? — João nem acredita.

— Verdade. — Sílvia suspira por perceber o quão falida sua vida é a ponto de seu filho não acreditar que os pais podem ter tido uma simples conversa.

— E como foi?



A casa inteira vivia o silêncio naquele começo de madrugada, exceto pelos passos nervosos de Paulo Cesar pelo assoalho de seu quarto. Ele já havia bebido dois ou três copos de uísque sem gelo e bagunçado os cabelos que ainda se mantinham fiéis em sua cabeça enquanto pensava em centenas de meios de iniciar uma conversa com a esposa. Se é que ele poderia chamá-la assim. Paulo não fazia muita ideia do que era um casamento, achava que bastavam estar morando juntos e pronto, mas parece que não era bem assim.

Ele recordou do tempo em que morava com sua família e lembrou-se de quando o seu pai chegava do trabalho e era recepcionado amorosamente pela sua mãe. De que ela adorava ver a família reunida no jantar e preparava tudo com carinho durante a tarde, para que a noite houvesse mesa farta. De que eles assistiam televisão juntos, já que seu pai era fã de novelas. Que eles conversavam sobre as coisas da casa, sobre as compras mensais, sobre as próximas férias. Eles brigavam também, mas não durava muito,

porque logo tratavam de aparar as arestas. Era uma família grande, Paulo Cesar era um dos seis filhos e, apesar dos problemas que surgiam aqui e ali pelas discussões entre os irmãos, os pais nunca deixavam que eles dormissem brabos uns com os outros. E Paulo lembrou que era o mais brigão dos seis e que depois de mais velho, passou a não se importar com a existência dos outros cinco, nem com o pai e a mãe.

O que o fez perceber que talvez o maior problema sempre tenha sido ele.

Encantou-se por Sílvia assim que a viu na festa de inauguração de um imenso shopping. Não tinha como não notá-la: aquele corpo esbelto em um lindo vestido que lhe marcava as curvas. Parecia uma atriz de cinema americano. Tentou uma aproximação, mas a moça nem percebeu sua presença, cercada e maravilhada pelo luxo do local. Sílvia era atraída pelo ouro, assim como as abelhas pelo mel.

Não demorou muito para resolver arrumar um jeito de encontrá-la mais vezes, descobrindo as preferências e os passeios rotineiros. Quando conseguiu ter a atenção dela, teve que inventar um estilo que agradava à jovem. Mudou seus modos e vestiu-se com elegância. Mentiou em tudo sobre si próprio.

O relacionamento começou baseado numa enorme mentira que, quando descoberta, gerou um transtorno tão grande que Paulo sentiu que havia perdido o coração.

Sílvia foi vil, cruel e venenosa, destilando suas verdades e caprichos por sobre ele e para todos os lados, como uma metralhadora.

Sílvia perdoou apenas quando o viu tornar-se o homem que ele havia inventado. Mas a base do casamento não era mais a mesma. Ela, muito mais frágil do que aparentava; ele, muito mais covarde do que gostaria. Os filhos chegando e crescendo e ele se afastando para não encarar os problemas, pois as meninas eram malcriadas e as escolas mandavam centenas de bilhetes. E o menino cada vez mais gordo, comendo escondido pelos cantos. Paulo não queria enfrentar nada disso. A mãe foi feita para essas tarefas, Sílvia teria que dar um jeito.

E o que virou aquilo tudo? Sílvia escondeu-se tanto que mal se viam e ele passou a fugir de todas as responsabilidades, tornando-se um homem das cavernas e turista no próprio lar.

O que foi aquele almoço em família? Uma gritaria desvairada numa briga de egos feridos e muito ressentimento guardado.

Mas aquilo precisava de um basta. Ou ia pra frente ou teria um fim.

Resoluto, ele saiu de seu quarto, nem se importando ao ver que o relógio indicava quase uma hora da madrugada. Percorreu os cômodos imensos e impecavelmente arrumados, tentando não ser barulhento para não despertar ninguém, principalmente a sogra de sono leve e que ficaria com os ouvidos atentos. Ele não queria intrusos, ele só queria tentar ver Sílvia de novo. Por isso pisou o mais macio que pôde, com suas botas grossas, no piso polido.

Os degraus pareciam ter se multiplicado àquela hora e ele resolveu passar de dois em dois. Quando chegou em frente ao quarto da esposa, ele gelou. Parou e respirou. Certamente, ela estava dormindo e nem ouviria qualquer batida na porta, mas ele precisava tentar, precisava sanar aquela situação de uma vez por todas.

Sílvia estava deitada no escuro, a insônia era companheira e uma dor de cabeça se alastrava sem obstáculos a impedindo de levantar e procurar pelas pílulas que a faziam mergulhar no breu sintético do ilusório. Ouviu a primeira batida na porta e ignorou, pensando ser sons da rua. Outra batida um pouco mais alta e ela retirou o travesseiro de cima da cabeça para ter certeza de que era ali em seu quarto. A terceira batida veio com um chamado rouco e baixo. Era seu nome e a voz era de seu marido. O que ele queria àquela hora? Ou será que já havia amanhecido? Só poderia ter acontecido uma tragédia! E agora? Ela saberia lidar com uma tragédia? Se fosse fogo na casa, ela precisaria se mexer!

Ergueu-se, desajeitada, e calçou o par de pantufas enquanto perguntou:

— Paulo Cesar, é você? O que aconteceu? — Penteou rapidamente os fios revoltos com os dedos e ajeitou o laço que prendia seu robe de cetim.

— Po-posso é, posso falar uma coisa com você? — disse um pouco engasgado.

— Alguém morreu?! — perguntou com a mão na maçaneta prestes a abrir. Ela temia que ele trouxesse uma má notícia pelo jeito como falou.

— Alguém não, mas certamente algo está morrendo. — Sílvia abriu a porta e Paulo Cesar arregalou os olhos pelo susto. Era a sua esposa ali, mas parecia uma completa desconhecida pelo tempo que quase nem se falavam. Ele nem sabia como começar.

— Diga! — Incentivou Sílvia, ansiosa.

— Sílvia, eu quero resolver nosso casamento. Tá insustentável e eu só percebi isso depois daquela briga no almoço. Parece que somos dois estranhos em casa.

— O quê? Como assim?

— Eu posso entrar ou quem sabe irmos até a sala pra sentar? — Sílvia não soube responder aquela questão. Não sabia o que estava acontecendo ao certo.

— Entrar?

— Não vou demorar, não se preocupe.

— Então acho que tudo bem — respondeu confusa.

Sílvia acendeu o abajur e Paulo suspirou nervoso. Não sabia ao certo o que iria dizer, nem como dizer. Permaneceram em pé, Sílvia cruzou os braços sobre o peito.

— Sílvia eu sei que começamos errado, muito errado esse casamento há, o quê? Vinte e cinco anos? Que tudo o que temos foi construído por cima desse erro. Meu erro — bate no peito. — Mas eu não quero viver assim. Eu quero tentar mudar isso, mudar essa convivência familiar, mudar tudo que der para ser mudado. Se você quiser, é claro!

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você quer tentar consertar esses erros?

— Porque eu ainda sinto o mesmo por você. O mesmo que senti quando te vi pela primeira vez. Temos três filhos! Acho que ainda dá tempo de eu aprender a ser pai deles.

— E eu a ser mãe — refletiu Sílvia.

— Nós podemos? Você acha?

— Eu não sei, Paulo Cesar, eu não tenho mais cabeça, eu tô tão vazia... — A voz embargou e os olhos encheram de lágrimas.

— E o que eu posso fazer Sílvia? Eu causei isso também, eu quero ajudar!

— Eu preciso pensar. Eu agradeço por você ter vindo aqui, eu não sei bem o que dizer. Mas se eu tiver um tempo pra pensar eu...

— Pense o quanto quiser. Eu vou esperar sua resposta. Já estou feliz por termos tido essa conversa agora.

— Tudo bem.

— Vá descansar agora. Eu vou dormir também.

— Boa noite.

— Boa noite.



Sílvia pensa na melhor forma de dizer como havia sido aquele diálogo tão raro.

— Foi bom — se contém em dizer. — Não quero mais ver você preocupado comigo assim. Quero que viva um pouco. Aliás, eu estou gostando muito dessa sua carinha sorridente e desses olhos brilhantes. — João sorri ainda mais. — Você está um homem feito, filho! E tão lindo! Quando vai me apresentar uma namorada? Porque essa pretendente vai ter que ser a mais bela princesa desse mundo, pra merecer meu pequeno príncipe.

— Eu já conheço a princesa, só preciso ser o escolhido dela.

— Ah, quero saber quem é! É a filha da Marta Scherer?

— Não.

— Bom, então deve ser a menina daquele empresário, o Hoffman!

— Também não.

— Estou por fora!

— A senhora já conhece ela, mas não se lembra muito, se viram pouco.

— Mas se está esnobando meu menino, não te merece.

— Não se preocupa, mãe.

— Está bem, querido. Vai sair hoje?

— Sim, combinei de conhecer um museu hoje, com a *Ana* — menciona, enfatizando o nome da vizinha.

— Parece muito interessante! Ana é filha de quem? Dos Müller? — arrisca mais um palpite, curiosa, longe de se recordar da simples filha da vizinha.

— Ana é só a Ana. Estou indo, mãe. Vou tomar café.

Despede-se beijando o rosto da mãe e desce para a cozinha para preparar torradas e leite quente. Tudo parece estar se ajeitando. Parece que, finalmente, o clima vai amenizar dentro de sua casa e a promessa de um passeio com Ana em pleno domingo faz com que ele assobie músicas românticas que a avó ouve sempre que tricota. E ao pensar na avó, ela aparece com uma expressão um tanto diferente.

— Bom dia, vó! Quer torradas? O que foi?

— Filho, ontem eu fui ao seu quarto pegar o seu *pen drive*. Achei ele e também achei um outro que estava caindo do bolso da sua mochila.

— Outro? — João tenta lembrar de outro e ergue a sobrancelhas na mesma hora.

— Fui ouvir hoje mais cedo no notebook, como você me ensinou, e apareceu fotos de uma moça pelada com seu nome escrito com chantilly!

João leva a mão à boca na mesma hora. Sim, aquele era o presente que a sua colega tinha dado de aniversário.

Capítulo 22



— Pelo amor de Deus, vó!

— Achei a moça muito bonita, mas bem ousada. Quem é? Não conheço essa menina.

— É da minha escola, minha colega, mas eu juro que não sei de nada disso! Eu nem me lembrava da existência desse *pen drive*!

— Eu acredito em você, filho, mas diga pra ela ter cuidado. É perigoso se essas coisas caem na internet. Eu vi no jornal, uma tristeza!

— A senhora tá certa, mas eu não sei se vou falar com ela. Vou morrer de vergonha.

— Bom, então eu não sei. Se você não quer as fotos, devolva.

— Vou excluir tudo e deixar assim. Se ela perguntar, eu respondo.

— Você que sabe, filho.

— Vai dar tudo certo, vó. E desculpe por isso.

— Foi nada demais. Eu até dei umas risadas porque fui mexer onde não sabia e arrumei uma menina pelada com chantilly! — Clara ri e João não aguenta e ri junto.

— Só a senhora mesmo, vó!

— E a Ana? Como está?

— Bem! Vamos ao museu hoje, vai ter uma exposição de quadros e uma oficina com pinturas.

— Parece legal!

— É sim!

— Vocês estão se acertando?

— Estamos lentamente começando alguma coisa que não sabemos bem, mas que é bom pra nós dois.

— Parece promissor. Espero que não seja muito lento, quero estar viva pra poder usar um vestido chique no dia do casamento de vocês!

— A senhora é eterna vó, eu garanto! — Clara apenas balança a cabeça, sorrindo.

— Eu vejo vocês e me lembro da minha época, quando os romances eram lentos e bem aproveitados. É uma fase maravilhosa e você é tão parecido com seu avô... O mesmo coração generoso, o mesmo brilho nos olhos e até fisicamente, o mesmo porte bonito.

— Bondade sua vó. O vovô era um galã — comenta João, olhando para a foto em sépia do retratos que repousa por sobre a estante da sala de televisão.

— Isso ele era mesmo — diz suspirante.

— E você continua tão bela quanto era. Uma dama! — Beija a mão da avó como se fosse um súdito perante a realeza.

— Ah, isso eu sei! — Ri de si mesma. — Ah, meus tempos de menina... Mas vamos deixar esse papo de antiquário pra lá! Vá tomar seu café e se divertir. O dia está lindo hoje e sobre o céu: está azul algodão doce.

— Obrigado, vó!

João prepara seu café da manhã e tem uma ideia para fazer algo diferente para Ana. Ele já havia

dado para ela muitas flores, agora poderia presentear-las com alguma coisa de comer. Pensa em um bolinho de baunilha com cobertura de chocolate. Contente, procura pelas revistas de culinária da avó, com a ajuda da própria, e vai para a beirada do balcão separar os ingredientes e bater o bolo.

Totalmente sem prática e desajeitado, demora um bom tempo para aprender a quebrar os ovos sem esparramar ou sem misturar pedaços da casca. Depois que pega o jeito, vai ao armário pegar uma forma bonita.

Escolhe forminhas de *cupcake* e põe os bolinhos no forno, com metade da roupa coberta de farinha.

A avó informa que agora é só aguardar uma meia hora. Enquanto isso, ele pode preparar a cobertura de chocolate. Optam por um mousse e João vê que escolheu a mais complicada, mas Ana merece.

Ouvindo as risadas da cozinha, os moradores da imensa casa, cada qual por sua vez, espiam do topo da escada a fonte daquela euforia.

Sílvia fica imensamente feliz por ver seu menino feliz. E quando o vê se divertindo com a avó, sente um pingo de arrependimento por não poder proporcionar a ele esses momentos e por ser tão fria com a mãe.

Paula revira os olhos, bufando e praguejando pelo barulho insuportável aquela hora da manhã daqueles dois que parecem dementes.

Bianca ri, achando divertido. Quis participar também, mas sentiu que não cabia naquele clima, que ela não pertencia mais, que eles não a aceitariam.

Paulo Cesar pensa que seu menino está passando tempo demais com a velha e que ela o está transformando numa mariquinha. Ele terá que ter mais tempo com os filhos e começaria pelo garoto, levando para pescar, assistir jogos e essas atividades pai e filho.

Quando os *cupcakes* ficam prontos e frios, João os decora com a cobertura firme e enfeitada com confetes de estrelinhas e corações. A avó traz uma caixinha azul de acetato com uma fita e laço, e ali João guarda seus bolinhos especiais.

— Ela vai adorar, meu filho.

— Acho que vai sim. Vou tomar um banho, vamos ainda de manhã no museu.

— Capricha na colônia!

— Vou caprichar! — Ri.

De banho tomado e com uma caixinha de *cupcakes* em mãos, João bate à porta da família Salles e aguarda, um pouco nervoso. *Talvez tenha colocado perfume demais*, ele pensa, fungando no colarinho da sua polo.

Para a surpresa do garoto, quem abre a porta é Ana e ela sorri imensamente. João derrete por completo, muito mais do que o chocolate dos bolinhos.

Ah, coração derretido!

— Bom dia, Ana!

— Bom dia.

— É muito bom te ver abrindo a porta.

— Eu gostei também de fazer isso. — Ana inspira, aproximando o nariz de João. — Perfume e bolo de baunilha! — diz com os olhos brilhantes.

— Exatamente! São pra você! Espero que goste. — Ele entrega a caixa enfeitada. Ana pega e sorri mais ainda com a surpresa boa.

— São lindos. Eu amo bolo!

— Que bom! — Respira, aliviado. — Eu que fiz.

— Eu adorei. Vem, entra! Já estamos de saída. Minha mãe chamou um *Uber* para levar a gente.

— Ah, é?

— Sim, vamos só nós dois.

João sorri pela notícia maravilhosa. Ele e Ana. Juntos no domingo!

Entram na residência de Ana e sentam-se lado a lado no sofá. Carol cumprimenta o visitante e diz que Roberto, Davi e ela têm outros planos para aquela tarde. João deseja bom passeio, Carol deseja o mesmo e avisa que o *Uber* chegou.

— Filha, qualquer coisa é só ligar. Você sabe, não é? Se ficar nervosa, você respira fundo! — Arruma instintivamente os cabelos da menina, ajeitando possíveis fios desalinhados.

— Eu sei.

— Tudo bem! João, cuida da minha garotinha, hein?

— Sim, senhora, pode deixar.

— Mãe, João me deu! — Mostra os *cupcakes*.

— Ah, que lindos! Quer que eu guarde?

— Quero, mas um eu já vou comer! — Carol entrega um deles e Ana dá a mordida, lambuzando-se e rindo. Carol busca lenços, dá para Ana, que limpa os vestígios da cobertura dos cantos da boca.

— Agora vão que o moço está esperando. Divirtam-se!

Os jovens saem apressados até o carro que os aguarda e entram no banco de trás, sorrindo pela ansiedade que aquele dia gera.

Ana retira o seu bloquinho da bolsa:

— Sobre a aula de música.

— Sim.

— Como se sentiu? — pergunta e arruma a caneta para escrever.

— Eu me senti nas nuvens, flutuando, foi lindo! Mas não foi a música que me fez sentir assim...

— Ah. E o que foi então? Temos que anotar!

— Foi você.

— Eu?

— Eu só tive olhos pra você ontem. Não tive como evitar!

— Bom, talvez eu não deva mais ir junto!

— Não! Você tem que vir sempre junto! É muito bom te ter por perto.

— Mas eu não quero atrapalhar nossas pesquisas.

— Você nunca atrapalha. Você faz tudo ficar ainda melhor!

— Você está sendo romântico comigo?

— Bem, eu acho que estou. Talvez eu não seja bom nisso...

— É que eu não entendo bem dessas coisas. Mas eu gosto!

— Ufa! — Expira, aliviado. Ele está mesmo sendo romântico, já é inevitável não ser. — Mas quanto à aula de música, eu descobri que não levo jeito para instrumentos, apesar de amar ouvir as músicas clássicas.

— Uma nota?

— Cinco? Metade?

— Acho que cinco resume bem. Hoje vamos ver o lado da pintura.

— Você pinta?

— Não, apesar de gostar de desenhar algumas coisas.

O trajeto encerra e Ana paga o motorista, com João prometendo pagar a corrida da volta.

Eles entram no museu juntos, mãos dadas, para alegria de João que aguardava por aquele momento ansiosamente a cada vez que via sua estrela. Ana sente-se muito bem de mãos dadas com João. Para ela, está se tornando confortável e rotineiro. No museu, eles observam as esculturas, quadros, texturas e cores. Em seguida, vão para a sala da oficina, onde eles podem criar suas pinturas livremente. Cada um vai para um quadro e começa a fazer seus traços com a aquarela. João sabe que não leva jeito para isso, mas por Ana ele faria qualquer coisa. E é pensando nela que ele traça os contornos de uma paisagem com um pôr do sol e uma silhueta feminina no horizonte admirando o espetáculo. Ele não sabe dizer se ficou realmente bom, mas fez o melhor que pôde.

Ana apenas deixa o pincel correr pela tela, sem destino certo, imaginando o céu do anoitecer que ela tanto adora. Quando termina, ela dá dois passos e chega ao lado de João para ver a pintura do garoto, deparando-se com uma paisagem de cores muito exóticas onde ela é a protagonista. Ela é praticamente o Sol. Ela gosta e sorri para ele, que retribui.

— Eu fiz pra você.

— Eu gostei muito. — Ela o beija no rosto como forma de agradecimento. Ah coração!

O horário e a fome do meio dia os convidam a retirarem-se. Eles lancham sanduíches na lanchonete da avenida.

Depois, visitam o planetário, conhecendo e maravilhando-se com os planetas e estrelas. Se fosse em outros tempos, João passaria horas apenas admirando os astros, mas com Ana ao seu lado, ele só olha para ela. A visitação encerra e eles resolvem passear pelas redondezas, explorando as paisagens reais e não mais as do quadro de João.

Ana respira fundo aquele ar fresco do campo bonito que os cerca. Decide que aquela é a hora. Para à frente de João, estendendo sua outra mão para que ele junte com a dele. Olham-se por um tempo indeterminado, buscando decifrar respostas nos olhos um do outro. Por fim, Ana quebra o silêncio:

— João, você quer ser meu namorado? — O garoto mal acredita no que ouve. Parece um sonho! Ana teme ser rejeitada, mas precisava perguntar.

— É o que eu mais quero, Ana! Você quer ser minha namorada? Quer mesmo?

— Quero. Eu conversei com a minha mãe e ela me explicou como funciona essa parte da vida. E se eu tiver que escolher alguém para ser meu namorado, noivo, marido e tudo o mais, eu escolho você! Meus pais também te escolhem. Daí me disseram que você também precisa me escolher. Você me escolhe? — Seus olhos aflitos presos ao de João.

João sente seu peito inflar de tanto amor. Seus olhos se enchem d'água e ele permite que duas lágrimas serenas desçam, pois é o amor transbordando. Com todo o carinho do mundo, ele aninha o rosto perfeito de Ana em suas mãos, secando as lágrimas que ela também deixa que escapem, naquela enxurrada de sentimentos que a invade. João quer tranquilizá-la e beija calmamente os olhos de Ana, que se fecham sob o toque dos seus lábios.

— Meu coração te escolheu faz muito tempo, Ana. Eu te amo! — confessa, sussurrando, com seu rosto muito próximo do dela.

— É amor o nome do que sentimos? — Ana pergunta, também sussurrando.

— É o maior amor do universo!

— Eu amo você, João, e agora somos namorados, como meus pais foram um dia! — João sorri e chora emocionado.

— Somos sim e eu estou muito feliz! É o dia mais feliz da minha vida!

— Você pode me dar um beijo de namorado agora?

— Sim, eu posso sim.

A garota experimenta o gosto do primeiro beijo. Ela pensou que seria estranho provar dos lábios de outra pessoa, mas ela quis muito, muito mesmo ter aquele sabor: o sabor de João, o sabor do amor. E descobre que quer provar mais vezes, muitas mais. É o melhor sabor do mundo! E ela quer gravar para sempre na sua memória palatina. E entende porque seus pais beijavam-se tanto e passa a dar razão a eles. Bem que eles fazem!

O beijo dos namorados é maravilhoso! Uma mistura de fogos de artifício com doce de caramelo que explode em tantas cores adocicadas que é impossível se conter. O amor é tão delicioso. Ana ama doces e João torna-se, ali, o seu preferido.

João está nas nuvens.

Quanto tempo ele esperou e imaginou aquele momento? Aquele sublime momento, quando, de olhos fechados, segurando um tremor incontrollável, ele pode selar seus lábios aos de Ana, sentindo explosões por todo o corpo e uma sensação de paz inigualável. E agora é real!

Ah, coração alado!

Ganhou asas e voou. Livre, leve e de Ana, totalmente de Ana.

Capítulo 23



Eles eram namorados! Namorados! *Que palavra mais linda!* Pensa João, com um sorriso de orelha a orelha.

Não há mais receios, não há mais insegurança. Ana sabe que ele a ama, João não precisa mais esconder seus ímpetos românticos. Que coisa maravilhosa é se sentir livre para amar.

E eles aproveitam aquele curto tempo que ainda têm para conversar sobre o novo nível do relacionamento deles.

Ana conta como se sente com relação a ele e expressa suas dúvidas e angústias por não entender muitos detalhes de um namoro. João garante que as coisas seguiriam as mesmas entre eles, só que agora eles podem se abraçar mais, andar de mãos dadas e se beijar nos lábios. Ana gosta dessa parte! *Beijar é muito bom*, ela pensa, recordando do gosto de caramelo explosivo.

João a acalma, dizendo que eles só fariam essas coisas se ela quisesse, que ela precisa estar à vontade para demonstrar o sentimento. Ela diz que quer muito demonstrar sempre, mas que terão vezes em que ela não conseguirá. Ele diz que tudo bem, que o amor é compreensivo.

Eles se acomodam no topo da pequena colina gramada em que estavam passeando no momento das revelações. À frente, a lagoa do recanto do jardim repousa serena, sendo embalada em ondas ao sabor da brisa do fim de tarde.

João senta e Ana o segue, sentando-se ao lado do garoto, que estende seu braço por sobre os ombros dela, que por sua vez deita sua cabeça entre o braço e o peito dele, confortavelmente. João inspira profundamente com o nariz, tocando o topo da cabeça de Ana, inalando o perfume dos cabelos negros dela e inebriando-se pelo aroma de flores do campo.

Ana repousa, suspirando, eliminando a tensão que a cercou até aquele momento. Normalmente, ela consegue administrar bem as tensões que passa, basta estar com o roteiro pronto e segui-lo, mas pedir João em namoro ia além de um simples roteiro básico. Por mais calma que transpassou estar, por mais feliz que esteve por ter um dia ao lado dele, a ansiedade a tomou quando chegou a hora do pedido. Agora, ela respira totalmente despreocupada e leve.

— A minha avó tinha razão quando disse que o amor não dói — João, pensativo e contemplativo, comenta.

— E deveria doer? — Ana pergunta interessada em aprender mais e mais sobre aquele novo sentimento.

— Não deveria, mas vejo muitas pessoas dizerem que sofrem por amor. O que eu posso concluir sobre isso é que essas pessoas não amam de verdade. Por que eu te amo, Ana, amo há bastante tempo. E mesmo quando eu não tinha a menor esperança de que você também pudesse me amar, eu nunca sofri, nunca senti uma única dor de amor.

— Porque você é um anjo. — João sorri e beija amorosamente os cabelos de Ana ao ouvir aquelas frase. — Minha mãe me disse uma vez que eu não deveria ter medo de nada porque eu tinha um anjo da guarda que cuidava de mim e ele morava dentro do meu coração. Eu, às vezes, passava um tempão com a mão sobre meu peito pra sentir meu coração bater e sentir meu anjo também. Era como se ele falasse comigo, dizendo que estava me protegendo. E desde que estamos juntos, próximos, desde que você

passou a cuidar de mim, eu sei que você é um anjoda guarda. Você é meu anjo, que sempre morou no coração.

— Você que é um anjo, Ana, o mais celeste dos anjos. O mais brilhante! — Beija a têmpora da namorada.

— Então, somos o anjo um do outro!

— Então somos!

— Vai ser sempre bom assim ficar com você? Dentro do seu abraço?

— Se depender de mim, será sempre assim e a cada vez melhor, porque tudo em mim ama você.

Ana recebe aquelas palavras como um afago que aquece e uma ternura que acalenta. Percebe que namorar é ainda mais agradável ao seu coração e sabe que fez a escolha certa ao dar aquele passo tão importante.

Vira-se de frente para João, ainda dentro do abraço, e olha minuciosamente para o rosto dele, decorando todos os detalhes. Ela já conhece as feições do garoto, mas dessa vez ela não olha mais para o vizinho, o amigo; ela olha para seu namorado. É como se fosse tudo novo e sua memória precisa daquelas imagens, agora redefinidas.

João olha fixamente para Ana, encantado como sempre com aquela beleza sutilmente mágica, magicamente sutil, perfeitamente linda. Ele nunca se cansará de admirá-la. Poder estar tão perto, respirando o mesmo ar, é tão bom! O mundo pode ser pequeno o bastante para que eles não precisem se afastar mais do que a distância do toque das mãos.

O garoto, movido pelo encanto, ergue vagarosamente o queixo de Ana, para que as faces fiquem quase que coladas, frente a frente. Os narizes se tocam, os olhos fecham, as bocas não falam, mas o silêncio diz tudo. A comunicação vem pelo ósculo delicado, onde completamente apaixonado, João profere seu amor.

Os minutos passam e a brisa morna dá lugar a uma mais fria pelo tardar do dia. Eles precisam retornar. João levanta e estende a mão para que Ana segure e também levante. Já em pé, o casal de recém-namorados percorre o caminho de volta, com as mãos entrelaçadas, por sobre a pequena colina verde que foi palco para as declarações amorosas e verdadeiras.

João ouve um som conhecido, mas pouco escutado, e sente um tremido no bolso do seu jeans: seu celular está tocando. Ele carrega o aparelho por costume, porque ninguém liga para ele, mas estão ligando e ele estranha muito! Retira o celular do bolso e olha para a tela, notando o nome que ele conhece e ficando ainda mais espantado. Pausa a caminhada e segue segurando a mão de Ana.

— Bianca? — atende, perguntando.

— João! Ainda bem! Onde você está?! — soa alarmada.

— Na colina do jardim, no centro. O que foi?! — A preocupação no tom da voz evidente.

— Vem logo pra casa! Preciso desligar!

— Bianca, pelo amor de Deus, o que foi?!

— Um monte de coisa, nem sei por onde começar. Você precisa vir logo pra casa, João, logo! Por favor... — A voz de Bianca falha no ultimo pedido e a ligação é encerrada.

— Ana, precisamos nos apressar. Aconteceu alguma coisa lá em casa.

— Grave?

— Eu não sei, mas acho que sim.

Ana assente, entendendo que alguma coisa preocupante está acontecendo e apressa seu passo junto com João.

Chamam o *Uber* que chega em poucos minutos, levando-os de volta para a casa. João não para de pensar sobre o que pode ter acontecido em sua casa. O que seria capaz de fazer Bianca ligar para ele? Ana sente que seu namorado está nervoso, mesmo ele tentando não transpassar para não deixá-la do mesmo modo. Mas ela quer que ele saiba que ela não é tão frágil, que ela pode receber informações, que ela pode ajudar. Reclina-se e estende sua mão para afagar os cabelos arrumados de João. Os carinhos sempre trazem paz, ela quer que ele se sinta melhor. João traz Ana para mais perto, abraçando-a. Ela é um anjo!

Quando chegam em frente às casas, João quer deixar Ana na dela primeiro, mas ela não aceita e segue junto com ele. Ela quer dar seu apoio. João concorda e eles entram, apressados. João não quer aceitar, mas estava com muito medo.

Bianca surge como uma tempestade, assustando o jovem casal.

— Graças a Deus! — reage, esbaforida, os recebendo.

— O que houve? — João pergunta temeroso.

— Tudo! O mundo resolveu cair hoje e não sabemos o que fazer! Eu não sei o que fazer!

— Fala logo, Bianca!! É a mãe?!

— A Paula fugiu de casa!

— Fugiu?! Como?!

— Fugiu! O quarto tá vazio. Ela deixou um bilhete na mesa da cozinha. A vó achou...

— Quero ver! — Bianca franze o cenho e sua expressão beira a tristeza absoluta. Tira o bilhete do bolso e entrega para o irmão mais novo. João lê:

A vida é uma merda.

Tudo aqui é uma merda.

Não vou mais viver assim.

Cansei desse esgoto todo.

Eu não sei mais fazer parte disso.

— Meu Deus!

— Parece ruim, não parece?

— Quando aconteceu?

— Não sei, acho que ela saiu pouco antes do almoço. A vó achou o bilhete faz uma hora.

— Cadê o resto do pessoal? Foram atrás dela?

— Não...

— Por que não?! — exaspera-se.

— Porque a vó passou mal, João. Ela leu o bilhete e desmaiou.

— Ah, não... — balbucia. Ana aperta a mão dele para passar forças.

— O pai chamou a ambulância. Estão no hospital, provavelmente. Ela está muito mal, João... entubaram... — A irmã se compadece e aproxima-se para pegar na outra mão do irmão, depois o abraça. João funga, segurando as lágrimas. Ele não precisa chorar, não tinha acontecido nada. Não é?

— A mãe foi junto? — Seca os olhos umedecidos.

— Não. Está lá em cima, desolada. Eu não sei o que fazer! Ela está chorando compulsivamente. Eu precisava te ligar, João, porque eu não sei ajudar ninguém, nem a mim mesma.

João resolve que precisa ver a mãe primeiro, antes de tudo. Ela está ali perto e está sofrendo muito.

Sobe, acompanhado de Ana, que permanece silenciosa, apenas fazendo suas preces mentais. Seus pais a ensinaram que orar é o melhor a se fazer nas dificuldades.

Eles entram no quarto, sem bater, e deparam-se com Sílvia afundada na cama, soluçando sem parar.

— Mãe, calma... — Ele se aproxima, Ana fica na porta, de longe, olhando para as paredes e o chão, tentando pensar em coisas alegres.

— Ah, filho... A que ponto chegamos? Por que eu erro tanto?

— Não se culpe assim! Não adianta!

— Minha filhinha se perdeu na vida. Ela pode estar morta agora! E a culpa será minha! — desabafa em prantos.

— Não, mãe! Não fala assim!

— Sua avó teve um enfarte...

— Ai, Deus... — João se controla para não desabar, não ali, não naquela hora.

— Eu não sei se ela vai aguentar... — chora mais. — E eu não tive tempo de pedir desculpas...

— Mãe! Calma. Respira. Nós não sabemos de nada ainda.

— Ah, filho... — Sílvia sabe que a mãe está por um fio, mas não quer desiludir seu menino.

— Vem, levanta e vamos atrás da Paula. Antes, eu vou ligar para o pai pra saber notícias e qual hospital eles foram.

— Eu não consigo! Não posso! — geme, abalada.

— Agora a gente não tem escolha! Vem, me dê a mão e vá ao banheiro lavar o rosto, vou esquentar um chá pra senhora se acalmar e nós vamos atrás da Paula! Deve ter algum lugar pra onde ela deve ter ido, um lugar que ela sempre vai, vamos descobrir, mas a senhora vai junto! — fala firmemente. Sílvia limpa os olhos e levanta, fazendo o que o filho diz. Ela precisava daquela firmeza para sair do lugar, assim como um bloco de concreto precisa de máquinas fortes.

João desce e Ana o acompanha. Ele a acarinha e pede desculpas por aquela situação. Ela não responde nada, mas o abraça apertado antes de dizer:

— Eu queria ir com vocês, mas meus pais não vão deixar, eu preciso voltar pra casa.

— Claro! Você precisa descansar. Eu vou ficar bem, só vou esperar minha mãe se acalmar e vamos achar a Paula. Depois iremos visitar a vovó. Vou ligar agora mesmo para o pai.

— Tá. Eu vou esperar notícias. E me liga, para qualquer coisa, pode me ligar.

— Não se preocupe Ana, eu não vou me esquecer de você. Vou me lembrar de você o tempo todo.

Ana assente e o beija rapidamente, um selinho típico dos casaizinhos apaixonados. Depois dá as costas, andando a passos rápidos para sua casa. João acena, mesmo sabendo que ela não o verá acenar e volta para suas preocupações.

Telefona para o pai, que atende na segunda tentativa. A voz de Paulo Cesar demonstra todo o cansaço e a apreensão.

— Como está a vovó?

— Na UTI. Não tenho mais informações. Ninguém me diz nada, só sei que o caso é grave. Acharam a Paula? Como está Sílvia? Estão vindo para cá? — João solta o ar por pelo menos saber que a avó está viva.

— A mãe está melhor, vamos agora atrás da Paula e depois iremos para aí. O senhor está bem?

— Preocupado, mas não importa. Faça o que puder aí. Seja o homem da casa. Tchau!

A família Alencar sempre foi uma granada prestes a explodir. Todos altamente explosivos, no limite do racional, andando na corda bamba dos problemas. João sempre esteve ali para apagar o fogo, para segurar o gatilho, manter a trava presa, aumentar a largura da corda ou reforçá-la para não bambejar. No seu único período de folga, bum! Explodiu! Estourou! Rompeu! Caiu!

Capítulo 24



Bianca revira as gavetas de Paula, atrás de contatos de amigos ou coisa parecida. Elas saíam todos os dias, mas cada uma ia para um lado.

Bianca é da rave, da natureza, da liberdade, do sol nascente, da fumaça, do psicodélico, da astrologia, da magia e do místico. Paula é da balada, da noite, do rap das calçadas, dos becos e beiradas, da expressão da sua verdade nos muros e paredes, do cigarro, da balinha, da água ardente, do submundo dos renegados.

Na procura por pistas, a irmã mais velha encontra um caderno de letras de Paula, que gostava de compor para encaixar em batidas e postar no *YouTube*, onde tem um canal já com algum público fiel. As letras falam de amor e ódio e da busca desenfreada por status e poder. Bianca encontra rabiscos onde Paula anota possíveis nomes para o canal, encontrando um nome que parece ser o escolhido: Demente para Mente.

Bianca não perde tempo e trata de acessar a internet, procurando pelo possível blog da irmã, encontrando o canal razoavelmente popular.

Ela clica em alguns vídeos, ouvindo as letras que leu há minutos atrás. Paula sempre escondida atrás dos cabelos pretos ou de enormes bonés de aba larga. Os olhos, quando aparecem, estão sempre avermelhados e fundos nas órbitas, as olheiras profundas marcando a pele branca. Bianca descobre até o piercing da língua que a irmã usa e ela não sabia.

Indo no último vídeo, ela encontra o que estava procurando: um desabafo! *Aqui pode ter alguma pista boa!* Pensa. Clica no play e o vídeo começa.

Paula relata estar passando por um momento de crise, que sua mente não está mais inspirada e criativa, que suas letras estão ruins, fracas, sem vida. Que a família é uma merda e que eles não fazem ideia da vida dela e das escolhas dela. Que ela não irá para Paris estudar culinária nem o diabo que seus pais estão inventando. Ela está se preparando para uma mudança drástica de tudo e conta com a compreensão da galera. Pede desculpas por ter demorado tanto a tomar essa decisão importante de sair da beirada da saia da mãe doente, da avó maluca, do pai ditador, dos irmãos idiotas. A hora chegou e tudo mudaria para melhor.

Nos comentários do vídeo, o pessoal dá forças, alguns lamentam pela futura ausência de vídeos e outros questionam o que ela vai fazer. Paula ignora todos os comentários, não há respostas. Exceto em um lá em baixo, de um cara cujo nome é impossível de se pronunciar devido ao excesso de consoantes. Ele comenta que tá de boa e que vai esperar por ela. Ela responde que aquela parceria é para a vida.

Esse cara deve saber da Paula, e Bianca clica, procurando por ele nas redes sociais, sem se demorar a achar, inclusive descobrindo a loja onde ele vende artigos de skate.

Resoluta e com as informações nas mãos, ela desce, avisando à mãe e ao irmão que ela tinha encontrado algo sobre o possível paradeiro da irmã.

— Ótimo! Vamos até a loja e depois ao hospital. A mãe já bebeu chá de melissa e está pronta. Vamos lá!

— Tudo bem, estou pronta.

No carro, Sílvia tenta ajustar seus espelhos e o cinto, ainda abalada pelos acontecimentos recentes.

João ajuda com o que consegue e o carro sai da garagem, indo até o destino que Bianca ajusta no GPS.

— Vocês sabiam que ela canta rap? — Bianca questiona no banco do carona, olhando para João no banco de trás.

— Rap? — Sílvia indaga, não gostando da palavra.

— Não fazia nem ideia. Paula bloqueou todas as entradas ao mundo dela, estava muito inacessível de uns anos pra cá.

— Pois é! A menina tem até um canal famosinho no *YouTube*. Eu assisti alguns vídeos dela. Ela manda bem, mas o último, o do desabafo, ela estava muito apavorante e cheia de raiva.

— Ela é apavorante. Eu morro de medo — João menciona.

— Eu tenho medo dela e sou a mãe. Não sei onde errei na educação de vocês, eu juro que fiz tudo o que sabia...

— Mãe, não pensa nisso agora, não adianta mais. Vamos achar a Paula e resolver esse problema — João diz calmo.

— Você fala com ela? — Sílvia pergunta para ele.

— Falo.

— Eu falo também.

— Ótimo! Bons meninos!

A voz do GPS segue dando instruções na sua forma monótona e os passageiros pensam no passo seguinte: o confronto com a rebeldia de Paula.

— Chegamos! Vem, João. — Bianca desprende o cinto e o irmão a acompanha. A loja é pequena, a fachada inteiramente pichada, a calçada esburacada, as paredes têm buracos também. O local não parece pacífico.

— Mãe, a senhora fica aqui e reza muito. Mantenha o carro ligado, não sabemos dos perigos.

— Não demorem, pelo amor de Deus! — Sílvia está muito aflita com aquela situação, olhando para todos os lados o tempo todo.

Os irmãos entram na loja e, ao fundo, localizam o cara que apareceu nos comentários do vídeo de Paula. Ele nota os possíveis clientes e sai de trás do balcão.

— E aí? Procurando alguma coisa específica?

— Na verdade, sim, mas não é bem uma coisa — Bianca responde.

— Manda aí, qual é?

— Procuramos pela nossa irmã, Paula.

— Eita! — Faz uma careta e coça o queixo.

— É cliente Dyow? — Paula surge por uma porta lateral no fundo da loja.

— Shhhhhhiu. — Dyow tenta espantá-la, mas é tarde demais.

— Paula! Graças a Deus! — João exclama, aliviado.

— Que diabo vocês dois estão fazendo aqui?! — grita, aproximando-se.

— Viemos atrás de você, te buscar!

— Tão malucos? Como me acharam? Quem denunciou?

— Ninguém denunciou. Achei seu canal no *YouTube*.

— Merda!

— Paula... — João tenta.

— Cala a boca e vaza daqui. Eu não vou embora. Eu não vou voltar, tá legal? Caiam fora! Agora!

— A vó leu seu bilhete. — João continua, tentando falar com a irmã.

— Não ouviu o que eu disse moleque idiota?!

— Paula, a vó tá no hospital, na UTI... Passou mal pelo bilhete. — A irmã do meio leva a mão à boca e depois a testa, em choque.

— Mas que inferno! Não era pra ter acontecido isso! Não era!

— Sabemos, mas aconteceu. A mãe tá no carro, o pai com ela no hospital. Estamos indo para lá agora.

— Eu vou junto. Tá bem errado, mas eu vou junto. Sei que você não inventaria uma coisa dessas — refere-se a João.

— Nunca.

— Dyow, cuida das coisas aí que eu preciso dar um rolê e já volto.

— Firmeza, gata.

Sílvia está apavorada com o movimento de gente estranha naquela rua. Os caras passam olhando muito para o enorme carro estacionado. Alguns até pararam de andar para ver mais de perto. Sílvia quase arranca e saiu fugida, mas está aguardando seus filhos, não pode deixá-los sozinhos ali. Se sente aliviada quando nota que eles estão retornando, inclusive a menina do meio.

Como foi que ela deixou que suas meninas tão lindas se tornassem daquele jeito? Provavelmente elas estão metidas com drogas. Andam com pessoas mal encaradas. Circulam por áreas de criminalidade como se fosse um parque florido.

Como aquilo aconteceu? Por quanto tempo ela dormiu?

— Achamos a moça — Bianca diz, quando entra no carro.

— Graças a Deus está tudo bem com você — Sílvia fala, olhando para Paula no banco de trás.

— Ah tá! Certo, vou fazer de conta que a senhora se importa!

— Mas eu me importo!

— Mãe, deixa... — João tenta contemporizar.

— Guarde seu cinismo para suas amigas de salão de beleza! Comigo não precisa, não. Outra coisa: só estou aqui por causa da vovó! Por mais maluca que ela seja, é minha vó, é sangue do meu sangue e é o mínimo que posso fazer.

Todos ficaram em silêncio e Sílvia dá a partida, sentindo um enorme remorso por ter sido tão fraca na educação da sua filha do meio. O que Sílvia deu como exemplo esses anos todos? Paula está certa! Cinismo é seu sobrenome.

Eles entram no hospital, solicitando pela paciente Clara Letícia Montenegro Pires. A atendente diz que a paciente está na UTI realizando uma bateria de exames. Indica para a família a sala de espera, onde encontram Paulo Cesar cochilando. Assim que ouve os ruídos de passos, ele desperta e se levanta, alarmado, limpando o canto da boca.

— Paula! Minha nossa, você nos matou de susto! Você sabia disso? Sua irresponsável!

— Paulo Cesar, não crie caso aqui no hospital, pelo amor de Deus! Tenha modos!

— Não ligo! Eu tô aqui só pela vovó, depois vou embora de novo e espero não ter que ver vocês tão cedo! Parecem assombrações. Cruzes!

— Baixe seu tom, garota malcriada! Baixe seu tom! — Paulo ergue o indicador em riste e quase toca o nariz da filha.

— Tira esse dedo podre da minha cara — rosna Paula.

— Ei, ei! Já chega, tá bom? — Bianca intervém, entrando entre os dois. — Será que podemos ter uma conversa civilizada ao menos uma vez na vida? Pode ser? Demorô?

Os dois se separam, ainda se encarando muito. Cada qual ocupa uma das cadeiras. Sílvia está trêmula pelo nervosismo e pela cena completamente desagradável que estão fazendo. Outras pessoas já os encaram e ela pensando quão patéticos eles são. Ela que queria ser e ter uma família exemplo, acabou percebendo que eles eram muito ao contrário disso. O exemplo? Só se fosse de desunião e má educação. Ou seja, eles são exatamente um exemplo, porém, a não ser seguido. Está tudo errado, precisa ser consertado, nem que o conserto fosse à base de privações.

— Pessoal, vamos tentar cooperar, sim? Vovó está mal e precisando de nós! Acho que essa é a hora de a gente ser uma família de verdade!

— João, você é utópico — Bianca diz entristecida.

— Pode ser que eu seja mesmo, mas esse não é o momento para brigas. Isso se pode fazer em casa, longe dos outros que não têm nada a ver com nossas vidas e particularidades.

— Ele tem razão — Sílvia pontua temerosa. — Vamos só ficar em silêncio e esperar pelas notícias.

— Concordo.

— Tá, eu concordo também.

— Não vejo melhor escolha. — Paulo Cesar cruza os braços.

— Ótimo! Se alguém tiver algo a dizer, que seja dito baixo e sem farpas ou ironias. Vamos fazer de conta que somos desconhecidos, que não temos problemas uns com os outros. A vovó vai agradecer.

— Eu tenho uma coisa para perguntar — Sílvia fala.

— Pergunte, mãe.

— Paula, você vai mesmo morar lá naquele lugar? — Sílvia está esperando os gritos, mas precisa fazer a pergunta. João olha para Paula, dizendo só com o olhar para ela não ser rude.

— Vou sim. Lá eu me sinto em casa. Além do mais, eu tô sempre lá, muito mais do que na casa de vocês, se é que repararam.

— Filha, você é bandida? Você tá envolvida em crimes? — indaga a mãe, com a voz embargada e preocupada.

— Não sou bandida, não faço mal pra ninguém! Só não gosto que mexam no que é meu. No mais, eu sou limpa.

— Mas e aqueles caras mal encarados? Aqueles cidadãos... Eu quase fui assaltada! Filha, você usa drogas?

— Mãe! Fala baixo! Eu não quero conversar sobre isso.

— Paula! Você usa! Ah meu Deus!

— E a senhora por acaso não usa? Eu não sou drogada! — Sílvia ouve a frase e levanta-se.

— Você era um bebê tão lindo — diz, perto de Paula. — Vocês duas eram! — Olha para Bianca.

— Não somos feias. Só somos diferentes. A beleza não segue padrão, dona Sílvia — Bianca contribui.

— Não estraguem a vida de vocês. É isso que eu quero dizer.

— Ah, mãe...

— Me respondam: qual a pessoa que vocês mais têm pena ou raiva ou tudo junto?

— Da senhora.

— De você — As duas respondem na hora.

— Pois bem: saibam que estão se tornando versões ainda mais esquisitas de mim. Eu também me drogo, todos os dias, várias vezes ao dia. Sou dependente química porque não consigo viver a realidade. Eu quero fugir dela e me enganar. Não pensem que eu não sei disso e não pensem que com vocês é diferente. Vocês usam pra curtir festas e relaxar. Eu uso pra curtir a ilusão de paz e durmo. Vocês são iguais a mim e eu não quero isso pra vida de vocês. Mudem! Mas por vocês! Sei que fui e sou uma péssima mãe, mas eu me arrependo disso a cada momento. E eu peço desculpas.

Capítulo 25



Sílvia termina seu pequeno relato, sai correndo e chorando até o banheiro. Os outros também ficam com o choro quase escapando pelos olhos. Eles têm ideia das suas próprias falhas para aquela situação.

— É... Eu acho que dá pra dar um pouco de razão a ela — Bianca pensa alto.

— Eu não consigo pensar sobre isso agora. São anos e anos de renegação, de descaso, de abandono. Eu não posso perdoar assim. Mas dá pra ver que ela foi sincera — Paula menciona.

— A mãe de vocês está cansada de sofrer. Ela precisa de apoio — o pai fala.

— O pai tá certo. Ninguém precisa perdoar agora, mas dar um tempo nas brigas... — João pondera.

As meninas assentem e o tempo passa. Paulo Cesar vai atrás de Sílvia e a encontra no caminho, ambos retornam e juntam-se aos outros no aguardo de notícias de dona Clara. Logo o médico aparece.

— Familiares da senhora Clara Pires?

— Sim! — João exclama, aflito.

— Me acompanhem.

João entra para a visita, ele prefere ser o último, dando prioridade aos mais velhos da família. Ele abre a porta devagar e encontra a avó repousando em seu leito, já no quarto e não mais na unidade de tratamento intensivo, porém ainda com tubos para facilitar a respiração, diminuindo o sofrimento.

— Oi, vó! — João prometeu que seria firme, ele não quer deixar a avó triste.

— Oi, meu filho... — balbucia com dificuldade, mas seus olhos brilham ao ver o neto, demonstrando o quanto ela estava feliz. Ele se aproxima, pegando nas mãos da amada avó.

— Como se sente?

— Daquele jeito, mas eu estou muito feliz.

— É? Como consegue ser tão otimista, vó? Me ensina?

— Tive uma vida boa, não tenho do que reclamar. Não preciso te ensinar, você já sabe tudo, João. Eu estou orgulhosa de você e muito descansada por ver que deu tempo... — com a voz arrastada e entre uma frase e outra, ela pausa para respirar e descansar.

— Ah, vó! Eu estou tentando, mas não estou pronto — o garoto funga.

— Não se preocupe... A gente nunca está totalmente pronto. Mas você está encaminhado, garanto! E eu vou estar com você, sempre. Eu te amo com todo o meu coração. — A frase sai baixa, mas o neto ouve cada palavra, lendo os lábios já branquinhos da avó.

Os olhos claros de Clara começam a se fechar, o corpo pede pelo descanso eterno e a alma quer voar. Clara sorri.

— Vó... — João libera o choro, o adeus se aproxima. Por mais que ele saiba que a avó está muito debilitada, ele não consegue se imaginar sem a presença iluminada dela em seu dia a dia. — Quem vai me contar sobre o clima, vó? Quem vai me dizer se vai chover? Quem vai me contar a cor do céu, vó?

— Ana — O nome vem simples e sem dificuldades.

— Vó? — João chora ainda mais com a menção de Ana.

— Sim? — Os olhos fecham pela última vez.

— Vó?

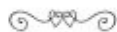
— Seu avô... — A voz já virou um sussurro. — Seu avô Henrique está aqui. Ah Henrique... Eu esperei por você. — João não vê, mas seu avô está no aguardo da sua amada de braços estendidos e lindo como na lembrança mais amável de Clara. — Ele veio me buscar, João... Eu estou... Tão feliz...

João levanta do banco e beija a testa da sua vovó, imaginando que não é um adeus e sim um até logo. Ela está indo viajar com seu avô, como nos mais belos sonhos.

E Clara vai de encontro a Henrique, flutuando para seus braços, linda como a mocinha da década de 50 que sempre foi. Eles rodopiam, abraçados, e desaparecem, indo para além do amor.

As lágrimas de João caem serenas, porque ele tem certeza de que a avó está feliz. A saudade vai existir, mas ele vai viver a bondade, os conselhos e o amor da avó todos os dias em sua memória e em seu coração.

O garoto deixa o quarto, os enfermeiros entram e a família o recebe com os olhos marejados porque já sabem que aconteceu. Uma paz mansa se instala e naquele momento de despedida, eles se unem na dor.



Três meses depois do enterro, João e Ana sobem de mãos dadas a rampa de acesso ao cemitério parque pela primeira vez. Cada qual carregando uma pedra nas mãos livres. A mais bonita que acharam, enfeitaram com pequenos adesivos coloridos e brilhantes.

Juntos, eles encontram a lápide no gramado impecável e sentam-se lado a lado, em posição de lótus. Ana recita uma oração e depois eles abrem os olhos e ficam tirando areia e poeira da lápide e ajeitando as flores dos vasinhos. Em seguida, depositam seus presentes com carinho. Ana trouxe a pedra *Faz de conta que é um livro* e João trouxe a pedra *Faz de conta que é música*. As duas coisas que Clara gostava muito.

— Já contou para sua avó que você escolheu psicologia?

— Graças a você e sua lista de atividades! Ouviu, vó? Serei psicólogo! — Infla o peito, sorridente por finalmente ter conseguido ver sua vocação. Adora conversar e ouvir; tem o coração sempre aberto e as melhores palavras de conforto para proferir; sabe ler as linhas escondidas; tem olhos que enxergam o que mais ninguém vê. Não fosse as tardes lindas que passou com Ana, nunca saberia que saber escutar e dizer coisas mágicas era seu dom. *Que belo dom*, Ana não cansava de repetir!

— Sua avó deve estar muito contente!

— Deve estar — pausa. — Ana, eu preciso te contar uma coisa que eu sei que minha avó quer que eu conte. Eu prometi a ela que te contaria. Eu até procrastinei essa tarefa. Dei um jeito de conseguir continuar te contando como estavam as cores do céu, das flores e das coisas ao redor, mas eu sei que estou errando, minha consciência me pune.

— O que foi? — questiona, sem entender do que ele fala.

— Talvez você se chateie muito comigo, mas eu não posso deixar você sem suas respostas diárias... Quero que me desculpe...

— João, eu não entendo.

— Ana, eu sou daltônico.

— Ah... — Ana sabe o que é ser daltônico e se surpreende por saber que João o é.

— Eu tenho o tipo mais raro chamado *Tritanopia*.

— O que é *Tritanopia*?

— Eu não vejo o que as pessoas dizem ser o azul. Eu só enxergo o vermelho e o verde. O céu azul da manhã sempre foi verde para mim.

— Um céu verde? Uau! Deve ser muito lindo! Porque nunca me disse que era verde?

— Porque seria mentira, não seria?

— Pra você, não seria mentira. Seria a sua verdade. Não é?

— Seria...

— Você não precisa pedir desculpas porque você não mentiu para mim. Você mentiu para si mesmo.

Então deve se desculpar.

— Não está chateada?

— E por que eu estaria?

— Você é incrível!

— Eu sou verde? — Ana pergunta e olha curiosa para os olhos de João.

— Não. Você é coloridamente linda.

— Se o céu não é azul celeste, anil, marinho, tutti-frutti e algodão doce, de que cor ele é e será todos os dias?

— Menta? Céu de Menta! O que acha, Ana?

— Eu gostei, João, gostei muito!

Eles sorriem um para o outro e o céu sorri também, feliz por sua nova cor.

Table of Contents

<u>Sinopse</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>